

UMA
SELEÇÃO DE
FOLHETOS
ESPIRITUAIS
SOBRE
ESPIRITUALISMO

John Worth Edmonds

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Uma seleção de folhetos espirituais sobre espiritualismo
John Worth Edmonds

Lançamento original:

A Selection of Spiritual Tracts on Spiritualism
John Worth Edmonds

Publisher Partridge & Brittan
New York / 1858 - 1860

Tradução: Wellington Alves
Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes
Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada
© 2021

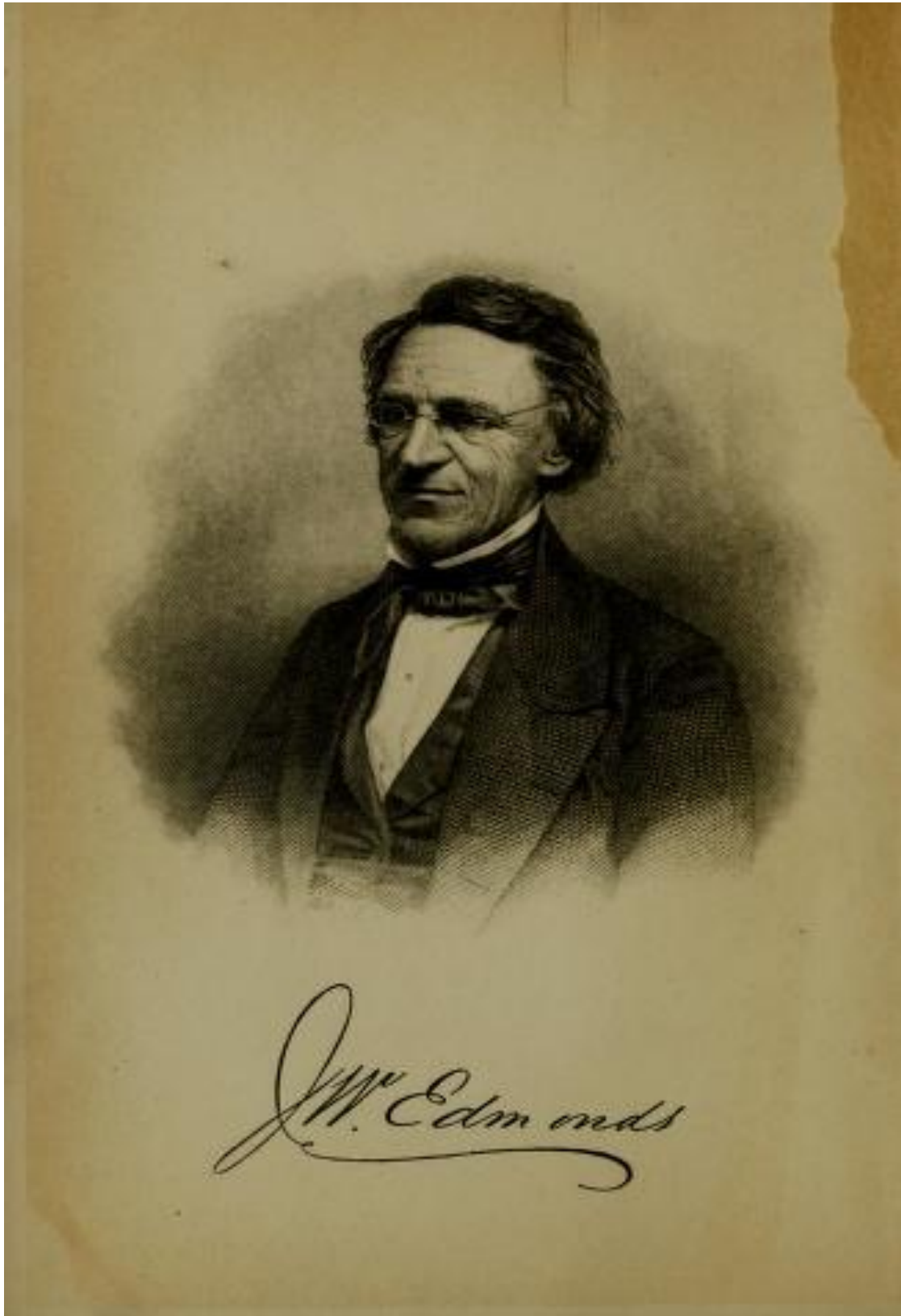
Distribuição gratuita:
Portal Luz Espírita
Autores Espíritas Clássicos



Uma seleção de folhetos
espirituais sobre espiritualismo

John Worth Edmonds

Nova Iorque
(1858-1860)



John Worth Edmonds (1816 – 1874)

O Juiz Edmonds foi um dos mais influentes espiritualistas americanos. Após uma bela carreira pública, como membro da Legislatura do Estado de Nova Iorque e, por algum tempo, Presidente do Senado americano e Juiz da Suprema Corte de Nova Iorque, ele se desligou da última posição devido aos clamores contra suas crenças espíritas e, especialmente, seu apoio às irmãs Fox. A filha do juiz, Laura, tinha habilidades mediúnicas. Ele foi considerado pelo Hon. Robert Dale Owen, autor de "Terra em Litígio" como um dos homens que mais conheciam o fenômeno espírita. Ele também é autor de um grande trabalho com George T. Dexter, MD, chamado *Spiritualism*, em dois volumes, editado em Nova Iorque entre 1853 e 1856.

Os tradutores

Trabalhador da primeira hora, o Juiz Edmonds veio neste livro, através de pequenos folhetos e cartas distribuídos aos periódicos da época, mostrar como e por que se converteu ao Espiritualismo, além de versar sobre diversos assuntos, como identificação dos espíritos, pretensas incongruências dos espíritos acerca da localização do Paraíso (as diversas moradas na casa do Pai), xenoglossia, "raps", mediunidade física, moral e mental, manifestações, etc. e o porquê das relações homens com os espíritos.

Notando-se a incrível semelhança nos pontos dados pelo autor com a Codificação do egrégio Allan Kardec, em França, separados por um oceano de distância, isso durante a feitura do próprio livro basilar da Codificação, o Livro dos Espíritos (1857), pode-se supor que, talvez, se o Codificador não tivesse aceitado tal missão, seria ele quem o substituiria na tarefa.

Os tradutores

Sumário

Folheto Espiritual Nº 1 - Apelação ao público sobre o espiritualismo -
– pág. 07

Folheto Espiritual Nº 2 - Bispo Hopkins sobre o espiritualismo -
réplica do juiz Edmonds – pág. 23

Folheto Espiritual Nº 3 - Incerteza de intercâmbio espiritual – pág. 37

Folheto Espiritual Nº 4 - Certeza de intercâmbio espiritual – pág. 50

Folheto Espiritual Nº 5 - Falas em muitas línguas – pág. 68

Folheto Espiritual Nº6 Cartas ao *New York Tribune* sobre
Espiritualismo – pág. 82

I. Introdução – pág. 84

II. Mediunidade – pág. 93

III. As Correntes – pág. 100

IV. Manifestações Físicas – pág. 105

V. Manifestações Físicas – pág. 111

VI. Testes de Mediunidade – pág. 117

VII. Médiuns Curadores – pág. 123

VIII. Falando em várias Línguas – pág. 130

IX. Médiuns Psicofônicos e Psicográficos – pág. 136

X. O Fim e o Alvo do Intercâmbio Espiritual – pág. 142

FOLHETO ESPIRITUAL Nº1

APELAÇÃO

AO PÚBLICO

SOBRE O

ESPIRITUALISMO

POR JUIZ EDMONDS.

Nova Iorque

1858

JUIZ EDMONDS, SOBRE ESPIRITUALISMO

Ao público:

Em meu retorno de uma recente jornada ao interior, descobri que, durante minha ausência, uma decisão pronunciada por mim tinha sido tomada como uma oportunidade para um ataque, de vários lados, às minhas crenças religiosas. Eu estava inteiramente cômico que aquele julgamento, correndo contra o sentimento popular, sujeitaria minha ação a severas críticas, porém, confesso que não antecipei que poderia dele sair um ataque contra minhas opiniões religiosas. Fosse eu um cidadão normal, contentar-me-ia em meramente clamar o direito que pertence a cada um neste país, o de abraçar uma fé - o mais importante de todos os tópicos - de tal modo como minha consciência poderia ditar-me. E, assim, eu talvez ficasse satisfeito com o desafio. Socorrer-me-ia apontar um único artigo em meu credo que visaria qualquer outra coisa do que uma virtude pública valorosa. Contudo, como a posição que eu ocupo rende a solidez tanto quanto a integridade de meu julgamento em uma matéria de interesse público, estou agrilhado ao conhecimento do direito de outros de questionarem minha fé e minha própria obrigação em defendê-la.

Eu reconheço mais uma obrigação. Na medida em que eu aceitei minha posição atual sob o entendimento implícito, pelo menos, de que eu acreditava na religião cristã e administraria nossas leis civis de acordo com os princípios da Lei Divina como nos foram revelados, sob a qual todas as nossas instituições foram baseadas, então sou obrigado a certificar àqueles que me confiaram com o atributo divino de administrar justiça entre os homens que minha reverência a essa

revelação não foi destruída, nem minha obediência àquela lei moral obstruída.

Não esperava, de todo modo, por esses ataques e ser pressionado com tais obrigações, porém por já os ter sofrido que eu preparei a publicação de um volume sobre o assunto, o qual, se não fosse pelas minhas outras ocupações já estaria nas mãos de editores. Nele darei elucidicações e provas de minhas crenças, cujos limites deste artigo não me permitem alongar e contento-me nesta ocasião com assertivas gerais que poderão dar uma idéia correta do que é o que eu acredito e tenho feito.¹ Mesmo isso não seria necessário se aqueles que me atacaram tivessem-me feito justiça por si mesmos publicando algo que eu disse ou escrevi a respeito. Porém, até agora fui capaz de alcançar o público apenas através de publicações de muito limitada circulação, e as mais erradas noções foram assimiladas como minha crença e a má-interpretação foi aumentada pela imprudência com a qual afirmações errôneas foram fabricadas por aqueles que não podiam sabê-las verdadeiras, porém que poderiam facilmente terem-se asseverados que eram falsas.

Assim um cronista², com uma falta de sentimento que talvez não seja surpreendente, falou de minhas consultas com minha esposa falecida pelas quais eu tomava minhas decisões. Outro disse sobre "rumores" de eu ter consultado manifestações espíritas para me dirigirem as decisões. Outro, que minha crença é "uma variação irreconciliável com toda revelação divina, e é nada além do que um trabalho demoníaco", e ainda outro, que "isso constitui um abandono de todo autocontrole e uma rendição da supremacia da razão, como informado e iluminado pelos sentidos, aos mais insensatos malabarismos."

Todas essas afirmações estão tão longe da verdade quanto podem e

¹ N. do T.: O autor refere-se à portentosa obra em dois volumes *Spiritualism*, sem tradução em português.

² *Daily Chronicle*, de Nova Londres.

eu posso, com alguma justiça, reclamar por ter sido submetido a tais imputações graves meramente porque tomei uma decisão que fora inaceitável a uma parcela da comunidade. Contudo não foi com o objetivo de reclamar que sentei para escrever. Tenho consciência que não é só por mim, mas pela crença que professo, que é o objeto do ataque. É "o tema poderoso e não o considerável advogado" que ofende. Eu também tenho consciência por que tantos erros existem na mente pública sobre tal assunto e meu alvo, tanto quanto creio que possa alcançá-lo, é corrigir tais erros - para afirmar verdadeiramente, tanto quanto posso aqui, aquilo que eu acredito e a base na qual minha crença está fundada - para que todo aquele que se interessar sobre a matéria e ler o que tenho a dizer tenha meios de julgar o que eu realmente acredito e não o que os outros erroneamente imputam-me como uma crença.

Sou sinceramente grato aos meus detratores por não me imputar quaisquer motivos fúteis ou egoístas, por conceder que como um cidadão comum eu "estou isento de críticas públicas", que eu "não" sou "um tolo" e por confinar-se a mera imputação que eu esteja trabalhando sob mistificação. É, além disso, a esse ponto que me confino à minha dissertação.

Foi em janeiro de 1851 que minha atenção foi primeiramente chamada ao "intercâmbio espiritual." Eu estava, à época, um tanto quanto afastado da sociedade, pois laborava sobre grande depressão. Ocupava-me somente com a leitura acerca da morte e a existência humana após a mesma. Eu tive, no curso de minha vida, lido e ouvido do púlpito tantas doutrinas contraditórias e conflitantes sobre o assunto que mal sabia no que acreditar. Não poderia, mesmo se quisesse, crer no que eu não entendia e estava ansiosamente procurando saber se após a morte nós nos encontraríamos de novo com aqueles a quem amamos aqui e sob quais circunstâncias. Fui

convidado por uma amiga a testemunhar as "batidas de Rochester"³. Aceitei, mais para agradá-la e para passar as entediadas horas. Pensei bastante no que havia testemunhado e determinei-me a investigar o assunto e descobrir o que era. Se fosse uma fraude ou ilusão, pensei que poderia detectar. Por quase quatro meses, devotei ao menos duas tardes por semana, e algumas vez até mais, a testemunhar o fenômeno em todas suas fases. Mantive cuidadosos relatos de tudo que testemunhei e, de tempos em tempos, comparava-os, para detectar incoerências e contradições. Li tudo que caía em minhas mãos sobre o assunto e, especialmente, tudo da professada "exposição da mistificação". Fui de lugar em lugar, vendo diferentes médiuns, indo a diferentes encontros, às vezes com pessoas que eu nunca havia me encontrado antes, em lugares totalmente desconhecidos por mim - às vezes no escuro, em outras na luz - com descrentes inveterados e com, mais freqüentemente, zelosos crentes. Por bem, aproveitei cada oportunidade que me foi concedida, cuidadosamente peneirando a questão até o fundo. Eu era todo o tempo um descrente e testei a paciência dos crentes com meu ceticismo, minha capciosidade e minha obstinada recusa de ceder na minha crença. Eu vi ao meu redor alguns cedendo por uma ou duas sessões apenas, outros novamente, sob as mesmas circunstâncias, admitindo certa descrença, e outros que se recusaram a testemunhar e se confirmaram descrentes. Não poderia imitá-los e recusei-me a ceder a menos sob o mais irrefutável testemunho. A prova veio e com tal força que nenhum homem não poderia manter sua fé.

Tão grande a questão que eu investigava, se o que eu vi foi produzido por meros meios mortais ou por algum agente invisível e desconhecido, se foi uma fraude, uma impostura ou o que fosse, era o produto de alguma causa desconhecida e invisível. Detalhar o que

³ N. do Trad.: menção aos julgamentos das irmãs Fox no Corinthian Hall, da cidade de Rochester.

testemunhei excederia os limites desta comunicação, pois meus escritos daqueles quatro meses sozinhos preenchem perto de cento e trinta páginas inteiras. De todo modo, mencionarei alguns pontos, o que dará uma idéia geral do que caracterizava as entrevistas, agora passando da casa das centenas. A maioria delas ocorreu na presença de outros além de mim. Preservei os nomes nos escritos, mas não os divulgarei, porque não desejo submetê-los ao escrutínio que parece, mais estranhamente, ser jogado a todos que vêem o assunto com qualquer outro sentimento além de uma resoluta e obstinada incredulidade, qualquer que sejam as provas. Porém, umas considerações advieram destes fatos: primeiro, que eu tenho muitas testemunhas que posso evocar para estabelecer a verdade de minhas assertivas e, segundo, que se eu fui iludido e não vi nem ouvi o que acho que vi e ouvi, minha ilusão foi compartilhada por muitas pessoas tão perspicazes, inteligentes, honestas e iluminadas como as que são encontradas em qualquer lugar ao nosso redor.

Minha atenção foi primeiramente chamada ao intercâmbio pelas pancadas, então bem comuns, mas agora o mais incongruente modo de comunicação. É claro que eu procurava por engodos, e primeiramente invoquei meus sentidos e as conclusões que minha razão tirava de suas provas. Porém, eu era incapaz de dizer como os médiuns poderiam causar o que eu testemunhara sobre tais circunstâncias: os médiuns caminhavam pela sala, quarenta ou cinqüenta passos e as pancadas eram distintamente ouvidas metros atrás deles, pela distância inteira, à frente e por detrás várias vezes, sendo ouvidas perto do cimo de uma porta de mogno, onde o médium não podia alcançar e como se fosse batido por um punho forte; do soalho de um carro em movimento, em uma estrada, e no chão e na mesa, quando sentado no almoço, em uma lanchonete de estrada; em diferentes partes da sala, às vezes muitos metros

distante do médium, e onde ela não poderia alcançar - às vezes na mesa e imediatamente após no chão e de volta a diferentes partes da mesa, em rápida sucessão, capacitando-nos a sentir a vibração tão bem quanto ouvir os sons; em outras, quando as mãos e pés do médium estavam firmemente e cuidadosamente seguras por alguém da sessão, e finalmente em uma mesa onde ninguém tocava.

Após depender de meus sentidos, naquelas várias fases do fenômeno, eu invoquei a ajuda da ciência e, com a assistência de um reputado eletricitista e seu maquinário juntamente com oito ou dez pessoas inteligentes, educadas e perspicazes, examinei o assunto. Conduzimos nossas pesquisas por muitos dias e estabelecemos duas coisas: primeiro, que o som não era produzido por qualquer pessoa presente ou perto de nós e, segundo, que não estavam próximos à nossa vontade e prazer.

Entretanto, outra apresentação atraiu minha atenção e eram "manifestações físicas", como foram batizadas. Ali, vi uma mesa de pinho com quatro pernas elevar-se do chão, no centro de um círculo de seis ou oito pessoas, virar-se de ponta cabeça e baixar ao chão perto de nossos pés, depois subir sobre nossas cabeças e colocar-se lentamente atrás do sofá no qual sentávamos. Eu soube que a mesma mesa se colocara sob duas pernas com o seu tampo em um ângulo de quarenta e cinco graus em relação ao chão, quando nem caiu sobre si mesma nem poderia qualquer pessoa presente pô-la de volta sob as quatro pernas. Eu vi uma mesa de mogno, tendo apenas um pé central e com uma lâmpada ardendo sobre si, se levantar do chão uns trinta centímetros, a despeito dos esforços dos presentes e ir para frente e para trás como se alguém a fizesse mover sem que a lâmpada se mexesse. Vi a mesma mesa virar de ponta cabeça, de modo que a lâmpada deveria ter caído se não estivesse sendo segura por alguma coisa além do próprio peso, porém, nem caiu nem

se mexeu. Sei de uma sineta de jantar tirada de uma alta prateleira em um armário, voar acima das cabeças de quatro ou cinco pessoas, então correr pelo cômodo sobre as cabeças de doze ou quinze pessoas na sala de estar, passar pela porta dos fundos e então cair pesadamente ao chão. Eu freqüentemente ouço sobre pessoas puxadas por uma força que era impossível de se resistir, e uma vez, todas as minhas próprias forças foram adicionadas em vão para segurar um dos afetados. Sei de uma cadeira de mogno jogada de lado e movida suavemente pelo chão, com ninguém a tocando, por uma sala onde havia pelo menos uma dúzia de pessoas e parava repetidas vezes a poucos centímetros de mim, sendo que da última vez com tal violência que quase quebrou minhas pernas.

Não é nem um dízimo, nem uma centésima parte do que eu já testemunhei, porém é suficiente para mostrar a natureza geral do que estava perante mim.

Ao mesmo tempo, eu ouvi de outros, cujos testemunhos podem ser creditados em qualquer transação humana, os quais não me posso permitir a desconsiderar, contos de performances ainda mais extraordinárias.

Enquanto essas coisas aconteciam, apareciam nos jornais várias explicações e "exposições de mistificações", como eram chamadas. Eu li-as cuidadosamente, na expectativa de ser assistido nas minhas pesquisas, e não podia nada fazer além de sorrir para as temeridades e futilidades das explicações. Por exemplo, enquanto certos professores em Buffalo se congratulavam em ter descoberto dedões e juntas estalantes, as manifestações naquela cidade mudaram para o toque de um sino debaixo da mesa. Eles eram como a solução dada por um eminente cientista na Inglaterra, que atribuía os tapões nas mesas à força das mãos que ficavam apoiadas sobre ela, esquecendo o fato material de que as mesas freqüentemente moviam-se quando

não havia mão alguma sobre elas.

O que acima mencionei aconteceu na presença de outros tanto quanto na minha. Não aludi a nada que houve acontecido quando estive sozinho, pois isso depende apenas de meu testemunho, portanto, preferi não submeter sua veracidade às imprevidentes e maldosas contradições daqueles que se aventuram a denunciar como uma "impostura atroz" o assunto no qual são profundamente ignorantes e que foram examinados e cridos por milhares e dezenas de milhares de concidadãos, que, para dizer o mínimo, são tão honestos e inteligentes quanto eles. Nem eu estou muito ansioso para submeter minha fé ao julgamento daqueles que perseguiram Galileu até a morte por descobrir nosso sistema planetário e ser unido aos gritos de "tolo" ao barco a vapor de Fulton, "mistificação" ao telégrafo de Morsel e "insanidade" à ferrovia de Gray.

Tendo, após uma longa série de paciente pesquisa, satisfazendo-me nesse ponto, parti para minha próxima pesquisa. De onde vem à inteligência que está por trás de tudo isso? Pois tal inteligência era uma característica marcante do fenômeno.

Assim, tenho freqüentemente tomado conhecimento de perguntas mentais sendo respondidas, isto é, questões meramente enquadradas na mente do interrogador e não reveladas por ele ou conhecida por outros. Preparando-me para uma sessão, sentei-me sozinho em minha sala e cuidadosamente preparei uma série de questões para serem propostas e, para minha surpresa, descobri-as respondidas na precisa ordem a qual as escrevi, sem retirar meu caderno do bolso e quando eu tinha certeza de que nenhuma pessoa presente sabia da preparação prévia das perguntas, muito menos que eram meus mais secretos pensamentos, os quais nunca teria revelado a homem ou mulher mortal, elas foram faladas livremente, como se eu as tivesse revelado. Propósitos que eu privativamente

mantive foram publicamente escancarados e mais de uma vez fui admoestado pela inteligência que se manifestava acerca de meus pensamentos.

Ouvi médiuns que usam palavras gregas, latinas, espanholas e francesas, quando sei que não possuem conhecimento de nenhuma outra língua além da materna; e é um fato que pode ser atestado por muitos, que às vezes falam e escrevem em línguas estrangeiras e desaparecidas, as quais lhes são totalmente desconhecidas.

Ainda assim a pergunta persiste, poderá tudo isso ser, por alguma operação misteriosa, mero reflexo da mente de alguns dos presentes? A resposta era que os fatos que foram comunicados eram desconhecidos, porém foram verificados verdadeiros, por exemplo: quando eu estava ausente inverno passado, na América Central, meu amigo na cidade ouviu sobre meu paradeiro e minha saúde sete vezes, e quando retornei, ao comparar suas informações com os relatos em meu diário, foram confirmadas invariavelmente. Então, em minha recente visita ao Oeste, meu paradeiro e condição foram ditos a um médium desta cidade enquanto eu viajava na ferrovia entre Cleveland e Toledo. Então, pensamentos foram revelados sobre assuntos que não estavam então em minha mente, e em completo desacordo com minhas próprias noções. Isso ocorre regularmente comigo e com outros, como que para estabelecer plenamente o fato de que não fora a nossa mente quem deu luz ou afetou a comunicação.

Iguais a isso são dois bem autenticados casos de pessoas que podem ler os pensamentos nas mentes dos outros. Um é de um artista da cidade de alta reputação e outro, o editor de um jornal de uma cidade vizinha. Este me escreveu que, na companhia de três amigos, ele fez um experimento e por quarenta tentativas sucessivas descobriu que podia ler os pensamentos secretos de seus

companheiros assim que eram formados e sem eles terem sido revelados. Então, também, há um exemplo de duas pessoas, uma delas também residentes nesta cidade, que dão uma descrição fiel da personalidade e até mesmo o humor predominante da mente de qualquer pessoa, de todo modo desconhecida deles, sobre os quais fixam a sua atenção.

Esses não são casos apócrifos. As partes estão à mão, e no nosso meio, e qualquer pessoa que quiser pode fazer a investigação, como eu fiz, e se satisfazer.

Contudo, tudo isso, e muito, muito mais de uma natureza cognata, veio mostrar-me que havia uma inteligência de alta ordem envolvida nestes novos fenômenos - uma inteligência externa e além da mera sapiência mortal; pois não havia outra hipótese a qual eu vislumbrava ou ouvia que poderia tudo explicar, cuja realidade é estabelecida pelo testemunho de dezenas de milhares, e pode facilmente ser asseverada por qualquer um que se imponha o problema de inquirir.

Se esses dois pontos estão estabelecidos - e há agora nestes Estados Unidos centenas de milhares de seres sapientes que investigaram e acreditaram - então vêm estas importantes questões, *Cui bono?*⁴ Para qual fim afinal? Para qual propósito? Com que objetivo?

A estas que eu dirigi minhas recentes atenções, devotando a tarefa mais de dois anos todo o tempo livre que eu pude colocar, e aumentando tal tempo o máximo possível ao retirar-me de todas as antigas formas de lazer. Fui de corrente em corrente, de médium em médium, procurando conhecimento sobre o assunto onde quer que eu pudesse ir, seja de livros, seja por observação, e utilizando a inteligência de que eu fui dotado pela natureza, afiada e melhorada pela prática de trinta anos no tribunal, no Legislativo e no Judiciário.

⁴ N. do T.: expressão latina que significa "a quem se beneficia?"

Eu descobri que havia muitos modos nos quais essa inteligência invisível comunicava-se conosco, além das pancadas e mesas batedoras, e que através desses outros modos vieram muitas outras comunicações distintas pela sua eloqüência, sua alta ordem intelectual e seu tom moral puro e elevado; ao mesmo tempo, descobri muitas inconsistências e contradições que foram calculadas para enganar. Eu vi muitas pueris e algumas afirmações muito absurdas, mas muitas outras que eram admiravelmente feitas para tornar o homem melhor e mais feliz, daí comecei a trabalhar para ver se eu poderia, fora desse caos, ajuntar algo que poderia ser de valor.

Estava satisfeito que alguma coisa a mais era pretendida do que a gratificação de uma curiosidade; algo mais do que a alcova de um apetite doente para algo maravilhoso, algo mais do que a promulgação de banalidades oraculares, algo mais do que perturbadores objetos materiais para a admiração do amante maravilhoso, algo mais do que dizer a idade dos vivos ou mortos, etc.

Por esse algo a mais que eu laboriosamente pesquisei. Eu pensava que era mais sábio do que condenar sem investigar e denunciar sem conhecer. O que eu descobri nesta experiência, intento doar ao mundo, que todos possam julgar por si mesmos que haja algo que valha a atenção de seres inteligentes. Isso teria sido feito se minhas horas vagas tivessem-me dado tempo de preparar meu manuscrito para a gráfica. Agora eu espero que meu livro seja publicado nos idos de Setembro, e para ele eu indico, como já disse, para minúcias particulares.⁵

Neste meio tempo, é-me, e a outros, devido dizer que nossa fé, crescendo destas pesquisas, não está "em desacordo irreconciliável com a revelação." Quão pouco fazem, quem perpetra tal ataque, idéia dessa matéria! Enganados pela crueza que sozinha é vista nos jornais

⁵ N.do T.: referência ao livro *Spiritualism*.

diários, porque matérias mais graves não podem ser ali admitidas, a idéia é, temo, entretida por algo que esta nova filosofia está em desacordo com a revelação do Cristo, o Redentor. Isto é decerto um triste engano e um que os crentes estariam muito felizes em corrigir, se apenas a oportunidade pudesse-lhes ser dispensada.

Então, também, é um grave erro supor que isso "constitui um abandono de todo autocontrole e uma rendição da supremacia da razão, como informado e iluminado pelos sentidos." Não havia ainda, digno-me a dizer, um credo religioso promulgado entre os homens, que tão inteiramente renega a fé cega e tão completamente demanda sempre o exercício de julgamento e a supremacia da razão.

Por isso é que somos ensinados que nenhuma dessas coisas extraordinárias que são testemunhadas por tantos sejam miraculosas ou fluem de alguma suspensão das leis naturais, porém, estão em conformidade e executadas por essas leis; que, como a locomotiva e o telégrafo magnético, são maravilhosos apenas àqueles que não os entendem ou não são familiarizados com eles; que tais leis, e os meios pelos quais produzem os resultados, são aptas de serem descobertas por pesquisa humana; que o conhecimento não está confinado a poucos, mas aberto a todos, ricos ou pobres, nobres ou plebeus, sábios ou ignorantes, àqueles que saibam pacientemente pesquisarem e que quando for atingido não será nada além do trabalho do coração, "um caminhar mais perto de Deus", e um intercâmbio com nossos companheiros de mais elevado caráter, isentos de egoísmos e devotados ao absoluto avanço de todo conhecimento e bondade, ambos neste mundo e no do porvir.

Isto é uma parte do que averigüei em minhas pesquisas. Porém, ainda há mais. Há aquilo que conforta o enlutado e rejunta o coração partido; aquilo que suaviza a passagem ao túmulo e tira da morte seu horror; aquilo que ilumina o ateu e nada pode além de reformar o

viciado; aquilo que anima e encoraja o virtuoso contra os julgamentos e vicissitudes da vida e aquilo que demonstra ao homem seu papel e seu destino, deixando-o não mais vago e incerto. O que isto é, não posso, nos limites desta carta, explicar, porém no devido tempo o será e cada um poderá julgar per si.

Mas agora posso eu perguntar se superestimei a importância do assunto de minhas inquirições? Um pouco mais de quatro anos se passaram desde que as "batidas de Rochester" ficaram famosas. Então, médiuns podiam ser contados em uma mão, agora são milhares - então, os crentes poderiam ser contados as centenas, agora por dezenas de milhares. É crida pela melhor informação que todo o número nos Estados Unidos deva ser muitas centenas de milhares, e que nesta cidade e suas vizinhanças devam ser de vinte e cinco a trinta mil. Há dez ou doze jornais e periódicos devotados à causa e a Biblioteca Espiritual embarca mais do que uma centena de diferentes publicações, algumas das quais já atingiram a tiragem de dez mil cópias. Além da inconfundível multidão, há muitos homens de altas patentes e talentos entre eles - médicos, advogado e clérigos em grande número, um bispo protestante, o venerando presidente de uma faculdade, juizes de nossas altas cortes, membros do Congresso, embaixadores estrangeiros e ex-membros do Senado Nacional.

O que tem, assim, espalhado com rapidez tão maravilhosa, apesar do ridículo que impediu muitos de uma confissão aberta, o que atraiu a atenção de muitas das melhores mentes entre nós, pode não ser inválido de minha investigação, ou de pessoa mais sábia e mais confiável do que eu.

Agora, passou um ano que minha peculiar fé foi assunto de comentários públicos. Durante todo o tempo, mantive-me silente àqueles ataques, contentando-me a continuar minhas investigações

até que pudesse chegar a resultados satisfatórios. Talvez, estive calado por muito tempo, pois, no meio tempo, muitas noções errôneas, como as da fé, foram disseminadas. Porém, eu estava relutante em falar até que tivesse certeza que eu tinha razão, para que eu não pudesse dizer alguma crueza que, eventualmente, eu fosse me arrepender, ou cometer algum erro que seria difícil de corrigir, ou, em suma, infelizmente induzido ao erro por minha ignorância em vez de sabiamente guiado por meu conhecimento.

Entrei na investigação originalmente pensando em fraudes e querendo tornar pública tal exposição. Tendo as minhas pesquisas, tirei uma diferente conclusão. Senti a obrigação de fazer conhecido que o resultado é muito forte. Portanto, principalmente, é por isso que eu dei o resultado ao mundo. Eu disse principalmente porque há outra consideração que me influenciou, e que é o desejo de estender a outrem um conhecimento que eu conscientemente sei posso fazê-lo feliz e melhor.

Se aqueles quem duvida disso pudessem despende uns poucos dias comigo em minha biblioteca e testemunhassem as chamadas que eu recebo de estranhos de todas as partes do país, se eles pudesse olhar meu portfólio e ler as cartas que derramam-se sobre mim de todas as partes e de pessoas que eu nunca vi e nunca verei, eles seriam capazes, a partir das provas assim decorados pelo bem que foi feito, de formar alguma noção do que pode ainda ser conseguido e eles não perguntariam se eu descobri uma compensação para o descrédito que é tão livremente amontoado sobre mim pelos ignorantes ou na efusiva gratidão dos corações que houveram-se, por meio intermédio, aliviados. Um deles disse (e é um justo exemplo do todo) "você fez o papel do Bom Samaritano e após linimentos nas feridas de alguém que iria morrer e deu, ao seu leito de morte, calma e esperança, o que poderia ter sido perturbado por dúvidas."

Este, então, é o delito pelo qual eu tenho sido acusado no tribunal do público com tão impiedosa condenação, declarado indigno de meu alto ofício, falsamente acusado de consultar qualquer outra coisa além da lei do país e a minha própria razão nos juízos que eu pronunciei oficialmente e tive evocado contra mim "os fogos de Smithfield e os cadafalsos de Salém." Com tal condenação, eu apelo ao julgamento calmo e imparcial de meus concidadãos, com uma firme confiança em sua justiça.

Nova Iorque, 1º de agosto de 1853.

J. W. EDMONDS

FOLHETO ESPIRITUAL N°2

BISPO HOPKINS,
SOBRE O
ESPIRITUALISMO

RÉPLICA DO JUIZ EDMONDS

Nova Iorque
1858

BISPO HOPKINS, SOBRE O ESPIRITUALISMO RÉPLICA DO JUIZ EDMONDS

O Reverendíssimo Sr. Hopkins, o Bispo Episcopal de Vermont, ultimamente tem oferecido um curso de palestras antes perante a Associação Cristã de Moços de St. Louis, dois dos quais devotou ao Espiritualismo Moderno⁶ e a mim relacionado a ele.

Ele admite o fato das manifestações, concedendo que não são uma ilusão ou engodo, porém ele declarou sua própria crença que toda a coisa resulta do trabalho direto do próprio Demônio. Ele confessou que nunca testemunhou qualquer das manifestações, ainda assim clama que poderia discutir justamente a matéria, etc.

Este é o propósito de suas palestras, como eu pude retirar das notícias dele no *St. Louis Republican* de doze e quinze de novembro de 1856.

Como ele tem assim me posto acima do mundo, denunciado por um alto dignitário da Igreja como agindo sob instigação do Diabo, creio que posso ser perdoado por dizer umas poucas palavras em defesa própria, especialmente como vou fazê-lo, limitando-me a uma breve tentativa de mostrar o que o Espiritualismo é e o que ensina.

1. Capacita-nos a conhecer os pensamentos e motivos, as intenções secretas e caráter daqueles que estão vivendo conosco. Várias vezes isso foi demonstrado, ainda assim aventurar-me-ei a dizer que o Bispo nunca ouviu falar, pois se já tivesse, certamente estaria tão pronto quanto qualquer um para ver, nesta demonstração de Espiritualismo, que é uma melhor proteção, prevenção até, contra a

⁶ N. do T.: como era, e ainda hoje o é, chamado o Espiritualismo nos Estados Unidos.

hipocrisia e falsas pretensões do que todas as pregações do mal que o mundo tem proporcionado.

2. Permite-nos a sentir e saber que nossos mais secretos pensamentos são conhecidos pelas inteligências do mundo espiritual, qualquer que seja o caráter de tal inteligência, boa ou má. Foi-nos ensinado por séculos que a Suprema Inteligência sabe cada pensamento nosso. Ainda assim, como poucos realmente perceberam isso - quão poucos têm agido como se acreditassem nisso, deixemos os pecados e perversões da humanidade dizerem por si. Mas, agora, vem a demonstração que nenhum homem pode duvidar. É um fato tão certo quanto o sol brilhar ao meio-dia. E eu perguntaria, que maior prevenção dos vícios poderia existir do que a convicção que os mais profundos segredos de nossos corações são todos conhecidos pela Inteligência que nos circunda e pode cornetá-los ao mundo?

3. Demonstra a imortalidade da alma ao apelar diretamente aos sentidos. O apelo até então tem sido o raciocínio abstrato para se provar, e que a dispraxia tem participado desse esforço, ninguém sabe melhor do que o próprio Reverendíssimo. Ele foi advogado no passado e a mentira é consciente, pelo seu conhecimento do mundo, adquirido aqui e em outros lugares, sendo que a maior parte da classe educada entre nós não se rendeu à razão, e tem sido, para dizer o mínimo, cética quanto a existência após esta vida. Mas agora as provas vieram com uma força que estabelece os fatos igualmente aos que estabelecem que a grama cresce e a água flui e não deixa espaço para sofismas na mente sã. No livro o qual o Bispo cita tão livremente⁷ - embora eu não saiba qual parte ele citou - mais de vinte exemplos são dados de conversão de um descrente quanto ao futuro. Aqueles são alguns poucos casos que estão dentro do meu próprio

⁷ meus dois volumes publicados sob o nome *Spiritualism*.

conhecimento. Eles são contados as centenas de milhares dentro do conhecimento de espiritualista por toda a nação, e mostram quão poderoso, quão controlador é o argumento em favor da imortalidade do homem, que o intercâmbio espiritual fornece, muito mais convincente do que todas as rezas que os sujeitos de tais conversões já ouviram por todos esses anos.

4. Demonstra-nos que os espíritos de nossos amigos falecidos podem e comungam conosco, aqueles que eles deixaram para trás. A substância da posição do Bispo neste tópico é de negação do fato, por mentiras que falam da "tola e insensata suposição de que espíritos de nossos amigos falecidos estão sofrendo ao permanecer na Terra e ao se misturar nos assuntos dos homens", e da "infelicidade que seria para eles permanecer entre contendas e tristezas as quais não poderiam aliviar."

O mesmo curso foi uma vez levado por outro prelado acerca das manifestações em si mesmas, e foi "tolo e insensato" supor que elas eram qualquer coisa além de ilusão e engodo. Porém, ele e muitos outros companheiros de vocação foram obrigados a ceder às forças de esmagadores testemunhos e admitir sua realidade. Assim seria com ele sobre este ponto, se ao invés de persistir na ignorância do assunto (o qual ele ostenta, por sua consciência), investigasse por si mesmo, ou tomasse o testemunho daqueles que investigaram. Ele aprenderia então que a identidade de nossos amigos falecidos é muito claramente dada para que aja dúvida em uma mente racional. Veria, também, quão perseverante é o amor que eles nutrem por nós - que o frio túmulo não esfriou seu ardor, e que seus cuidados e simpatias por nós outros não foram removidos por tal imensurável distância de nós, como ele ensina, porém eles estão sempre perto e ao nosso redor, levando-nos em frente à meta que em seu credo é muito distante para compreender, contudo é agora trazido tão

candidamente que podemos entendê-lo e aprender como atingi-lo. Ele aprenderia que seria não mais que uma fonte de alegria para nossos amigos falecidos assim trabalhar pela redenção dos pecados, do que agora para ele em suas funções ministeriais liderar um pecador a repetência, e descendo de sua posição confortável da cátedra episcopal para entrar no bordel ou na cadeia, e levantar um irmão errante com a luz do Evangelho. Aprenderia embalar o coração enlutado com tal conforto como se ele nunca tivesse nascido, e falando a ele, em tais tons efetivos, de justiça e julgamento que virão. Aprenderia, por fim, se ainda não o tivesse, que não seria tão grande infelicidade para a mente cristã permanecer entre contendas e tristezas, onde pudesse simpatizar mesmo se não pudesse aliviar, e veria, praticamente, que não há mágoas pela humanidade sofredora, cujo Paraíso, através de seus mensageiros, não possa curar.⁸

5. Demonstra-nos, também, que através desta influência espiritual - seja isso o que for - o doente é curado, o cego pode enxergar, o parálítico, andar e o "demônio é expulso" daqueles que estão possuídos.

Essas são algumas das maravilhas que agora estão em progresso nesta nação pela influência que é estigmatizada pelo seu reverendo prelado como demoníaca. Há centenas de milhares de testemunhas de sua existência ao nosso redor em toda parte, e cada homem que se preze pode vê-los por si só. Poderia arrolar muitos, muitos exemplos mesmo, porém, os limites deste opúsculo proíbem e ainda tenho algumas poucas palavras para dizer neste tópico.

O bispo diz que "nenhuma das tão-faladas descobertas eram mesmo novas à humanidade como verdades proclamadas ou recebidas." Nisto ele está correto por demais. A grande lei que subjaz em toda a filosofia espiritual é aquela proclamada por Jesus de Nazaré - "Ame a

⁸ Pode também não obter a idéia de que como o próprio Deus desce às esferas de vício e miséria, para recuperar os que erram e confortar o sofrimento, não seria degradação para o espírito, assim, imitar a Deus!

Deus sobre todas as coisas e teu próximo como a ti mesmo." Tal é a lei, a qual por dezoito centenas de anos o mundo cristão professa acreditar - tal a lei que mais de trinta mil padres semanalmente rezam de seus muitos púlpitos neste país. Ainda assim, com que efeito? Deixem os fatos responderem. Fora de uma população de quase vinte e cinco milhões, nem cinco milhões professam-se cristãos, e os sectários dos quais esse reverendo prelado pertence não pode ser numerado mais do que uma centena de milhar.

Não é certo perguntar o porquê disto? É porque não há incentivo suficiente oferecido ao homem para superar o egoísmo de sua natureza material e obedecer essa lei de sua existência espiritual. Dezoito séculos demonstraram isso, e chegou o tempo que algo deveria oferecido para tal incentivo. Para executar a tarefa que é a grande missão do intercâmbio espiritual, e é, dia a dia, tão rápido quanto somos capazes de recebê-lo, executando, ao revelar para nós a condição na qual todos seremos lançados após a morte, que não podemos ajudar ao perceber quão necessário seja para nós obedecer a lei em vida. Assim como a criança chamuscada teme o fogo porque compreende o perigo, então o homem, quando ele compreender completamente o que é a natureza da existência que se segue a esta vida, estará sempre em guarda contra as tentações com as quais sua natureza animal constantemente o embosca.

Essa função negligenciada do sacerdócio o Espiritualismo agora executa em nosso meio.

E por que não? A Bíblia é cheia de exemplos. Um anjo apareceu a Agar, Gen.16; três, na forma de homens, apareceram para Abraão, Gen.18; e dois para Lot, Gen.19. Um chamou Agar, Gen.21; e Abraão, Gen.22; um falou com Jacó em sonhos, Gen.31; um apareceu para Moisés, Êxodo 3; um perante o acampamento de Israel, Êxodo 14; um se encontrou com Balaão, Números 22; um falou a todas as crianças

de Israel, Juízes 2; um falou com Gideão, Juízes 6; e com a esposa de Manoa, Juízes 13; um apareceu a Elias, 1Reis 19; um permaneceu na eira de Ornã, 1Crônicas 21; um conversou com Zacarias, Zacarias 1; um apareceu às duas Marias no sepulcro, Mt.28; um predisse o nascimento de João Batista, Lc 1; um apareceu a Virgem Maria, *ibid*; aos pastores, Lc 2; um abriu as portas da prisão de Pedro, Atos 5; dois foram vistos por Jesus, Pedro, Tiago e João, Lc 9; e um falou com João Evangelista, Apc.22

Não dirá que estes eram anjos - uma ordem distinta de seres além dos humanos, pois aqueles vistos pelos apóstolos eram Moisés e Elias, e que aquele visto por João, embora o chamasse de anjo, declarou a si mesmo ser seu servo e "um de seus irmãos, os profetas"⁹.

E agora não podemos perguntar se homem dos tempos antigos podia ver e falar com anjos - se, em eras anteriores, os espíritos de mortais falecidos podiam aparecer e comungar com aqueles ainda vivos - não podemos, repito, perguntar onde a natureza humana mudou para que a mesma coisa não acontecesse hoje?

Que disparate! Pois, às vezes, nas cerimônias da própria igreja do bispo clama seu povo a dizer "acredito na comunhão dos santos!" cujos artigos de sua religião dizem que "pode ser provada por mais alguns mandamentos das Sagradas Escrituras", e ainda que tal comunhão que é sacra apenas quando falada, ele teria de bom grado nos feito crer que é mau quando realmente praticada!

Brevemente, então, para resumir o argumento: Espiritualismo previne hipocrisia, detém a criminalidade, recupera o infiel, prova a imortalidade da alma, reconhece apenas um Deus e a responsabilidade do homem perante Ele, reforça a grande lei do

⁹ Nem falará do indigno caráter das manifestações de hoje, pois certamente a retomada do extraviado das "profundas danações da infidelidade" é de tanta importância quanto libertar Pedro da prisão temporária, ou contar a Agar onde encontrar água.

Criador por incentivos até agora desconhecidos pelo homem, cura os doentes, dá visão aos cegos, levanta os caídos, conforta o enlutado, goza a todos a máxima pureza da vida, ensina a caridade que é melhor chorar do que se alegrar com as falhas dos nossos companheiros mortais, e revela-nos nossa própria natureza e que é a existência na qual todos iremos quando esta vida fatalmente terminar.

E somos ensinados por um reverendo divino, que se situa em uma posição elevada quando chama "A Igreja de Deus" como se fosse do Diabo! Ai de mim! se for, por quais sinais deveremos então reconhecer o trabalho de Deus?

Contudo, a base da posição do Bispo, que o intercâmbio espiritual é satânico, parece ser encontrada nas revelações quanto ao retorno do espírito, depois de ter passado desta vida. Isso ele denuncia como bruto, material e terreno, além de conflitante com os sublimes ensinamentos dos Evangelhos, e, portanto, "diabólico!"

Não sei se parou para detalhar aos ouvintes que é a condição do futuro, de acordo com os Evangelhos, como ele a entende. Conheço essa tentativa muitas vezes pelos Teólogos Pais da Igreja, porém, nunca soube se dois deles concordaram em sua descrição. Considerando que, nestas revelações, não há discrepância quanto a este ponto.

Não vi que, ao ler extratos do meu livro, ele retirou-se da prática de sua vocação - nomeadamente, ao tirar passagens em particular de seus contextos, e depois dar-lhes um significado muito diferente do verdadeiro - uma prática que eu não percebo muito seguramente na lei ou no Evangelho, e que tenho visto ultimamente excitar os sorrisos de contentamento entre as mentes inteligentes da Igreja. Nem eu vi que ele chamou a atenção de seus ouvintes às razões dadas em meu livro (vejam página 62 do volume 2) de nossa fé nessa

matéria, para que possam ser aptas a julgar por si mesmos, ao invés de serem governados pela sua autoridade ou pela minha.

Mas ele parece ter se contentado com alguns extratos que tenderiam a provar sua posição e deixado o resto para lá.

Deixe que isso passe. E deixe-nos perguntar qual é a grande diferença entre nós nesse ponto, que faz meus ensinamentos "diabólicos", "anticristãos" e "positivamente dolorosos" e o faz ser santo, sublime e evangelizador?

Ele ensina ao homem, que ao morrer, repentina e maravilhosamente transforma-se - que ele sai da Terra, fora do alcance de suas preocupações, ansiedades e afeições - que passa a um estado de existência cujas condições são inteiramente desconhecidas, exceto que seja ou imutável miséria ou inexpressiva felicidade - que o estado de graça ou desgraça, no qual ele é primeiramente lançado, nunca muda e é eterna - e que sua condição de felicidade ou tristeza não é de sua própria criação, e não pode ser afetado por qualquer coisa que possa fazer em sua vida, mas depende - particularmente sua felicidade - de uma reconciliação vicária.¹⁰

Por outro lado, creio que o homem é criatura do progresso - que é seu destino desde o nascimento progredir pela eternidade, em direção a Deus - que nenhum homem é desviado deste destino - que desde que o homem não pode evitar, pode retardar ou acelerar sua consumação, e pode fazer intervalos no progresso por longas eras de felicidade ou torturas, quando obedece ou desagrade a lei de sua natureza espiritual, que é o amor de Deus e homem - que a morte é nada além da continuação desta vida e esta vida é nada além da preparação para a próxima - que se passa ao próximo estado de existência com todas suas faculdades, memórias e afeições, como as

¹⁰ ou, em outras palavras, que a infelicidade pode ser causada por nós, mas a felicidade não.

cultiva ou as perverte aqui - e que nós somos, por enquanto, até nossas mentes se tornarem elevadas, cercados por todos aqueles objetos que foram inculcados o bem-estar ou angústia que ganhamos por nós mesmos.¹¹

Tal é, em suma, a diferença entre nós. Não pararei aqui para perguntar qual é mais aceitável para a mente racional e qual é melhor apoiada pelas Escrituras!

Isso daria pano para as mangas. Contudo, perguntarei se há em minha crença alguma coisa que seja "demoníaca", "anticristã" e "dolorosa"? E responderei, não em minhas próprias palavras, mas naquelas de um dos Bispos da Igreja Episcopal deste país - um que frequenta a mesma Conferência de Bispos que ele, em Vermont.

Eu extraí de um sermão dado em Connecticut, em 1852 e publicado.

"Como terminei uma parte, eu ficaria feliz se o tempo me permitisse passar a pesquisa de outra questão bem mais interessante. Quais são as condições de nossa futura existência? A isso posso apenas aludir a um ou dois pontos gerais e então deixá-los com suas reflexões individuais.

Em primeiro lugar, previsão sem dúvida será feita a seguir pela cultura e exercício de todas as faculdades intelectuais e morais de nossa natureza. O Paraíso não será uma monotonia. Tudo que pertence a nossa natureza, que não seja sensual e pecaminoso, encontrar-se-á livre de escolhos para seu desenvolvimento. Nada então, do que aprendemos aqui, está perdido. Nenhum sabor elevado é cultivado em vão. Nenhuma afeição saudável declina ao toque da morte. Lá, são cepas de melodias, visões de belezas e santa amizade no mundo espiritual. Tudo o que Deus fez na Terra, e que o homem deixou intocado pelo pecado, é apenas um símbolo de algo maior e mais

¹¹ Como na idade adulta, nós superamos o nosso apego aos objetos que nos agradavam na nossa infância, por isso na vida de espírito com o tempo vamos superar o nosso amor para com os objetos que nos agradavam a vida terrena.

resplandecente na reserva do santo porvir. Que música será ouvida no Paraíso! Que perspectivas vão encantar os olhos! Que pensamentos serão ali proferidos! Que emoções serão embaladas! Que variedade de entretenimento e ainda assim, nada servil, nada egoísta! Como é então que encolhemos esse futuro? Por que a eternidade vem para nós com um vazio gélido - um mar sem litoral, gemendo e remoendo, sob um céu desestrelado, onde as almas flutuam, como débeis sem rumo, solitárias e desesperançadas? Porque há uma mancha de corrupção n'alma que precisa ser lavada - porque o senso do pecado nos faz temer.

Em segundo lugar observamos que, para o justo, o futuro será um lugar de constante e indefinido progresso. A lei desse progresso pode ser essencialmente a mesma que é agora, apenas que operará sobre condições grandemente melhoradas. Nunca alcançaremos um ponto onde pararemos e não avançaremos mais, pois então haveria diante de nós uma eternidade sem ocupação.

Todas as criaturas mortais são capazes apenas de uma limitada melhoria, porque limitada é sua existência. O homem deve avançar sempre, porque a vida é para sempre. O tempo indubitavelmente virá quando olharmos para trás para tudo aquilo que adquirimos e fizemos neste mundo, como agora respeitamos as experiências de nossa tenra infância e nos maravilharemos de que então pensávamos que éramos sábios.

E, finalmente, nosso destino futuro será em precisa concordância com nossos méritos e caracteres. Deveremos plantar o que colhemos. Começaremos nossa vida no porvir como terminamos esta aqui. Não há tal coisa como separação do homem de seu caráter, e não há tal coisa como separação do caráter de seu destino."

Tais são os meus sentimentos, também! Tais são os princípios que o Espiritualismo ensina! E agora, se eles são "demoníacos",

"anticristãos" e "dolorosos" para mim, paciência! O que eles devem ser para o reverendíssimo Bispo de Rhode Island, cuja linguagem é essa a que eu já citei?

Mais umas poucas palavras neste tópico e terminarei. Mal posso crer que o Bispo esteja corretamente entendido quando ele disse que a lei das Escrituras proíbe nossas comunicações com os espíritos de nossos falecidos amigos, tanto quanto lidar com bruxas e aqueles que possuem um espírito familiar. Pois eu nunca fui capaz de descobrir qualquer injunção nos Santos Escritos¹², nem posso conceber como isso pode ser, e Pedro, Tiago e João escaparam da condenação por verem Moisés e Elias, ou João, no Apocalipse, por se comunicar com o espírito que é "um dos seus irmãos, os profetas," ou Paulo obedecendo o espírito quando caiu cego no meio do caminho, ou Pedro quando ao ouvir as injunções para não chamar os gentios de impuros.

Contudo, é verdade que na lei de Moisés havia injunções contra lidar com bruxas, ou ter espíritos familiares. Mas o reverendo prelado quer dizer que seus ouvintes cristãos devam entender que aquela lei ainda continua sobre nós? Ele certamente deve querer dizer isso ou não citaria como prova de nosso "anticristianismo". Vejamos, então, onde isso o levaria. Uma parte daquela lei deve estar tanto obrigatória quanto outra, e ainda correto ao lado do que ele apela, são mandamentos, como estes:

Fala aos filhos de Israel, dizendo: Nenhuma gordura de boi, nem de carneiro, nem de cabra comereis. Levítico 7:23.

Das suas carnes (camelo, coelho, lebre e porco) não comereis, nem tocareis nos seus cadáveres; estes vos serão imundos. Levítico 11:4-8

Quando também fizerdes a colheita da vossa terra, o canto do teu

¹² Uma vez perguntei a passagem a um que insistia que a Bíblia continha tal proibição e recebi a resposta a citação de "do lugar de onde nenhum viajante retorna!" Confesso que fui malicioso o suficiente para replicar que achei isso em Shakspeare, mas não tinha consciência de sua existência na Bíblia.

campo não segarás totalmente, nem as espigas caídas colherás da tua sega. Levítico 19:9.

Semelhantemente não rabiscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro. Levítico 19:10.

Não cortareis o cabelo, arredondando os cantos da vossa cabeça, nem danificareis as extremidades da tua barba. Levítico 19:27.

Não vos virareis para os adivinhadores e encantadores; não os busqueis, contaminando-vos com eles. Levítico 19:31.

Também o homem que adulterar com a mulher de outro, havendo adulterado com a mulher do seu próximo, certamente morrerá o adúltero e a adúltera. Levítico 20:10.

Quando, pois, algum homem ou mulher em si tiver um espírito de necromancia ou espírito de adivinhação, certamente morrerá; serão apedrejados; o seu sangue será sobre eles. Levítico 20:27.

Seis anos semearás a tua terra, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás os seus frutos; porém ao sétimo ano haverá sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor; não semearás o teu campo nem podarás a tua vinha. Levítico 25:3-4.

E santificareis o ano quinquagésimo, e apregoareis liberdade na terra a todos os seus moradores; ano de jubileu vos será, e tornareis, cada um à sua possessão, e cada um à sua família. Levítico 25:10.

Quando edificares uma casa nova, farás um parapeito, no eirado, para que não ponhas culpa de sangue na tua casa, se alguém de algum modo cair dela. Deuteronômio 22:8.

Franjas porás nas quatro bordas da tua manta, com que te cobrires. Deuteronômio 22:12.

Nenhum bastardo entrará na congregação do Senhor; nem ainda a sua décima geração entrará na congregação do Senhor. Deuteronômio 23:2.

Não entregarás a seu senhor o servo que, tendo fugido dele, se acolher a ti. Deuteronômio 23:15.

Mas se houver morte, então darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe. Êxodo 21:23-25.

A feiticeira não deixarás viver. Êxodo 22:18.

Nem ao pobre favorecerás na sua demanda. Êxodo 23:3.

Seis dias se trabalhará, mas o sétimo dia vos será santo, o sábado do repouso ao SENHOR; todo aquele que nele fizer qualquer trabalho morrerá. Não acendereis fogo em nenhuma das vossas moradas no dia do sábado. Êxodo 35:2-3.

Mas basta - basta para toda consciência! Para mostrar às cândidas mentes as bases na qual esse "Reverendíssimo Padre de Nosso Senhor" funda suas denúncias. Nenhuma palavra é necessária, a menos que sejamos perguntados se perdemos inteiramente de vista o último ensinamento de Jesus "Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal"¹³ e do anúncio consolador que no comando de amar a Deus e uns aos outros dependem toda a lei e os profetas, sob a dispensação cristã?

J. W. EDMONDS.

Nova Iorque, 28 de novembro de 1855.

¹³ N. do T.: Mateus 5:38-39

FOLHETO ESPIRITUAL N°3

INCERTEZA
DO
INTERCÂMBIO
ESPIRITUAL

POR JUIZ EDMONDS.

Nova Iorque
1858

INCERTEZA DO INTERCÂMBIO ESPIRITUAL
CORRESPONDÊNCIA ENTRE O JUIZ EDMONDS E UM DISTINTO
ADVOGADO.

22 de setembro de 1856.

AO JUIZ EDMONDS,

Sr., perdoar-me-ás, sem dúvida, a liberdade desta carta advinda de um estranho. Adquiri vosso livro sobre Espiritualismo, o qual muito me impressionou. Eu, de todo modo, não sou espiritualista, porém um cândido investigador desses acontecimentos maravilhosos. Sem estar convencido de que são manifestações de espíritos, estou persuadido de que algo incrível e verdadeiro em tais exibições, e o que quer que sejam, é valoroso de - aliás, demandam - profunda e calma atenção e exame dos filósofos e de todos aqueles quem são, ou acham que são, devotos da ciência e conhecimento. Não posso resistir à convicção de que alguns grandes resultados e descobertas emergirão dessas misteriosas, incríveis e muito condenadas manifestações.

Eu disse que não sou um espiritualista, repito, contudo, ao mesmo tempo se eu tivesse vossa experiência pessoal no assunto, não resistiria as vossas conclusões, a menos que eu, ao mesmo tempo, duvidasse da sanidade de minhas faculdades mentais.

Só que essas coisas são tão estranhas e tão contrárias a todos os meus conceitos que nada menos que a evidência de meus próprios sentidos poderia trazer a convicção de minha compreensão. Enquanto que, portanto, a experiência de outros possam ser suficiente para me pôr de frente às pesquisas, devo ver e observar por mim mesmo antes de render-me às extraordinárias e aparentemente sobrenaturais ocorrências.

Tive, em toda minha vida, o hábito de peneirar provas e pesando-as na busca da verdade, e sempre achei a verdade difícil de se obter. Neste mundo, a verdade nua e crua mal é conhecida, e se a mais insatisfatória revelação de intercâmbio espiritual é aquela verdade, a verdade real, ela é incerta e desconhecida nas esferas mais altas. Porém, não quero dizer para perseguir essa idéia, mas digo que em minhas pesquisas forenses atrás da verdade, nada fora mais embaraçoso ou mais calculados a fim de produzir mais descrença do que discrepâncias entre as testemunhas. Em todas as afirmações que eu vi advindo dos espíritos, essas objeções destacam-se em alto relevo. Embora haja uma concorrência geral em algumas coisas, em muitas outras e naquelas de grandes momentos, há irreconciliável discórdia. E algumas das últimas não são abstrusas e metafísicas, como aquelas questões que embaraça a doutrina dos anjos caídos, providência, presciência, destino pré-fixado, livre arbítrio, etc., mas das quais qualquer mente inteligente encarnada ou desencarnada, seria competente para testemunhar mesmo se não entendesse, por exemplo, se as Escrituras são uma revelação de Deus? Nesse assunto, parece haver tantas sombras de opiniões nas esferas (para usar uma das frases) como na Terra. Então, de novo, sobre meras questões de ciência física, por exemplo, a localização do Paraíso ou das esferas. Enquanto vossos informantes dão a localidade em distâncias inconcebíveis, o Dr. Hare¹⁴ coloca as esferas em globos concêntricos sublunares. Como tais discrepâncias podem ser conciliadas? Ambas podem não ser verdadeiras, e parecem ter a mesma autoridade de cada lado da questão. Não espero uma resposta, pois vosso tempo é muito ocupado. Se achardes tempo, uma breve nota desta será aceitável. Se assim o fizerdes, encaminhe-a para. Ou se encontrardes tempo para escrever um artigo para o *Spiritual Telegraph* (do qual

¹⁴ N. do T.: Dr. Robert Hare (1781-1858), químico estadunidense, adepto do Espiritualismo desde 1854, escreveu o livro *Experimental Investigation of the Spirit Manifestations*, sem tradução em português.

sou leitor), ele alcançará minhas vistas e de muitos outros, provavelmente, que possuem as mesmas dificuldades.

Muito respeitosamente,

RESPOSTA DO JUIZ EDMONDS

Nova Iorque, 27 de setembro de 1856.

Caro Sr., só tenho uma coisa a queixar-me de vossa carta - que falastes sermos estranhos um ao outro. Não me esqueci de nossas antigas correspondências, e estou bem familiarizado com vossa caligrafia, quanto com vossos caráter e condição mental sobre o assunto do intercâmbio espiritual.

É quase uma coincidência que minhas palestras na Filadélfia do último domingo, e nesta cidade no domingo anterior, eu ter lidado com o mesmo tópico a que vos referistes. Assim lidei porque após uma longa investigação eu cheguei a solução de uma dificuldade que tanto me desconcertava também.

Devido à educação e ensinamentos religiosos que temos, ambos na juventude quanto na fase adulta - do púlpito e da escola - somos capazes de reter a noção de existência espiritual, do grande, se não, onisciente conhecimento, e se absorvemos a crença de que espíritos falam conosco, naturalmente esperamos que mostrem um conhecimento superior ao nosso. Esse é o grande erro, pois passamos ao mundo espiritual do mesmo jeito que cá somos, acerca do conhecimento, e não temos lá mais do que aprendemos aqui. Quando, portanto, um espírito fala conosco, não é com onisciência, mas com tal conhecimento apenas que ele já adquiriu. Há, portanto, infinitas variedades neste respeito entre os espíritos, dependendo da educação enquanto na Terra, oportunidades para aprendizado no mundo espiritual, capacidade intelectual e muitas outras coisas, as

quais, lá, tanto quanto cá, afetam o treinamento mental.

Na medida em que os espíritos falam de suas existências ou modo de vida, cada um deve falar naturalmente apenas do que tem observado, a menos que tenha tido a chance de aprender mais do que outros. Em todos os eventos a maioria dos ensinamentos incongruentes refere-se ao que os espíritos viram. Agora, lá como cá, não há dois que vejam precisamente a mesma coisa. Cada um vislumbra a cena ao redor de si, e não deve, portanto, de serem necessariamente as discrepâncias mesmas que vemos aqui, quando tomamos testemunhos humanos acerca de eventos humanos, ou mesmo cenários inanimados. Cada um olha de um diferente ponto de vista, e, portanto, devem existir diferentes relatos.

Então, também, há uma grande dificuldade no poder de observação e da faculdade de expressão. Nós vemos ao nosso redor homens que não podem ver nada claramente - outros, de novo, que vêem claramente, porém tem um modo obscuro e incapaz de se expressar. Essas peculiaridades acompanham o espírito na vida espiritual e marca seu intercâmbio conosco até que tenhamos avançado tanto para que possamos erradicar tais defeitos. Mas até lá, devemos avançar, será em vão esperar comunicações marcadas pela clareza de percepção e expressão que de tão bom grado supomos deva caracterizar todas as relações espirituais.

O simples fato de sua ausência tende a mostrar-nos a grande verdade, que é a mudança que a morte perfaz em nós, que, embora deixemos a natureza física para trás, intelectual e moralmente continuamos os mesmos, e a vida espiritual é nada além da continuação da vida mortal; que o homem real ou interior é o mesmo, com todos seus aprimoramentos e perversões, assim como ele era quando colocava de lado sua capa, mas com a vantagem de ter meios de obter maior conhecimento e menos obstáculos para sua

aquisição.

Então, há outra dificuldade na qual o mundo espiritual não é responsável, e que é aquela que a mente do médium possui e deve, mais ou menos, afetar as comunicações.

Suponha que estejais na Terra com desejo de aproveitar-se da mediunidade de qualquer pessoa para transmitir vossos pensamentos para uma terceira pessoa, isto é, enviar um mensageiro, a menos que vosso agente escreva a mensagem de vossos lábios, ou coloque vossas palavras na memória, é inevitável que a mensagem que ele levar deva ter marcas de sua característica mental. Ele converterá a idéia como a entenderá, e não de outra maneira; e estampará também suas peculiaridades linguísticas. Se ele é um irlandês, ele vai dar à luz com sotaque a uma mensagem concebida em inglês puro, ou se for um estrangeiro, a dará quebrada ou traduzirá em sua própria língua, e sujeito a isso todos os perigos de uma arte que requer muita prática para um bom desempenho - quero dizer a arte de traduzir de uma língua para outra.

Ocasionalmente, há exemplos onde parece como se o médium dá as precisas palavras do espírito. Porém, é raro, porque envolve uma série de coisas no médium, tanto físicas quanto mentais, que é muito difícil de alcançar, ou seja, uma exclusão da individualidade do médium - uma suspensão de sua própria vontade e controle espiritual, que seria não natural, muito dificultoso e perigoso e por isso necessariamente muito raro.

Os melhores exemplos que eu testemunhei são daqueles onde o médium fala em uma língua desconhecida dele, e estando todo o tempo cômico que fala, é inconsciente da idéia que está transmitindo. É para o médium como se ele estivesse proferindo uma algaravia sem sentido. Ainda assim, são seus órgãos de fala que estão sendo usados; e como tais órgãos não podem ser usados sem um

esforço mental, é complicada para mim a concepção de como mesmo neste caso a comunicação possa ser um exemplo de mácula do médium, embora eu confesso que é difícil, se não impossível, descobrir sua presença.

Contudo, a generalidade das comunicações - de longe a maioria delas, e que são de maior valor - são dadas de tal modo que são passíveis de serem afetadas pela mente do médium, porque são dadas através do uso, em qualquer grau, dos poderes mentais do próprio. Mesmo as manifestações físicas de batidas e tapas na mesa são exemplos desta marca.

Para vós, que por anos ocupastes uma cadeira na Chancelaria, na busca da verdade através dos labirínticos testemunhos humanos, não preciso dilatar as dificuldades e perigos emergentes desta causa. Uma positiva intenção de fabricar testemunhos causa-vos menos embaraços do que a perversão da verdade que surge de uma testemunha estritamente honesta, ou sua incapacidade de abraçar a verdade quando apresentou sua opinião. Eu senti o mesmo embaraço em meus labores judiciais, às vezes, com a soma resultante de um conjunto de incapacidade moral e mental na mesma testemunha.

E o que são médiuns além de testemunhas dando seus relatos ao Evangelho da Verdade, ou intérpretes de tais relatos, sendo testados por todas as regras cujas sabedorias e longas experiências declararam necessárias para a devida recepção de testemunhos humanos? Suas mediunidades são o resultado principalmente da organização física, e não, *ex mero motu*¹⁵, dá nenhuma mudança mental e moral que os excetuem de tais regras.

Há outras considerações que afetam os espíritos ao se comunicarem conosco que não devem ser negligenciadas. Por qual luz os espíritos

¹⁵ N. do T.: expressão latina que significa “por mérito próprio.”

vêm? Em qual maneira e por quais órgãos eles ouvem? E como eles enviam seus pensamentos ao e pelo médium?

Eles não vêem pela luz física que usamos, nem pela luz do nosso Sol, nem pelas nossas lâmpadas ou fogueiras. (Isso é verdadeiro como uma coisa geral, embora eu não esteja preparado para dizer que não possa haver exceções no caso daqueles que retêm muita matéria grosseira) Cada um, como eu entendo, gera seu próprio direito, que é maior ou menor de acordo com sua condição moral e intelectual, e são freqüentemente ajudados pelas luzes dos outros. Mas quanto é capacitado a eles ver a vida mortal ou espiritual que os circunda, é difícil de dizer. Isto, de todo modo, eu descobri, que há coisas imediatamente ao redor e perante si, em ambos estados de existência, que eles não vêem e de cuja presença são inteiramente inconscientes. Por exemplo, Bacon, que está a quase trezentos anos no mundo espiritual, com todo seu poder intelectual e cultura, esteve, enquanto se comunicava comigo, ignorante de que outros espíritos estivessem presentes. Um dos meus irmãos juízes, logo após sua morte, veio a mim e em sua comunicação estava ignorante da presença de outro espírito que permanecia ao seu lado, e que era tão visível para mim quanto ele era. E sem entrar em muitos detalhes, eu informo que tenho muitas mais provas desta cepa.

Igualmente para a audição, eles evidentemente não ouvem como nós. Tenho-os visto comumente ignorantes de sons audíveis para nós e que ocorriam na presença deles. Eu conheci um espírito que se comunicava inconsciente de uma trovada até ele descobrir o efeito em minha mente, e eu tenho observado que eles "ouvem" meus pensamentos tão bem quando eu não o profiro em voz alta como quando eu faço.

Então, de novo, como eles enviam seus pensamentos a nós - digo, como enviam ao médium através do qual os obtemos? Não é pelo

som de uma voz audível pelo médium, não é por uma figura visível às suas vistas, porém é de uma maneira que é difícil de entender e ainda mais difícil de descrever. Os Quakers ¹⁶ possuem uma expressão que é muito acurada: "é nascida dentro da mente." Ainda que não seja sempre assim, pois eu tenho freqüentemente visto um espírito e mantido conversações com ele sem a emissão de um som, ainda que percebo com facilidade e acuidade a idéia que ele quer emitir.

Não tenho palavras na qual seria capaz de descrever melhor. Já disse o suficiente, talvez, para mostrar-vos quão passível de erro o intercâmbio pode ser, e quão acurado ele depende de um treino intelectual e hábito do veículo mortal através de cuja instrumentalidade o pensamento do espírito é emitido.

Agora, pondo todas essas coisas juntas, há como se admirar que existam incongruências nas relações espirituais? Como os instrumentos usados tanto na existência espiritual quanto na vida mortal são imperfeitos, o intercâmbio tem de ser imperfeito. O que faríamos com uma perfeita revelação? Ou crucificaríamos como os judeus ou rejeitaríamos, como os gregos, como tolices descabidas.

Revelações do Alto devem vir a nós pelo homem. Vêm a nós daqueles que ainda não atingiram a perfeição, pelos médiuns que não são ainda perfeitos, e vêm aos homens que estão muito mais longe da perfeição. Devem então ser proporcionadas com as mentes pela qual elas vêm e adaptadas à capacidade daqueles a quem são endereçadas. Podem-se forçar as Cataratas do Niágara por uma pena de ganso? ¹⁷ E que proveito teria racionalizar com o selvagem das Montanhas Rochosas sobre um problema de seções cônicas, ou o

¹⁶ N. do T.: Quaker é o nome dado a vários grupos religiosos, com origem comum num movimento protestante britânico do século XVII, muitos radicados nos Estados Unidos. Estima-se que haja 360.000 quakers no mundo (estimativa de 2010), sendo a maior parte da África. E, segundo Arthur Conan Doyle, na "História do Espiritualismo", foram os primeiros a receberem os espíritos, notadamente de índios norte-americanos, e se comunicarem com eles.

¹⁷ N. do T.: penas de ganso eram muito utilizadas para a escrita, depois substituídas pelas canetas-tinteiro.

quadragésimo sétimo problema de Euclides? ¹⁸

Para mim isso é prova da maravilhosa sabedoria na adaptação das revelações do dia de hoje a presente capacidade mental da humanidade.

Ela avançou muito em capacidade e conhecimento em dois mil anos, e as revelações que agora vêm a nós são muito além daquelas dadas anteriormente, em magnitude e interesse. Ainda assim, muitas daquelas já dadas o mundo não recebeu, e muitas foram dadas que o mundo ainda ignora, e que rejeitaria inopinadamente como aquele que persistiu em negar a revolução da Terra, porque, como ele disse, "nós cairíamos no abismo."

Neste meio tempo, veio de tal maneira a não destruir ou rivalizar com nossa própria individualidade, e não interferir com a regra cardinal, que cada um deve trabalhar para sua própria salvação.

Devemos, portanto, pegar a prova como ela é dada a nós e, tiradas suas incongruências, devemos por nós mesmos perquirir a verdade como eu e vós estamos a fazer, quando exercitamos o divino atributo de administrar a justiça entre os homens. Devemos por nós mesmos seguir a verdade através de todas as suas estradas tortuosas até seus recantos mais escondidos, lembrando que é nossa condição que gera obstáculos no meio de seu caminho reto e em diante.

Então, também, devemos julgar por nós mesmos. A nossa razão é a imagem da Divindade dentro de nós, e devemos exercitá-la. Uma perfeita revelação viria a nós "com autoridade", e teríamos de prestar obediência, não julgamento.

A maldade que tanto tempo assombrou a humanidade é o erro contra o qual as revelações do dia de hoje ansiosamente procuram

¹⁸ N. do T.: Ou Teorema de Pitágoras, que provou que a área do quadrado construído sobre a hipotenusa de um triângulo retângulo era igual à soma das áreas de dois triângulos menores construídos sobre os catetos do mesmo triângulo. Para os ocultistas, o problema prova a afirmação que o triângulo é um símbolo da criação perfeita, porque contém tudo e sustentará tudo o que possa ser adequadamente construído sobre ele.

nos resguardar. Como poderia esta tarefa ser tão bem realizadas pelas muitas incongruências a que vós fazeis alusão? Somos compelidos por uma necessidade pura de raciocinar por nós mesmos e somos levados a resistir à tentação de deixar que outros pensem por nós.

Estás tão bem ciente quanto eu, que nossos problemas começam quando começamos a pensar por nós mesmos, e que a tentação de fugir de nossa ansiedade para alguma coisa que falaria "com autoridade" é quase irresistível.

Apenas para um povo tão cego quanto escravizado, como o israelita no Egito, é que a revelação vem como um mandamento - "Assim diz o Senhor." Para a mente educada, cuja razão fora cultivada para uma aproximação à grande mente de todas, se trata de concurso mais livre de seu exercício e envolve o homem na responsabilidade, não de obediência apenas, mas de modo a exercer os seus poderes a ele consoantes ao seu destino imortal e progressivo. Vem oferecer ao homem aquela liberdade que é seu direito de nascença - a liberdade de examinar e entender todas as leis do Grande Criador - a liberdade de se conformar com elas e a liberdade de ter sobre si as conseqüências de ultrajá-las.

Aqui está uma tarefa valiosa aos maiores e mais nobres poderes do homem, que se encaixa nela pelo seu destino de progresso eterno, e prepara-o para o sempiterno engrandecimento intelectual, que um dia o levará perto da Mente que trouxe um universo à existência.

Tenho-me esforçado a responder vossas perguntas tanto quanto posso. Eu as fiz imperfeitamente, porque necessariamente estou confinado às generalidades e compelido a ser breve e a contentar-me a meramente explicar cada tópico. Eu estou, de todo modo, nas esperanças que possuo, ao menos de ter aberto a vós uma trilha de pensamentos com os quais podeis tirar uma conclusão.

Uma coisa achei necessário me precaver e que era pular muito apressadamente para uma conclusão.

Como, por exemplo, vosso comentário que as revelações sobre a localidade das esferas, como as feitas pelo Professor Hare e eu mesmo, não podem ambas serem verdadeiras. Com que autoridade possuíis vós para dizer isso? Minha própria idéia é que ambas são verdadeiras e que, enquanto alguns espíritos são, de suas condições comparativamente pouco desenvolvidas, confinados perto da Terra e dentro das distâncias ditas pelo Professor, outros são mais refinados e sublimados, podem atravessar imensuráveis distâncias e observar, da grande criação, muitas coisas desconhecidas para nós. E isso, como eu entendo, é parte do progresso do espírito. Não pode ser assim? E se a doutrina da progressão for verdadeira, não poderá haver condições espirituais de tão grande variedade quanto naqueles envolvidas nas revelações dadas a ele e a mim?

A condição humana no mundo espiritual, como me foi ensinado, depende de seu progresso em pureza, amor e conhecimento. É seu progresso na pureza que remedia o plano no qual ele existe, enquanto seu progresso em conhecimento e amor controla suas associações em tal plano.

Percebei, então, quão infinita deve ser a variedade de condições e, como conseqüência, quão variado deve ser seus ensinamentos acerca disso.

E agora, dando um fim a esta longa epístola, eu imploro para assegurar-vos que, em todos os momentos, serei feliz em prestar-vos toda a assistência em meu poder para vossas pesquisas, pois dou graças com toda alegria a cada adesão de mentes educadas e inteligentes ao grande esquadrão de pesquisadores da verdade, que tivestes justamente caracterizado como valorosa a investigação de cada devoto da ciência e conhecimento.

Respeitosamente,
J. W. EDMONDS.

FOLHETO ESPIRITUAL Nº4

CERTEZA
DO
INTERCÂMBIO
ESPIRITUAL

POR JUIZ EDMONDS.

Nova Iorque
1858

*CERTEZA DO INTERCÂMBIO ESPIRITUAL**CONTINUAÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA ENTRE O JUIZ EDMONDS E O
DISTINTO ADVOGADO.*

10 de outubro de 1856

Caro Sr.,

Escrevo para agradecer a gentileza e cortesia com que respondestes minha carta de vinte e dois último, também pelo propósito de responder vosso pedido de meu consentimento de publicar minha carta com meu nome, a guisa de prefácio ou introdução às vossas exposições das questões ou dificuldades sugeridas em minha já citada carta. Consinto de bom grado com a publicação da mesma, se assim o aprover, porém, sem nomeá-la. Acho que isso seria prematuro da minha parte. Não por covardice ou medo do ridículo. Acredito que eu sou agora considerado como mais da metade espiritualista pela maioria dos meus amigos e conhecidos. Todavia, sou apenas um humilde investigador, com nenhuma convicção assentada sobre o assunto, porém, com uma mente certamente aberta para todas as matérias de igual natureza. Desejo apenas a verdade. Disto não tenho medo, leve onde levar. Sinto que nenhuma verdade pode se dolorosa, embora possa colapsar dogmas e opiniões pré-concebidas; e de outra coisa estou convencido, nenhuma verdade (física, moral ou religiosa) pode ser discordante com qualquer outra verdade; e isso é além de um consolo, um encorajamento para aqueles que investigam com honestidade e inteligência. Se eu sincera e honestamente dirigir as faculdades que meu Celestial Pai agraciou-me na pesquisa da verdade, mas, infelizmente, chegar a uma conclusão errônea, isso pode bem ser

imputado a mim como um crime.

Não creio, aliás, que credos sejam levemente mudados como se muda de roupa; e deve-se ser cauteloso antes de se formar um julgamento definitivo, sob pena de correr de volta para suas opiniões anteriores ou tomando outras ainda mais novas que acabariam por incorrer no caráter de volatilidade ou instabilidade.

Se eu estivesse convencido da verdade do Espiritualismo, não hesitaria em confessá-lo, ou ao menos, espero que deveria - e mal sei se eu deveria estar feliz ou não, para encontrar suas reivindicações com base na realidade, mas sinto que eu estaria mais do que disposto a abraçar a verdade.

Ó, verdade! Verdade! "O que é a verdade?" Tão difícil de se achar na Terra, é igualmente difícil saber o que é verdade no Paraíso? Enquanto homens estão buscando no escuro atrás dele em esferas sublunares, é também em vão a busca por espíritos puros e desencarnados em altas esferas? Isso, para minha mente, é uma característica triste e desencorajadora de vossa filosofia. Porque eu esperava e pensava (e como se fosse uma ilusão, eu a tinha abraçado com a minha alma), que a verdade procurada na Terra era para ser achada entre os luminares imortais. Mas as vossas revelações e de outros levam a diferentes conclusões.

Penso, prezado Sr., que vossa explicação das dificuldades que eu sugerira (as discrepâncias das revelações espirituais nos assuntos onde não deveriam haver) embora muito engenhosas, para uma pessoa que se mantém no meu ponto de vista, não é satisfatória e, se perdoares o adjetivo (não intento ser, em qualquer grau, desrespeitoso), ilógico. Quero dizer que, após conceder-vos todos os vossos fatos em que os vossos explicação e argumento são fundamentados, explicastes que admite discrepâncias ao supor diferentes estados de avanço dos espíritos comunicantes (e aqui eu

abro parênteses, que, independentemente desta nova revelação, eu estou preparado a admitir e crer que os espíritos desincorporados dos justos estão em qualquer período adiantados, de acordo com as circunstâncias, em conhecimento e outros atributos). Porém, nesta Terra, a despeito de nossa imperfeição e subdesenvolvimento, todos, embora limitados em faculdades da mente ou oportunidades de observação, igualmente conhecem e entendem certos fatos simples. Sobre isso todos concordam, não há discórdia. Se as discrepâncias nos ensinamentos dos espíritos aparecessem em assuntos que fossem abstrusos e metafísicos, a incongruidade não seria assim tão alarmante.

"Providência, presciência, destino e vontade; destino pré-fixado, livre arbítrio, presciência absoluta", esses outros assuntos correlatos supomos que intelectos seráficos poderiam discutir e se arriscar a explorar, "e não encontrar fim ao vagar perdido em labirintos". Porém, sobre questões de geografia, uma mera matéria de localidade, descobrimos as mais gritantes discordâncias nos ensinamentos espíritas. Onde está a diferença nesta esfera, entre outros exemplos, da posição geográfica de Pequim? Ainda assim é isto precisamente a contradição apontada em minha carta ulterior. A questão é sobre a localização do Paraíso, ou o local onde os bons e felizes moram. O conclave de altos, santos e adiantados espíritos, questionado pelo Prof. Hare, localizou-o entre esta Terra e a órbita da Lua, onde as sete esferas estão localizadas. Já os avançados espíritos (Bacon e Swedenborg, creio), que foram por vós interrogados ou por algum outro em sua corrente, responderam que duas vezes a distância da mais remota estrela fixa, multiplicada mil vezes, não se aproximaria da distância da localidade do Paraíso. Estou agora a escrever de memória e podem não ser estas as palavras certas, porém, penso que expressei a noção substancialmente. Eu disse que ambas as

afirmações não poderiam ser verdadeiras. Perguntastes com que autoridade eu tinha para dizer tal coisa, que vós acreditais que ambas são verdadeiras, querendo dizer, suponho, que existam duas localidades. Asseverastes que a aparente contradição se dava pelo diferente adiantamento das duas classes de espíritos que ensinavam. Se eu entendi a força deste argumento, isso quer dizer: os espíritos ensinam de acordo com a própria experiência e conhecimento e apenas desse jeito. Daí advém que, quanto mais longe localizado, mais avançado é o espírito comunicante. Que é um lugar mais alto e feliz. Contudo, não aprendi de nada do que vi, que Bacon e Swedenborg clamam ser mais avançados do que alguns do conclave que se comunicou com Dr. Hare. E se eles o são, e possuem um conhecimento de esferas além das sete de Hare, é razoável supor que os avançados espíritos do conclave do Dr. Hare possuem relatos destes maiores e mais exultantes estados mentais.

Há um ensino (algures em vosso livro, creio) que a sétima esfera, onde quer que seja, é a última, e que além dela nada é conhecido pelas mais altas inteligências. Porém, deixando isso fora de vistas, Bacon e Swedenborg, que mostraram a mais distante localização, devem, em sua ascense, ter passado pelas esferas mais baixas e tiraram conhecimento delas por observação pessoal, para não dizer uma forma diferente de obter tal conhecimento, sendo tão altos e avançados espíritos que são. Não consigo ver, mas eles deveriam saber tudo abaixo deles, quando interrogados pela localização do Paraíso, para eles (ignorando as sete esferas sublunares do conclave do Dr. Hare) localizarem além das estrelas fixas, é para minha mente (não posso pensar diferente) uma contradição com a localização sublunar. Isso leva as mais óbvias implicações. Se um aluno de geografia perguntasse onde se situam as possessões do Czar da Rússia e tivesse uma resposta que incluísse todos os domínios

européus, porém omitisse os asiáticos, seria tal uma resposta correta? Poderia, para todas as implicações, excluir-se os territórios asiáticos? Não seria contraditório a alguém que incluísse esses últimos? Não seria ensinar coisas diferentes? *Expressio unius, exclusio alterius*¹⁹ não é simplesmente uma lei superior. Entra direto na pura filosofia da linguagem e é igualmente aplicável a todos as matérias. Não duvido que assim seja na linguagem dos anjos celestes. Suponha que seja perguntado nomear os Estados da União e a pessoa questionada enumerasse os dezesseis do Norte e omitisse os quinze sulistas, não seria esta uma resposta falsa? Sob qualquer princípio de correta construção, aplicável em todos os tempos e ocasiões, que isso não transmitiria a informação errônea de que os dezesseis Estados do Norte, e só eles, compuseram os Estados Confederados da América? Seria em vão reivindicar a correção da assertiva, ao dizer que era verdade, pois os Estados enumerados na verdade estavam na União. A implicação é que não haveria outra e torná-la verdade em todos os sentidos deve ser colocado sobre o fundamento de que a pessoa que respondeu tinha uma reserva mental que o outro interlocutor não estava ciente. E nem é mesmo uma resposta com duplo sentido. Perdoai-me por dizer que o defeito de vossa racionalização em explicar parece-me ser de caráter similar. O conclave do Dr. Hare disse-lhe que as esferas estão entre a Terra e a órbita lunar. Bacon e Swedenborg (um ou ambos) disseram que as esferas são bem longe do céu sideral, e todos estão professando a localização da morada dos belos espíritos. Conceder a vossa *postulata*²⁰, é, para mim, uma contradição.

Admitindo as contradições, como os fatos serão dispostos? Esta é a questão. Os ensinamentos podem ser contraditórios, podem ser todos falsos, mas a questão se força sobre nós, quem as fez? De onde

¹⁹ N. do T.: expressão latina que significa “expressa menção de uma coisa implica exclusão de outra”.

²⁰ N. do T.: expressão latina que significa “postulação”.

vieram as revelações, falsas ou verdadeiras? São inteligíveis, se não verdadeiras, e parecem emanar de fontes inteligentes. Não podem advir (assim se parece) de mera matéria, no entanto, é sutil sua força. Estou perdido em admiração e espanto! Sou livre para dizer que esses fenômenos, vistos por qualquer ângulo, ou de qualquer modo que dispomos deles, são os mais extraordinários na História da mente humana. Grandes resultados devem advir, sejam eles emanados de espíritos desencarnados ou não. Nenhuma mente cândida ou bem regulada pode questionar a integridade de todas as testemunhas. Se vós apenas, ou uns poucos, éreis sozinhos as testemunhas, poderíamos sem impugnar vossa honestidade, veracidade ou capacidade intelectual geral passar por cima das dificuldades, ao descrever o fenômeno da monomania, como os ensinamentos de Swedenborg foram por um tempo, e como alguns ainda o são. Com o concorrente testemunho de muitas e geograficamente separadas fontes, assumiu-se a magnitude e força que não podem ser contornadas por meneios filosóficos. Tal modo de tratar o assunto pode e realmente satisfaz o irrefletido e vulgar. Porém, o assunto merece atenção, e forçará si mesmo a ser notícia no mundo.

Muito já escrevi noite passada, sobre várias circunstâncias desfavoráveis. Fui então forçado a parar pelo avançado da hora e do acesso de uma mórbida afecção que estou sofrendo. Ao olhar o escrito, esta manhã, fui violentamente golpeado pela maneira imperfeita na qual expressei minhas idéias e pela quase ilegível caligrafia. E eu tenho uma forte disposição de não incomodar-vos com o trabalho de decifrar meus hieróglifos, difíceis de ler em qualquer tempo, porém, muito mais quando a escrita foi executada sob circunstâncias que existiam quando a precedente foi feita. Eu, de todo modo, conluo a seguir para vós, pois parece apetecer-vos sobre meus sentimentos e opiniões no assunto.

Há mais uma observação que devo fazer antes de terminar. Os ensinamentos em suas publicações, enquanto emanam dos espíritos, inculcam a mais pura e elevada moralidade, e um estado de afeito para com Deus em mais alto grau santificado e espiritual. A esse respeito, não há, em minha opinião, escritos existentes mais insuspeitos. Há (como parece para mim) nos ensinamentos espíritas, muita declamação e rapsódias e abundam em generalidade, as quais, embora muito boas no todo, contém nenhuma informação.

Há muito pouco dito neste Estado sobre o assunto de manifestações espíritas, e o que é dito é inteiramente no espírito de zombaria e ridicularização. Não conheço nenhum espiritualista confirmado, mas muito poucos que têm dado ao assunto a menor atenção. Há um cavalheiro de alguma proeminência na parte ocidental do Estado que disse ser um convertido. A pessoa que no meu conhecimento vem mais próximo a essa personagem, é um cavalheiro inteligente, educado e de alta estirpe em ***, que tinha algumas experiências notáveis sobre este assunto. Ele é um físico. Algumas das demonstrações em sua casa eu testemunhei. Ele obteve comunicações com o que se diziam serem espíritos. Seus nomes foram sempre dados. Comunicavam-se livremente, mas não revelavam nada de importante. Fizeram alguns testes admiráveis sobre matérias desconhecidas, contudo, freqüentemente houve enganos ou falsas assertivas. A última vez que o vi, ele tinha desistido das investigações, e estava inteiramente à deriva se a demonstração feita em sua presença eram obras dos espíritos. Os espíritos, embora continuassem a manifestar sempre que convidados e insuflavam nada, exceto bondade, boa vontade e carinho, mas falavam tantas falsidades que ele estava desgostoso com as exposições. Ele não tinha confiança em nada que comunicavam; e ao serem perguntados pelas explicações para as falas afirmativas, eles não podiam dar

resposta.

Contudo, devo parar de turbar-vos com meus crus pensamentos e imaginações sobre um assunto que despendeu tanto de vossa atenção, e sobre a qual sois tão bem informado que o que eu disse deve ter parecido trivial. Se vos aprouver, gostaria de ouvir de vós em qualquer tempo sobre tal interessante tema.

Respeitavelmente,

Nova Iorque.

RÉPLICA DO JUIZ EDMONDS.

Nova Iorque, 14 de dezembro de 1856.

Prezado Sr.,

Sei que desculpareis a longa demora em responder vossa carta de dez de outubro, e não desperdiçarei mais tempo em desculpas, porém contento-me em assegurar-vos que não foi por desinteresse de minha parte.

Mergulhando então *in medias res*²¹, poderei eu perguntar se não estais tão impaciente em sua busca pelo grande desiderato - a verdade? Não há atalhos para o conhecimento. Tem que se labutar para, a partir de nosso ABC, partir à grande questão, o que é Deus? É por passos lentos que chegaremos na verdade. Pensai quantos séculos se passaram antes que a verdade sobre nosso sistema planetária nos viesse, vindo, aliás, depois de muita perseguição e como resultado de observações e especulações de milhares de anos. E então tem sido assim com todas as grandes verdades da Ciência que agora recebemos. Porém, já recebemos todas as verdades, mesmo em relação ao mundo material, que a ciência possa ainda

²¹ N. do T.: expressão latina que significa “no meio das coisas.”

alcançar? Não estamos autorizados a dizer que sim. Por que, mesmo a lei de gravidade de Newton, que foi por ele proclamado como uma causa, agora é tida como um efeito, e mais além há uma verdade ainda a ser descoberta por detrás e além dela. Quantos novos planetas pertencentes ao nosso sistema foram descobertas nos últimos cinquenta anos, que eram para nós desconhecidos! E quantas eras se passaram antes que aprendêssemos a falácia da máxima longamente concebida, "que a natureza abominava o vácuo!"

Essas coisas eram verdades tanto há mil anos quanto são hoje em dia e foi nossa incapacidade que retardou nosso conhecimento delas. Foi nossa culpa, e não deles, que eles não eram verdade para nós em período recente.

É o mesmo com moral como com verdades físicas. É apenas quando nossa capacidade de recebê-las avança, que elas nos aparecem.

Colocai vossos olhos lá atrás, em um mundo onde o Fetichismo era a religião do homem. Ele então adorava toras e pedras, por que era incapaz de apreciar a divindade fora de atributos materiais. Ele não podia compreender uma deidade invisível e onisciente. A noção era simplesmente uma absurdidade e ele a rejeitava de pronto.

A adoração ao fogo que o sucedeu começou pela adoração da causa e não do efeito.

A antiga mitologia começou a compreender a noção de uma existência invisível, porém não recebeu o pensamento da Grande Causa Primaz.

Longamente, o homem foi preparado para receber a revelação de um único Deus sobre todos. Ainda assim, notai quão dificultoso foi para ele compreender isso! Veio com muitas maravilhas, ainda assim não compreendemos como mesmo a escuridão sobre a terra toda, ou a destruição dos primogênitos do Egito colocaram convicção em mente simples. Mesmo os israelitas tiveram de parar na selvageria

até que uma geração inteira tivesse morrido, antes de receberem a verdade que agora nossas mais jovens crianças conhecem.

E então, quando o homem tinha avançado tanto que poderia receber a verdade de sua própria imortalidade, observai quanta dificuldade foi para ele compreendê-la. Sócrates, na Grécia, e Jesus, em Jerusalém, foram sacrificados ao promulgar essa poderosa verdade.

E agora, que quase dois mil anos se passaram, observai quão poucos entre novecentos milhões de homens na Terra estão preparados para receber a grande verdade a qual vós e eu conhecemos, a saber a existência de um grande Jeová e o destino imortal do homem.

Por que é que vós e eu, mesmo na infância, recebemos como verdade aquilo que o sábio e o aprendiz da antiguidade rejeitaram com fábulas? Porque o tempo imprimiu em nossa civilização tanto quanto em nossas individualidades.

Porém, tudo com o homem, em todas as eras e em todas as condições, tempo e progresso são elementos essenciais na disseminação da verdade e sua recepção por ele.

Perguntareis por que eu, assim, gravemente me debruço sobre estas obviedades convosco? É porque sendo óbvio, nós podemos aprender a aplicá-los; e ao aplicá-las à revelação de verdades espirituais, poderemos ver porque é que a disseminação de tais verdades, mesmo agora, e quando descem de tão alta e sacra fonte, poderia ser tão lenta em progresso - tão difícil, tão cheia de ansiedade por nós, e ainda assim tão certamente alcançável no fim.

Que nos então maravilhem-nos com a verdade que é tão difícil de se obter, e que então aprendamos a discriminar o que nós somos capazes de determinar se a obscuridade que nos perturba é devido a uma mancha no sol ou uma nuvem em torno do espectador.

Se, então, essas coisas são verdadeiras, elas são tanto no presente

quanto eram no passado - em relação ao homem individual quanto à civilização. Que vejamos se elas não explicarão a dificuldade da qual referistes, como a localização da residência dos espíritos.

Eu não entendo que o que os espíritos ensinaram ao Dr. Hare, quanto à localização sublunar, foi que não há outra morada; e mais certamente aqueles que me ensinaram como uma localidade ainda mais distante, também não o disseram.

Não é, portanto, o que eles ensinaram, porém o que eles deixaram de ensinar que é a causa da dificuldade; e que aqueles que instruíram o Dr. H. em relação às esferas terrestres não pararam no meio de seus ensinamentos para excluir uma conclusão ao contar-lhe que há outras localidades acima de onde espíritos moram.

Perdoai-me por dizer que eu não acho que isso soe razoável, e não vos admireis de que vos digo, que mesmo na tribuna eu não pude ver a filosofia da máxima *expressio unius*, etc.

Isso pode algumas vezes ser verdade que a expressão de uma idéia exclua outra, pode de certo freqüentemente ser uma justa conclusão, porém, sua aplicação universal não pode ser sacada. Uma criança pergunta quais são os países na face da Terra? Começam a descrevê-la o continente ocidental e então, considerando que ele já tem tanto quanto pode na hora compreender, pausa-se por um tempo e espera sua mente estar preparada para mais ensinamentos. Não seria lamentável para tal criança discernir então que não haveria mais nenhum outro continente?

Dr. Hare por toda sua vida foi honesto e sincero, porém descrente inveterado da religião cristã. Ao final da vida o Espiritualismo veio a ele e, em um curto tempo, fez sua mente a convicção da existência de um Deus e de sua própria imortalidade. Agora, seus professores espirituais já terminaram com ele. Só que ainda nega a Revelação. Ele é tão firme e sincero agora na negação quanto ele jamais foi. Seria

justo concluir, por que seus professores espirituais não o levaram até aquele ponto, que, portanto, não há nem nunca houve uma Revelação?

Se houvesse nenhum outro ensinando verdades espirituais além do Dr. Hare, ou mesmo se ele professasse ensinar toda a verdade da existência espiritual, haveria mais espaço para a discussão. Porém, mesmo então a posição seria precisamente aquela na qual os teólogos de hoje tão tenazmente assumem, a saber, aquela que a revelação através do Cristo é plena - uma posição a qual tem sido imensamente perniciosa em retardar o progresso espiritual humano. Contudo, há outros ensinando além dos do Doutor, e ele não professa cobrir toda a matéria.

Os outros ensinamentos revelam-nos quem são que - por enquanto, ao menos - estão confinados dentro das distâncias sublunares e o porquê. Também revelam-nos outros estados de existência espiritual, muito mais elevados e refinados do que podem ser consistentes com qualquer habitação terráquea ou sublunar, cujos esplendor e beatitude estão muito além da compreensão daqueles que ainda são tão terrenos que estão vinculados abaixo dentro de sua influência.

A localidade de tal estado de existência, nas fronteiras sem fim dos reinos espaciais, eu não finjo entender. Como podem a quem o espaço não é nada e cuja rapidez de movimento não fica "por trás da celeridade do pensamento", transmitir-me uma noção adequada de distância em sua esfera de vida? E como poderia eu entendê-los, quando não posso obter uma devida compreensão mesmo da distância de Saturno ou Urano? Posso aproximar-me de uma compreensão ao imaginar quanto tempo iria demorar para uma bala de canhão ou uma locomotiva para atravessar a distância, mas mesmo assim eu me perderia na imensidade da noção.

Por que então tentar ensinar-me o que eu não posso compreender? Eles não são tão supérfluos. Já aprendi muito até agora, o que vai muito além do que eu jamais havia sonhado ser possível, que eu parei e disse "quão infinito é teu reino, Ó, Verdade! e quão eterno há de ser a busca por ti, com o intelecto imortal!"

Já aprendi tantas coisas além do que o poder da linguagem pode descrever, ou mesmo minha mente pode compreender, que eu parei no limiar do conhecimento, em temor sem fôlego, e esperei o tempo quando a centelha da divindade que está dentro de mim seja desenvolvida e engrandecida para que eu possa começar a obter as poderosas verdades que estão me rodeando sempre em Seu ilimitado reino.

Deixai-me sugerir-vos uma noção que vos mostrará que os ensinamentos do Dr. Hare não querem excluir outras localidades.

A ciência nos mostra que incontáveis mundos flutuam no espaço, muitos dos quais devem ser habitados por seres sapientes. Somos agora mostrados pela revelação que assim o é, e que tais seres, diferindo que possam de nós e uns dos outros em seu desenvolvimento, são, como nós, destinados a imortalidade. Agora qual é condição deles após a morte? São também confinados dentro das distâncias sublunares deste, um dos menos consideráveis daqueles mundos? Ainda assim, *expressio unius, exclusio alterius*, realizado, tê-lo-ia também. Certamente o argumento sacado daquela máxima não pode ser usado, o que nos conduz as conseqüências.

Eu, então, em certa medida, amplifiquei a idéia que eu sugeri em minha carta anterior. Se fiz satisfatoriamente, deixo a vós julgar melhor, confiante do resultado em uma mente tão cândida e inteligente.

Até agora eu tenho me debruçado sobre as dificuldades da comunhão espiritual e esforcei-me a conceber a noção de que é

apenas pelo uso de nossa própria razão que poderemos chegar aos resultados, em outras palavras, que devemos lidar com esta revelação da mesma maneira que lidamos com aquela dada por Moisés e pelos Profetas depois dele, e dada por Jesus e seus Apóstolos e que não podemos pegar nada "pela autoridade" sem uma pecaminosa rendição de nossa própria independência de pensamento e a responsabilidade que pertence a ele.

Pausemos um momento, para mencionar a vós algumas importantes verdades as quais obtemos através dessa comunhão, a despeito de todas as suas contradições e em meio a todas as incongruências, que, embora elas nos perturbem, devem, ao que me parece, ser inevitáveis.

Tenho mais de seis anos gastos nestas investigações. Já fui abençoado com as mais favoráveis oportunidades de investigação, já testemunhei muitas coisas, nem uma décima milionésima parte do que já foi publicado. Eu quase diariamente desfruto da comunhão e diariamente aprendo alguma verdade nova, ou recebo confirmação ou explicação de algo já dado. Aprendi que não há fim para o conhecimento que pode ser comunicado para nós, e que com todas as minhas vantagens eu estou apenas no limiar deste novo conhecimento.

Minhas conclusões devem portanto ser tiradas de muitos fatos ainda não ao vosso alcance, ou que ainda não tivestes conhecimento, porém são fatos para o conhecimento de todos que puderem retê-lo, para não se supor que eu tenha qualquer privilégio peculiar que não possa ser dividido com toda humanidade. Todos podem conhecer o que eu conheço, todos podem testemunhar o que eu testemunhei. E agora, o que quero dizer é, que para todos, quando eles souberem e testemunharem, tais verdades serão demonstradas.

Muito inteiramente eu concordo convosco na opinião de que elas

são mais importantes para o homem, e realmente "inculcam a mais pura e elevada moralidade, e um estado de afeito para com Deus em mais alto grau santificado e espiritual".

Estas são as verdades:

1. Que o homem, em sua existência terrena pode ter comunhão e direto relacionamento com os espíritos daqueles que, como nós, viveram a vida terrena e daqueles que quando na Terra eram queridos do coração e que puderam retornar para consolar nosso pesar pela própria presença, além daqueles que faleceram há eras e que retornam e nos dão "novos conhecimentos" que eles adquiriram durante os anos de existência espiritual.

2. Que o conhecimento não é confinado a matérias conectadas com este planeta, como um mundo material, ou a coisas proibidas ou esquecidas, mas pode-se estender a constituição e organização de incontáveis mundos e as leis que os governam, desde sua formação aos mais altos estados de perfeição.

3. Que desta maneira, pode-lhe ser revelado o destino final do homem e as condições de sua existência após esta vida terrícola.

Até agora lhe fora revelado simplesmente que seu destino é viver eternamente, mas o que tal existência era, fora ocultada, Agora lhe pode ser revelada, com todas as suas condições e o que são suas ocupações e empreendimentos no porvir.

4. Que a característica do homem do futuro, seja bom ou ruim, seja feliz ou não, está em grande medida dependente de si mesmo - ao menos, depende de si e de seus circundantes, que ele deve trabalhar pela própria salvação, e não pode colocar tal tarefa nos ombros de outrem, nem pode ele lançar sobre outrem as responsabilidades que pertencem a ele de desempenhar sua tarefa de obediência às leis de seu grande Criador.

5. Que a grande lei da existência humana é o progresso. Assim como

seu corpo é o resultado do progresso da matéria inerte ao semovente, sua alma, que é a emanção da divindade dentro dele, deve progredir do berço até a eternidade, e que o progresso deve estar em elementos que o ligará a divindade de quem um dia saiu.

6. Que toda humanidade é membro de um grande corpo, como as folhas e os galhos são partes da árvore. Cada um está unido e conectado por laços indissolúveis e o progresso deve ser tanto da civilização quanto do indivíduo.

7. Que o homem está embebido de todos os atributos que são necessários para alcançar o progresso. Alguns deles ainda estão dormentes, ainda que seja capaz de sacá-los com o devido cultivo e todos somos capazes de ver ao cultivar os poderes dentro de nós.

8. Que entre esses atributos que são capazes de cultivo e ação mesmo em vida estão: o poder de comunhão espiritual, de ver e ouvir coisas espirituais sem usar os órgãos materiais, de conhecer os pensamentos de nossos companheiros mesmo em seu tabernáculo terrestre e o de predizer o futuro.

9. Que o progresso deve começar nesta nossa existência primária, e se omitida ou negligenciada aqui, será mais difícil recomeçar no futuro.

10. Que o homem passa ao mundo espiritual moral e intelectualmente como aqui o era, que se ele é pervertido aqui, assim será lá até que o seu grande destino de progresso comece. Enquanto embora pervertido, ele pode comunicar-se conosco na Terra e somos sempre circundados por eles e suscetíveis as suas influências.

Desta fonte vem impulsos internos e muitas vezes misteriosos para o mal, que todos nós já experimentamos, exortando-nos a fazer, mesmo contra nossa vontade, o que sabemos que é errado. E agora que a fonte de tal mal é-nos revelada, é revelado também como podemos resistir e derrotá-la, e como podemos efetivamente nos

resguardar contra seus efeitos.

Essas são as poderosas verdades que o intercâmbio espiritual nos ensina. Elas são demonstradas a nós, em uma maneira e com uma força e clareza que nenhuma mente não pode resistir e vai de encontro ao intelecto iluminado com uma convicção irresistível.

Só que vêm até nós por meios de prova fluindo através de canais humanos, e como todo testemunho humano, são assaltados com dificuldades e perigos que são suficientemente irritantes, porém, não intransponíveis.

Pesquisas pacientes, calmas e inteligentes não podem falhar na produção de tais resultados. Qualquer coisa menor do que isso pode não ser satisfatório e até mesmo perigoso.

Fanatismo é sempre pernicioso. Excitação desfeita é sempre dolorosa e eles não o são menos no Espiritualismo do que são em outra religião qualquer, porém conosco são facilmente sobrepostos, pois nós estamos sempre sendo ensinados que é a nossa razão que é endereçada, e que o calmo exercício sozinho pode-nos capacitar a desempenhar nosso trabalho inteiro sabiamente e bem.

Respeitosamente,
J. W. Edmonds.

FOLHETO ESPIRITUAL N°5

FALA
EM
MUITAS
LÍNGUAS

POR JUIZ EDMONDS.

Nova Iorque
1858

FALA EM MUITAS LÍNGUAS

“Institute, 22 de outubro de 1857.

Ao

HON. J. W. EDMONDS, Nova Iorque.

Prezado, é o costume de esta Instituição ter a maioria dos jornais e revistas religiosos em sua sala de leituras para uso de seus alunos.

Um comitê foi eleito em um curto espaço de tempo com o propósito de escrever para os que foram considerados adequados. Um pedido meu para que alguns trabalhos espirituais fossem ser escritos foi desfavoravelmente recebido. O reitor, de todo modo, deu seu consentimento para ter tais revistas na sala de leitura conforme eu selecionasse. Eu escrevi ao Spiritual Telegraph e o Sr. Partridge teve a candura de consentir em enviá-lo para mim. O costume é enviar livre de encargos. Não sei o impacto disso em vossas finanças, porém permitais-me pedir-vos enviar-me o Sacred Circle para tal propósito. Sinto certa indelicadeza ao pedir isso, porém, a certeza que sentireis um interesse em promover as importantes verdades que tão hábil e corajosamente advogais, levam-me a esperança que enviareis uma cópia para o acima mencionado propósito.

*Este é uma Instituição *** e bem liberal em sentimentos. Os professores, de todo modo, possuem objeções ao Espiritualismo, embora ensinem a comunhão com o Grande Espírito, e acho que quando entenderem completamente as verdades da nova filosofia, irão endossá-la sem hesitarem.*

Passaram-se poucas manhãs desde que uma questão se alevantou em um debate sobre a passagem de 1 Cor 12, onde Paulo fala sobre a diversidade de dons espirituais. Eu expliquei de acordo com o fenômeno espiritual e mencionei alguns casos de pessoas falando em

línguas estrangeiras em nossos dias. O professor objetou, explanando que meus exemplos de médiuns já tiveram (como ele supõe) previamente ouvido tais línguas, contudo, ele prometeu-me que endossaria a doutrina quando trouxesse a ele um caso bem autenticado (por três ou mais testemunhas honestas) de qualquer pessoa ou médium falando em uma língua da qual são inteiramente ignorantes, nunca leram, ouviram ou falaram tal língua durante sua vida.

Tenho a certeza de que há tais casos, embora não tenha conhecimento, e espero que não sintais que eu esteja tomando uma grande liberdade ao requerer-vos que enviai a mim um caso. Se tiverdes um (ou um similar com a mesma força) em qualquer forma conveniente para o envio, ficarei não só orgulhoso como contente em convencê-lo, e se fordes instrumento para me auxiliar, podeis ter certeza de meus mais honestos agradecimentos.

Respeitosamente,

A. D. BYLES.

Nova Iorque, 27 de outubro de 1857."

Caro Sr., é uma das coisas estranhas do dia, que pessoas educadas, cujas vidas são devotadas à causa da ciência e que estão engajadas na educação de nossos jovens, sejam tão profundamente ignorantes daquilo que acontece ao seu redor.

Há, talvez, boas razões pelo qual isso acontece em relação ao Espiritualismo. Ambos periódicos seculares e religiosos de hoje recusam-se a publicar qualquer coisa sobre a matéria, exceto para atacá-lo, e, assim, as oportunidades do mundo aprender qualquer coisa sobre ele são contraídas e, de novo, mesmo que sem esta prática geral de publicar nada, há uma classe de pessoas que, pelo bem da consciência, se recusam a ler.

Em qual dessas posições vosso professor está, é claro que não posso dizer, porém, ele deve estar em uma ou outra, pelo fato que duvida do que foi publicado no mundo, em tal maneira que se são falsas, poderiam ser facilmente mostradas.

Meu segundo volume do *Spiritualism* foi publicado em 1856, e muitos milhares de cópias foram vendidas. Na introdução deste volume, escrito por mim mesmo, apus a minha assinatura e é claro minha assertiva para sua verdade; na página 45 tem uma afirmação que minha família falou muitas línguas, em particular uma conversa com um cavalheiro grego.

Como podeis não o ter, eu anexo uma cópia da passagem.

Porém, apenas contém minha prova, pois não apensei os certificados de sua veracidade daqueles que estiveram presentes, nem eu assim o quis fazer, devido que para mim é uma matéria de total indiferença sejam os outros crentes ou não. Eu descarrego meu dever ao publicar a verdade, como a reconheço ser, e deixo-a ao cargo do destino.

Eu a publiquei, de todo modo, aqui, onde sou conhecido - onde meu caráter de veracidade é bem conhecido - onde estou cercado pelas pessoas as quais o fenômeno ocorreu, e onde, se minha afirmação é inverdade, sua falsidade pode facilmente ser estabelecida.

Vosso professor está errado, de todo modo, em um aspecto. Ele disse que endossaria a doutrina, se o fato pudesse ser autenticado por três ou mais honestas testemunhas. Ele não poderia assim fazer, podeis nisso acreditar. Ele pode tê-lo autenticado por cinquenta honestas testemunhas, se desejar. Mas não endossaria a doutrina, mesmo se tais autenticações estivessem perante ele.

Ele certamente não queria dizer que "endossaria" a menos que cresse, e certamente sabe que tal crença não é matéria de volição. Ele pode assim professar, porém real crença não afluí de sua vontade.

Deixemo-no tentar persuadir-se que o sol não brilha ao meio-dia e veremos o drama que ele fará.

Não quero imputar a ele qualquer má-interpretação intencional nesta matéria, mas eu entendo sua assertiva como mera expressão de opinião, de que ele honestamente pensa que tipo de efeito a prova faria em sua mente. Só que, nisto, ele está enganado, ou assim espero, pois eu não daria um vintém de cobre para que a crença em nossa linda fé se baseasse apenas no conhecimento de suas maravilhas. Seria uma casa construída na areia e não agüentaria as intempéries que a assaltariam. E tal não é o trabalho das maravilhas. Não vêm por esse propósito. Sua província legítima é simplesmente levantar atenções para elas e para induzir a mente inteligente a investigá-las. Retiremos da memória ou da existência todas essas manifestações externas e teremos a filosofia e a religião do intercâmbio espiritual, que construirá a convicção em qualquer cândida mente que der a si mesma uma justa chance. Esse é importante aspecto pelo qual estamos para ver o assunto, e as manifestações estão relacionadas no momento apenas para chamar atenção a esse assunto.

Tenho pena de qualquer mente que acreditasse nas manifestações apenas, pois estaria eternamente em um mar de dúvidas, porém se descansar na rocha da razão e filosofia, poderia reter firme fé e, com ela, calmo repouso.

Além disso, já ouvi tal assertiva tantas vezes e vi seus resultados, que me sinto autorizado a antecipar-vos que seria o resultado no caso de vosso professor. Eu disse a mesma coisa para mim mesmo tantas vezes em meus primeiros estágios nas pesquisas, e quando o apareceu a prova que eu me tinha prometido ou esperado achar uma crença, eu me surpreendi em ainda ser um duvidoso.

Tenho um exemplo disso no caso do Governador de *** (agora de ***). Foi-lhe dito na minha casa sobre a perda do navio Artic. Aquilo

foi estranho, ele sabia; porém deveria haver uma explicação para isso naquele simples exemplo. Se, de todo modo, viesse através de três ou quatro pessoas desconectadas umas com as outras, ele acreditaria. Eu lhe disse que não iria, porém ele insistia que sim. Um pouco depois, ele obteve a prova como havia sugerido e por quatro diferentes canais desconexos e desconhecidos. Aí, sim, ele acreditou.

Nem um pouco por mim e pela razão, como eu suponho, que a crença não seja uma questão de vontade, nem é o domínio de uma maravilha produzir uma convicção.

Quantos se converteram ao Cristianismo pelas maravilhas feitas nos dias de Jesus? Dos milhares que ele alimentou, lemos que algum foi feito devoto? E que, no Pentecostes, somaram-se três mil almas aos crentes? Eram os apóstolos falando em muitas línguas ou a bela doutrina que Pedro desfraldou?

Não, meu amigo, não nos enganemos quando dizemos ou pensamos que endossaríamos a doutrina do Espiritualista tão logo nos tornemos convictos da realidade das manifestações. Alguma coisa mais é pedida para burilar a convicção na mente racional, e nós que acreditamos que somos suscetíveis a induzir nossos ouvintes quando fazemos dessas manifestações um fim, e não um meio. Confiná-las ao seu legítimo propósito de despertar investigações, e elas se tornam úteis ministras da verdade. Deixemo-nas serem tudo em todos, e tornar-se-ão seus mestres sem o poder do devido governo, porém com o poder de fazer muita travessura.

Não perdi de vista vosso requerimento, no meu medo de que muita conseqüência pode ser ajuntada a essa matéria. Eu apensarei, mais à frente, não meramente um extrato de meu referido livro, mas também alguns excertos de minhas anotações de outros exemplos, com as devidas explicações.

Dou-vo-los como minhas próprias experiências somente. Porém, há

outros que já foram publicados, os quais não me aventurarei a falar.

O que aconteceu sob minhas vistas, eu posso falar livremente pois sei que falo a verdade.

Atenciosamente,
J. W. EDMONDS.

EXTRATO DO VOLUME 2 DE SPIRITUALISM, pág. 45.

"Ela desenvolveu a seguir a fala em diferentes línguas. Ela não sabia outra língua além da materna, e um pouco de francês aprendido na escola. Ainda assim, ela falou em nove ou dez línguas diferentes, às vezes por uma hora cada vez, com sotaque e fluência de um nativo. Não é incomum que estrangeiros conversem com seus amigos espirituais através dela, em sua própria língua. Um exemplo recente ocorreu, quando um cavalheiro grego teve várias entrevistas, e por várias horas levou uma conversa de sua parte em grego e recebeu suas respostas por vezes nesta língua e em outra, em inglês. Ainda assim, até ali ela nunca tinha ouvido uma palavra de grego moderno sequer."

O retro mencionado é meu relato, em termos gerais, da mediunidade de minha filha. Vou, então, especificar alguns exemplos mais particulares.

Uma tarde, veio a minha casa uma jovem de um dos Estados do Leste. Ela veio para Nova Iorque tentar a sorte. Sua educação era aquela que pode ser obtida em uma escola comum do interior. Ela era médium e estava acompanhada de um espírito de um francês, que trazia muitos problemas para si. Ele falava através dela, mas apenas em francês. Por mais de uma hora uma conversa se perfez entre minha filha e o espírito, falando através da Srta. Dowd. Ambos conduziram uma conversa inteiramente em francês e tão rápida e fluentemente quanto nativos. O francês de Miss Dowd era um dialeto

miserável de alguma província do sul da França, enquanto o de Laura era puro parisiense.

Isso ocorreu em minha biblioteca, com umas cinco ou seis pessoas presentes, e Miss Dowd ainda vive nesta cidade.

Em outra ocasião, um cavalheiro polonês, inteiramente estranho a ela, começou uma conversa com Laura, e no seu decorrer, ela falou diversas vezes palavras e sentenças que ela não entendia, mas ele sim, e uma boa parte da palestra foi em polonês, sendo que recebia respostas ora em polonês, ora em inglês. O inglês ela entendia, mas a outra não, embora parecessem entender-se ambos perfeitamente.

Isso pode ser verificado apenas pela afirmação de Laura, pois ninguém mais estava presente além dela e de dois cavalheiros que não deram seus nomes.

O incidente com o grego foi assim: uma tarde, quando doze ou quinze pessoas estavam em minha sala de estar, Mr. E. D. Green, um artista desta cidade, apareceu acompanhado de um cavalheiro que se apresentou como Sr. Evangelides, da Grécia. Ele falou em inglês enrolado, porém em grego fluente. Não tardou, um espírito falou com ele através de Laura, em inglês e disse tantas coisas, que ele identificou com um amigo que havia morrido alguns anos antes, mas de quem nenhum de nós jamais havia ouvido.

Ocasionalmente, através de Laura, o espírito falava uma palavra ou frase em grego, até o Sr. E. perguntar se poderia entender se ele falasse em grego. O restante da conversa de mais de uma hora, foi, de sua parte, inteiramente em grego e da dela, por vezes em grego, por vezes em inglês. Algumas horas, Laura não entendia o que era a idéia lançada ou por ela ou por ele. Outras, ela o entendia, embora falasse em grego e ela soltasse palavras gregas.

Ele ficava por vezes muito afetado, tanto que atraía as atenções de todos, alguns dos quais imploraram saber o que tinha causado tanta

comoção. Ele declinou de dizer, porém, após o fim da conversa, ele nos disse que nunca antes testemunhara qualquer manifestação espiritual, e que ele tivera, durante a conversa, tentando testar o que era tão novo para ele. Esses testes consistiam em falar de assuntos que ele sabia que Laura ignorava e freqüente e repentinamente mudava o tópico do doméstico à política, da filosofia à teologia, e por aí. Em respostas as nossas perguntas - pois nenhum de nós conhecia o grego - ele asseverou-nos que seu grego tinha sido entendido e o grego dela estava correto.

Ele teve depois outras conversas, no qual se repetiu as conversações em grego.

Na que eu descrevi acima, estavam presentes, Sr. Green, Sr. Evangelides, Sr. Allen, presidente de um banco de Boston, dois cavalheiros cujos nomes eu esqueci, mas podem ser facilmente descobertos, pois eram empreiteiros de uma ferrovia em um dos estados do oeste, minha filha Laura, minha sobrinha Jennie Keyes, eu mesmo e muitos outros que agora não lembro.

Minha sobrinha, de quem já falei, por vezes canta em italiano, improvisando palavras e tons, ainda que desconheça inteiramente a língua. Disto, suponho que haja uma centena de exemplos.

Um dia, minha filha e sobrinha vieram à minha biblioteca e começaram uma conversa comigo em espanhol, uma falando uma parte de uma sentença e a outra a completando. Estavam sob influência, como descobri, de um espírito de uma pessoa que eu tinha conhecido quando na América Central, e que fez referências a muitas coisas que tinham me ocorrido lá, as quais eu sabia que elas desconheciam assim como o espanhol.

Isto, apenas nós três podemos testemunhar.

Laura falou-me em línguas indígenas, Chippewa e Monomonié. Eu conhecia tais linguagens, porque eu estive dois anos na reserva

indígena.

Já enumerei línguas indígenas, espanhol, francês, grego e inglês. Já a ouvi em italiano, português, latim e húngaro e outras que não consegui identificar.

Os exemplos são numerosos para poder lembrar os nomes de todas as pessoas presentes.

Mencionarei agora outros exemplos através de outros médiuns.

Um homem conhecido como Finney, um carpinteiro, de muita limitada educação, vive perto de Cleveland, Ohio, uma vez deu-me uma comunicação, já que era médium psicofônico. O assunto era autoconhecimento, e enquanto eu colocava no papel, eu falei (em voz baixa) *gnothi seauton*. Ele parou, repetiu o grego, e somou, "sim, conheça a ti mesmo."

Sra. Helen Leeds, do número 45 da Carver Street, em Boston, uma médium de certa proeminência, várias vezes fala em chinês. Ela é de uma muito limitada educação, e nunca ouviu uma palavra de tal língua.

Isso ocorria tão freqüentemente com ela em um estágio anterior de sua mediunidade, que eu suponho puder dizer que há milhares de testemunhas. Eu mesmo vi uma centena de vezes.

Nos primórdios de minhas investigações, mantive notas minuciosas de tudo que ocorria. De tais notas, retiro este excerto:

"CENTÉSIMA VIGÉSIMA OITAVA ENTREVISTA.

03 de novembro de 1852.

Houve um encontro especial no Círculo da Esperança noite passada, a fim de recepcionar nossos amigos de Albany. Além dos membros da corrente (que consistia de Sr. Sweet e esposa, Sr. Wood e esposa, Sr. Ira Hutchinson, Sr. Comes e eu mesmo), estavam presentes Sra. Shepherd e Sra. Haight de Albany, Sr. e Sra. J.K. Mettler, de Hartford, Conn., Sra.

J.B.Mettler, de Nova Iorque e Sra. Heath, irmã do Sr. Ambler.

O Sr. Ambler logo entrou em estado magnético.

Após ele sair do transe, Sra. Shepherd foi afetada e falou em várias línguas. Ocasionalmente, falou em inglês.

E ela continuou por uma hora ou duas a falar em línguas estrangeiras, parecendo ser italiano, espanhol e português.

Sra. Mettler foi então lançada em um transe, e foi a primeira vez em sua vida na qual falou em línguas. Falou em alemão e algo que parecia indígena.

E ambas, isto é, Sra. Shepherd e Sra. Mettler, então encetaram conversar nestas línguas estrangeiras.

Ocasionalmente, falavam em inglês e por vezes em um inglês quebrado."

Procurei em minhas notas, mas não achei, embora me lembre muito bem do ocorrido, que Sra. Sweet, desta cidade, outra de nossas médiuns, de muito pouca educação, falara no dia em francês. Depois desse dia, descobrimos que falava também em italiano e hebraico.

Tenho, numerosas vezes, testemunhado manifestações cognatas, quando a comunicação era através de batidas, e dadas em línguas estrangeiras, embora o médium só soubesse o inglês.

E ouvi da filha do Gov. Tallmadge²², em minha casa, falas em alemão, com várias pessoas presentes.

Ajuntei minha própria experiência neste tópico. Eu nunca havia feito antes, e confesso-me surpreso em ver a quantidade total. E ainda assim, minha experiência abraça uma pequena parte do que tem sido dado, ou menos, se eu me lembro corretamente, do que tem sido publicado pelo mundo.

Eu esperava que, no nosso país, onde a informação geral é tão difundida, onde o assunto de intercâmbio espiritual tem sido matéria

²² N. do T.: James Tallmadge Jr. foi vice-governador de Nova Iorque entre os anos de 1825 e 1826.

de investigação nos últimos dez anos e onde as testemunhas de sua existência passam da casa das centenas de milhares, o tempo de ser necessário fazer uma pausa em nosso progresso para provar tal existência tivesse passado. Eu esperava que o tempo tinha chegado para que as mentes inteligentes de nosso país se preparassem para usar as instrumentalidades, cujas existências não podem ser ignoradas por qualquer mente bem informada, a fim de inquirir que haja algo em sua filosofia e revelações algo de valor da atenção dos intelectos mais elevados.

Parece, de todo modo, que eu cometi um erro e que devemos marchar ainda por algum tempo ao longo da nossa escola infantil. Que seja. O tempo virá, de todo modo, quando melhores as coisas serão e a Verdade fará seu próprio caminho, mesmo nas mentes educadas.

P.S. agora sou o seguinte:

01º de novembro.

Hoje, em nossa conferência, eu mencionei o assunto, e pedi se algum dos presentes pudesse me dar alguma informação a mais. A audiência estava incomumente pequena, não havia uma centena presente, mas eu recebi a seguinte resposta.

Dr. John F. Gray mencionou ter obtido comunicações através de batidas e tapas em uma mesa em malaio, hebraico e espanhol. As comunicações foram soletradas, letra a letra e postas no papel. Ele conseguiu as traduções por pessoas versadas nessas línguas. Possui notas de tudo, especialmente onde ocorreram e que para quem foram enviadas. Ele provavelmente me daria um extrato delas. Se assim o fizer, enviá-las-ei a vós.

Ele mencionou um exemplo, onde Professor Bush, que é um catedrático em hebraico, estava presente, solicitou o alfabeto

hebraico e transcreveu e traduziu sendo que ninguém além dele era familiarizado com tal alfabeto.

Dr. Abraham D. Wilson, outro físico de alta patente atesta que o finado Sr. Henry Inman, o artista, disse-lhe que quando sua filha estava se desenvolvendo como médium, ela repetidamente falou espanhol, língua da qual ela não tinha conhecimento algum.

Sr. David Bryson afirmou que em uma recente sessão, onde Sra. Tucker era a médium, e Sr. e Sra. Daniel G. Taylor e outros estavam presentes, a médium falou fluentemente em uma língua desconhecida e conversou com Dane, que estava presente, em dinamarquês.

Sr. Taylor estava na conferência e confirmou o relato do Sr. Bryson.

Sra. Richardson relatou um recente incidente de uma mulher chamada Greenleaf que falava francês. E Sra. French, a médium, bem conhecida aqui e em Pittsburgh, afirmou que através dela os espíritos falam nove diferentes línguas.

Ela relatou um exemplo recente, estando Sr. Henry C. Vail presente, onde ela foi encaminhada por uma italiana e levada aos poucos para uma parte da cidade onde uns catorze italianos foram amontoados em uma sala, em grande estado de miséria e doença onde ela falou italiano com eles com extrema facilidade. E ela mencionou uma ocasião em Washington onde na presença do governador Tallmadge e Sr. Giddins, M.C.²³, de Ohio, ela falou francês fluentemente.

Em todos estes casos, as partes conversantes só sabiam uma língua, o inglês.

Este foi a ajuntada de uma noite apenas. Não posso formar opinião da extensão da prova que poderia ser juntada por uma pesquisa mais longa.

Mas não basta por hora, exceto para aqueles que não crêem, mesmo

²³ N. do T.: M.C. sigla para Member of Congress, congressista, ou membro do Congresso.

que alguém se levante dos mortos?

FOLHETO ESPIRITUAL N°6

CARTAS
AO
NEW YORK
TRIBUNE,
SOBRE O
ESPIRITUALISMO

POR JUIZ EDMONDS.

Nova Iorque
1858

Os seguintes artigos foram escritos para o *New York Tribune*, e foram publicados naquele jornal em intervalos irregulares, de março a outubro de 1859. Tiveram tanta demanda que estão sendo republicados desta forma. São necessariamente muito gerais em suas características, pois, ao aproveitar-me do privilégio de usar as colunas daquele impresso, eu era, naturalmente, obrigado a estar de acordo com as condições impostas, o que limitava o número de artigos, restringi-los em dimensões, selecionando o fenômeno a despeito da doutrina do Espiritualismo como assunto a ser discutido. Não achem que resmungo por tais restrições. Elas eram manifestadamente requeridas pelas outras tarefas daquele jornal, e eu sou muito grato por essa oportunidade de alcançar um número maior de pessoas.

J. W. E. - dezembro, 1859.

I

INTRODUÇÃO

Ao editor do *New York Tribune*:

Sr., foi-me solicitado escrever uma série de artigos aos leitores do *Tribune* sobre o Espiritualismo e agora abraço a oportunidade.

Ao assim fazer, não quis endereçar-me aos crentes, embora formem um belo e formidável grupo, sendo contabilizados agora aos milhões apenas neste país, nem aos cinco ou seis milhões de cristãos professos em nossa nação, porque eu sou obrigado a conceder a eles o privilégio que reivindico para mim, de entreter suas próprias opiniões sem admoestações; contudo, eu devo endereçar-me aos quinze ou vinte milhões de nosso povo que não pertencem à Igreja, que mal possuem uma religião, mas que parecem desejosos ou compelidos a confiar na sorte e deixar o futuro tomar conta de si só.

A eles proferirei uma fé que aliviará suas dúvidas dolorosas quanto ao futuro, que pode enxotar a ansiedade que, a despeito de qualquer esforço, se introduz em qualquer tempo em todas as mentes; que abrirá a compreensão de uma visão do futuro, além para uma natureza imortal, e, enquanto possa entrar em conflito com muitas das doutrinas ensinadas como religião hoje em dia, recomendará a todos os que a recebem uma vida invariável de público valor e de virtude particular.

Ao fazer isso, devo almejar duas coisas. Um será demonstrar o fato que aqueles que uma vez viveram na Terra, e morreram, podem e se

comunicam com aqueles ainda vivos; e outra, que é o que podem e revelam a nós através de tal comunicação.

Preencher essa tarefa requereria muito mais espaço do que me será concedido neste jornal, e eu devo, portanto, ser compelido a me tornar breve em minhas afirmações, contendo-me, pela necessidade, a dar aos meus leitores, principalmente, um guia que os assista em suas pesquisas no lugar de uma apresentação completa de tudo que é conhecido sobre o assunto.

É claro, devo repetir muitas coisas que disse em outras vezes, e que não deverá ser novo para alguns de meus leitores. Tedioso como deverá ser para eles quanto para mim, não posso ajudá-los nisso, pois o meu objetivo não é agradar um desejo de fazer um romance ou do maravilhoso, mas juntar em um ponto de vista a vasta massa de provas sobre o assunto, agora jazendo fragmentária ao nosso redor.

Vou dar meu próprio testemunho, assim como de outros e, portanto, eu devo, primeiramente, mostrar que sou competente para tal empreitada.

Sou confiável? Este jornal circulará no dia que eu alcançar a idade de sessenta anos, aproximadamente quarenta dos quais passei, não na obscuridade, mas profissional, política e judicialmente perante o público, onde todos podem julgar meu caráter de verdade.

Sou facilmente iludível? A minha carreira pública e privada responde.

Sou crédulo, particularmente neste assunto? Essa afirmação responderá por mim:

Foi em janeiro de 1851 que eu comecei com minhas investigações e não foi até abril de 1853 que eu me tornei um firme e inquestionável crente na realidade das relações espirituais. Durante vinte e três desses vinte e sete meses, eu testemunhei muitas centenas de manifestações nas mais variegadas formas. Mantive minuciosos e

cuidadosos relatos de muitos deles. Minha prática era, onde quer que eu fosse a uma sessão, colocar no papel um memorando de tudo que acontecera, tanto quanto pudesse, e, tão logo eu retornasse para casa, passar a limpo um relato completo do que havia testemunhado. Fiz isso com tantas minudências e particularidades quanto qualquer relato de um julgamento na Corte. Desse modo, durante aquele período, eu preservei os relatos de quase duas centenas de sessões, por quase mil e seiscentas páginas manuscritas.

Dessas sessões tomaram parte diversos médiuns e sobre as mais variegadas circunstâncias. Não há duas sessões iguais, há sempre algo novo, ou algo diferente do que previamente ocorreu; e muito raramente aconteceram em que só as mesmas pessoas estiveram presentes.

As manifestações eram de quase todas as formas conhecidas, físicas ou mentais, por vezes apenas de um tipo, por outras, ambas combinadas.

Tomei mão de cada expediente que pude obter para detectar imposturas e para me garantir contra ilusões.

Senti em mim mesmo, e vi em outros, quão excitante era a noção de que estávamos realmente nos comunicando com os mortos; e eu laborei, como pensava, satisfatoriamente, para evitar qualquer desvio de meu julgamento. Eu estava na época crítico e capcioso em um extremo irracional, e quando minha crença foi desafiada, como o foi mais de uma vez, eu me recusei a render, exceto à prova que não deixaria espaço possível para cavilações.

Eu estava severamente exigente em minhas demandas, e isso freqüentemente ocorre. Eu ia a uma sessão com algumas dúvidas em mente quanto às manifestações na sessão anterior, e alguma coisa acontecia, direcionada diretamente para aquela dúvida e a arrasava completamente, como se parecesse não ter mais razões para duvidar.

Mas eu ia para casa, escrevia cuidadosamente minhas lembranças da noite, meditava sobre elas por muitos dias, comparava-as com as gravações anteriores, e finalmente achava um furo - alguma possibilidade de que poderia ter tido alguma coisa a mais do que influência espiritual, e eu ia para a próxima sessão com uma nova dúvida e um novo bloco de perguntas.

Eu tinha o costume, em tais ocasiões, sozinho comigo mesmo e me preparando para a próxima sessão, colocar no papel cada questão possível que eu pudesse imaginar para testar a matéria.

Eu vi que as circunstâncias da entrevista muitas vezes impediam o meu enquadramento, no calor do momento, de questões feitas na hora e, portanto, eu tirei do meu lazer, quando sozinho em minha biblioteca, sem nada para interromper a corrente de pensamento, o tempo para executar essa tarefa; e eu usei tal expediente muitas vezes ao participar de sessões com uma série de perguntas, assim, deliberadamente moldadas, que eu cuidadosamente escondia de cada ser humano, de modo que eu sabia, sem porventura, que nenhum mortal poderia saber que perguntas que eu pretendia fazer e que nenhum mortal poderia ser preparado com antecedência para respondê-las.

Olho para trás, às vezes, com um sorriso para a engenhosidade que desperdicei na concepção de formas e meios para evitar a possibilidade de engano.

Ainda assim, havia o perigo de auto engano ou ilusão mental de minha parte, e eu tentei ser igualmente astuto neste ponto, não meramente na sessão, mas a sós, na calma de minhas horas de estudo.

Foi uma característica marcante de minhas investigações, que cada objeção concebível que eu poderia levantar era, primeira ou ultimamente, reunida e respondida.

Passemos às batidas. Quando eu primeiro ouvi as batidas, foi na presença de três mulheres, cujos caracteres bastavam por si mesmos para assegurar-me contra qualquer tentativa de impostura. Assim que eu entrei na sala, onde elas estavam sentadas, de um lado da mesa, as batidas vieram com um som apressado e cheio de ânimo, no chão perto de onde elas estavam. Peguei meu assento no lado oposto, e ouvi, com uma idéia na mente, "uma delas está fazendo isso - talvez com seus pés ou mãos, dedões ou artelhos". Diretamente, os sons vieram da mesa e não do chão, onde suas mãos e pés não poderiam alcançar. "É ventriloquismo." disse para mim mesmo. Pus minhas mãos na mesa, diretamente sobre os sons, e distintamente senti a vibração, como se um martelo batesse nela. "É um maquinário", imaginei, e então o som se moveu na mesa em diferentes partes, eles e a vibração seguiam minha mão onde quer que eu as colocasse. Em outras vezes, embora não nesta primeira ocasião, eu virei a mesa de ponta-cabeça e examinei-a cuidadosamente só para descobrir que não havia maquinário algum.

Assim fui, naquela e em outras vezes, testando as batidas em várias maneiras por essas perguntas. E, em resposta, elas vinham nas costas da minha cadeira, quando não havia ninguém atrás de mim; na minha pessoa, quando não havia ninguém perto o suficiente para me tocar; em um vagão de trem, quando em rápido movimento; alto em uma parede, além do alcance de qualquer um; em uma porta aberta, onde eu podia ver ambos os lados dela e ninguém perto que pudesse tocá-la; um metro ou mais distante de qualquer pessoa; seguindo uma pessoa, quando andava para frente e para trás; quando o médium estava imerso n'água; quando os pés eram atados; quando eram colocados sobre um travesseiro de pena; quando isolados do chão, sobre vidro; quando levantados do chão e por vezes eu descobri, além de dúvidas, que os sons eram simples fabricação do

médium.

Ainda assim, poderia ser ventriloquismo, então testamos com mercúrio, colocado de tal forma que a menos vibração do material no qual o som era feito seria aparente. E, finalmente, após semanas de testes, como se para expelir toda a idéia em minha mente como sendo feito por outros, ou por maquinário, as batidas vieram para mim a sós, quando eu estava na cama, onde nenhum mortal além de mim mesmo estava no quarto. Primeiro as ouvi no chão, enquanto eu estava deitado lendo. Eu disse, "é um rato". Instantaneamente mudou sua localização de uma parte para outra do cômodo, com uma rapidez que nenhum rato poderia igualar. "Ainda assim, poderia ser mais de um rato?" E então vieram sobre minha pessoa, distinta, limpa e inequivocadamente. Expliquei isso a mim mesmo, chamando de estremecimento de nervos, o que eu já tivera experimentado, e tentei ver se era isso mesmo. Estava de pijamas quando vieram, então, tirei-o, ficando inteiramente nu, segurei uma lamparina com uma das mãos, perto do joelho, sentei e olhei fixamente. Tentei vários experimentos, deitei minha mão em cima do local - as batidas estavam em minha mão e caíam para a perna. Colocava a mão na coxa e a força, o que quer que fosse, passava pela minha mão e alcançava a perna, fazendo-se perceptível em cada dedo assim como na perna. Tirava minha mão cinco ou seis centímetros de coxa e via que parava instantaneamente, voltando a laborar assim que eu colocava de volta.

Mas, eu disse para mim mesmo, isso é afetação local, cujo magnetismo de minha mão pode alcançar. Imediatamente, correu pela minha coxa, tocando com uma distinção e rapidez que eram maravilhosas, subiam e desciam por ambas as coxas, das cadeiras até os artelhos do pé, e duas ou três vezes, com força suficiente para me machucar, como se uma criança tivesse me acertando com unhas

embotadas.

Assim se procedeu por mais de meia hora, até que eu desisti de que formular hipóteses, sobrando-me apenas a que poderia explicar, pois era coisa inteligente e, pelas mudanças, liam minhas objeções mentais, pois não disse uma palavra em voz alta. Soltei minha lamparina e deitei para dormir. Imediatamente, deixaram minhas coxas e foram para outras partes do meu corpo, e adormeci com os gentis tapinhas, em meu lado esquerdo.

Há ainda outra questão: pode ter sido aquilo algum poder desconhecido, pertencente a uma organização mortal peculiar e sujeita ao seu controle? A resposta a isso era - embora não a única resposta - que isso aparece quando o médium não o quer e por vezes recusa-se a se mostrar quando mais se quer. E era assim com os desejos nas sessões. Vinham quando se apeteciam e não quando nós desejávamos.

Entrei nestes detalhes aqui, de eventos que se estenderam por vários meses, meramente para mostrar as precauções que tomei e como investiguei. E somo a isso que com todas as outras manifestações, das quais eu falarei adiante - e há muitas outras, além das batidas - eu lidei da mesma forma, por um período de quase dois anos, antes de render-me a sua origem espiritual.

Ao final desses dois anos, eu deixei o país para cuidar de minha saúde, e passei três meses na América Central. Levei comigo quatro volumes de meus manuscritos, e tendo pouco a fazer durante aquele tempo, eu cuidadosamente revisei a matéria. Comparei os procedimentos de uma sessão com aqueles de outra; cacei discrepâncias e contradições. Estava longe da excitação das correntes e era capaz de examinar o assunto, o que fiz cuidadosa e criticamente, como se fosse decidir um caso no tribunal da minha vida.

Descobri um grande esquema em desenvolvimento - um desenho inteligente, persistente no meio de todo desencorajamento e dificuldades - retornando sempre ao seu propósito, embora desviada por obstruções momentâneas, e me tornei um adepto da teoria espiritual. Não direi que rendi minha crença. A crença veio a meu despeito, como a do sol brilhar ao meio-dia e nada menos que a cegueira da insanidade poderia fazer-me duvidar que tal luz estava brilhando ao meu redor.

Desde então tenho uma firme e inabalável crença na noção de que espíritos dos mortos podem e se comunicam conosco. Eu tenho sido penosamente testado, temporal e mentalmente. Fui excluído das associações que uma vez fizeram a vida prazerosa para mim. Eu senti, na sociedade que uma vez esperei adornar, que eu era um objeto marcado para se evitado, se não para aversão. Cortejado uma vez, e honrado entre os homens, eu fui amaldiçoado a ver os mais próximos e queridos de mim, virarem-me as costas com pena, se não com nojo. Tolerado mais do que bem-vindo entre meus companheiros, em uma idade avançada, e com saúde enferma, compelido a começar no mundo de novo e em meio a desânimos! Com o assunto tão delicado para mim, sujado pela fraude e loucura do homem, destinado a ver tolos correrem loucos com isso, e vagabundos pervertendo-o para propósitos nefários, encontrando em caminhadas diárias (devendo à triste imperfeição das instrumentalidades usadas) muito daquilo que foi calculado para desencorajar e desanimar, e observando como o mundo, para quem esta gloriosa verdade veio, transforma e a insulta, nunca, por um momento, hesitei desde aquela hora na minha crença. Não é minha culpa que eu tenha coragem. Não há méritos em mim na minha persistência.

A crença não foi, como nunca foi com muitas outras, matéria de

vontade. Porém, a evidência era tão conclusiva que me compeliu a convicção e eu não podia fazer nada contra. Montanhas podem cair e me esmagar, mas eles não podiam me fazer acreditar que não há terra sob meus pés e nenhuma estrela sobre minha cabeça.

Há em minha profissão um ditado que aquele que advoga em causa própria tem um tolo por cliente. Talvez, eu perceba isso no tribunal no qual agora apareço, porém, quão dificultoso é para um ter que parar quando fala a si próprio. Não tinha noção que poderia levar meu egotismo tão longe. Sei quão ingrato o esforço deve ser aos meus leitores. Mas o que posso fazer? Encaminhei-me à bancada das testemunhas e estou pronto para dar meu testemunho perante meus companheiros humanos. Eu desejo que meu júri saiba em que estado mental eu testemunho, que eles possam melhor avaliar o que me credencia a ceder. Tendo desenvolvido tal tarefa, eu deixo esse tópico. Eu esqueço agora o advogado desprezível, e lido, doravante, mais sobre o forte tema, e em meu próximo número, começarei o trabalho de descrever os vários tipos de manifestações, fronte no qual eu afirmo que a mente sã não pode escapar da convicção de que é uma voz do além-túmulo que agora está falando com o homem. Não é "Ouçam! Dos túmulos um lúgubre som." Mas, escutem! É uma voz do além trazendo boas novas de grande alegria!

J. W. Edmonds.

Nova Iorque, 13 de março de 1859.

II

MEDIUNIDADE

Ao editor do *New York Tribune*,

Sr., devotarei este e a próxima coluna à mediunidade e às sessões - as instrumentalidades básicas do intercâmbio espiritual. E observo:

Primeiro, que as manifestações do poder espiritual, parecem ser geralmente conectadas com as formas de vida humanas. Eu digo geralmente, porque parece ter alguns casos onde o fenômeno não requer ou não está somente conectado com pessoas. Casas mal-assombradas são coisas do tipo. Então, há casos de objetos inanimados movendo-se na ausência de qualquer pessoa. E a criação bruta é por vezes afetada. Os demônios "entrando" em uma vara de porcos e o burro de Balaão vendo um anjo antes que seu amo veja, são exemplos disto. Sei de um caso onde um feroz cão de guarda viu um espírito no mesmo momento que seu mestre e fugiu atemorizado. E, em "A Vidente de Prevorst"²⁴ é dito: "um terrier negro que estava na casa, sempre consciente do espírito, rastejou uivando a seu mestre, nem iria ele dormir sozinho de noite."

Segundo, a existência de poderes mediumísticos é o resultado mais da organização física do que da mental ou moral.

Qual a peculiaridade do organismo, eu confesso que não sei. Uma vez pensei que o poder estava conectado com um temperamento nervoso e excitável, porém já vi acontecer com uma pessoa estúpida

²⁴ N. do T.: Clássico do magnetismo alemão escrito pelo Dr. Justinus Kerner.

e impassível. Não depende de idade, sexo ou cor, nem de clima ou localidade, pois ricos ou pobres, altos ou baixos, educados ou ignorantes, casados ou solteiros, machos ou fêmeas, jovens ou velhos, pretos ou brancos podem ser desenvolvidos como médiuns.

E o maravilhoso é que homens da Ciência, ao invés de agirem como tais, como crianças chamuscadas, não olham para isso como homens racionais, e não descobrem o que é que está assim estranhamente afetando todas as classes. Certamente podem também descobrir como muitas outras coisas conectadas com o homem, que foram uma vez profundos mistérios como este o é. Sua existência em nosso meio não pode mais ser ignorada, nem pessoas intelectualizadas podem mais se satisfazer com denúncias generalizadas de sua natureza ilusória ou demoníaca. E a Ciência deve isso à humanidade, encarar a questão, não com zombaria autocomplacente, do tipo "O riso do ateu é uma troca ruim para uma divindade ofendida", mas com uma investigação cuidadosa e sensata. Na França, ela é tratada com tal sensibilidade. Mas entre os sábios da América, com as exceções dos professores Hare e Mapes, ela foi recebida como a aparição de um cometa o era nos dias de minha infância entre crianças assustadiças, com qualquer coisa exceto calma filosófica.

Terceiro, a mediunidade é capaz de ser aumentada pelo estudo.

Sei que mediunidade física começa com fracas e quase inaudíveis batidas e terminam com sons altos, límpidos e distintos; começam com um simples movimento de uma mesa e, após um tempo, acha-se no meio de movimentos intrincados de objetos inanimados. Sei que o tipo mental começa com escritos garatujados e caracteres sem sentido, e terminam sendo distintas e legíveis; começam com a visão de uma forma fraca e ensombrada, e termina com uma visão distinta de um espírito, tanto que é capaz de identificá-lo; começa com uma percepção confusa de alguma coisa ser comunicada e progride ao

ponto de receber pensamentos, clara e distintamente, desta inteligência invisível.

Assim parece ser com outras de suas atribuições - como nosso poder de ler, escrever ou decifrar - pintar ou fazer música - pertencente a nós como parte de nossa natureza e capaz de ser avaliada pela cultura.

Descobri isso em meu próprio caso. Os primeiros sinais de mediunidade em mim vieram quando eu estava sozinho em minha biblioteca e na forma de uma impressão em minha mente. Pode ser chamada de imaginação, pois é como o processo de construir castelos no ar e, ainda assim, era diferente. Era apresentada a minha consciência uma cena contínua, com uma lição contada sobre a totalidade dos incidentes. O processo era novo para mim, e eu observei com grande interesse. Descobri que eu nada tinha a ver com aquilo, além de ser um passivo receptor de uma composição de pensamentos, dada a mim por uma fonte fora ou além do meu ser - isto é, os pensamentos não se originaram de minha inteligência.

Meu próximo passo foi observar uma cena, apresentada à minha visão como um panorama móvel e não meramente como uma impressão mental. Pareceu-me ver, embora eu sabia que não via com meus órgãos normais de visão. E foi incrível que a inteligência que lidava comigo apresentasse o quadro mais ou menos rápido, como se soubesse que eu havia pegado os detalhes e, após ter terminado, repentina e deliberadamente, apresentou-me uma segunda vez, ainda mais rápido, evidentemente para me impressionar a fim de que eu pudesse narrá-lo.

A seguir, foi ver um espírito, que fora meu velho amigo, morto há seis ou sete anos. Eu estava no meu escritório trabalhando, não pensando nele e de repente eu o vi sentado bem em minha frente, perto o suficiente para que o tocasse. Percebi que podia trocar

pensamentos com ele, pois, em resposta a minha pergunta, ele disse-me o motivo de ter vindo.

Depois, observei cenas espirituais, as quais, foi-me dito, eram as verdadeiras e vivas realidades do mundo espiritual, cenas nas quais indivíduos e grupos moviam-se, agiam, pensavam, como fariam nesta vida e deram-me uma vívida noção da vida no próximo estágio de existência.

Durante todos esses passos de progresso, eu pude conversar com espíritos que vi tão facilmente como pudesse falar com qualquer mortal vivente e mantive debates e discussões com eles como tenho com os mortais.

Minha filha, que longamente resistiu à crença, um dia requereu testemunhar uma manifestação, e eu procurei uma entrevista com sua mãe, a fim de realizá-la vantajosamente. O espírito veio a mim, e comuniquei-me com ela por meia hora. Relacionamos-nos como em vida, debatendo várias idéias e encetando um plano.

É difícil dizer que fora minha imaginação pois o plano então criado foi, após um lapso de algumas semanas, levado a cabo sem minha intervenção. Uma moça, estranha a mãe e filha, apareceu em minha casa vinda de uma cidade distante, e, através dela, enquanto em transe e inconsciente, terminou com minha filha uma injunção de partilha de sua mãe, cuja morte havia interrompido há dois anos.

Nem irá se dizer que fora um mero reflexo da mente dos vivos, pois minha filha somente sabia da partilha que tinha sido dada e nada sabia a conclusão até ela ouvi-la.

Assim minha mediunidade progrediu, de uma ensombrada impressão para uma alegoria, para ver espíritos, conversar com eles e receber pensamentos deles com clareza e distinção. Por que isso não pode ser igualmente verdadeiro para cada um?

Quarto, a mediunidade possui uma infinita variedade de fases - a

mesma que é testemunhada em ações e caracteres humanos e absolutamente se opõe à idéia de conluio.

Quinto, aparece conforme lhe apetece, e não a nosso bel-prazer. Ao observar as devidas condições, podemos auxiliar no processo. Então, podemos nos cercar de circunstâncias que retardam ou evitam sua vinda, porém não podemos fazer vir quando quisermos. Não há maior anomalia conectada ao assunto do que a extensão e a forma de nosso controle sobre ele, e nenhuma parte dele onde melhorias pelo estudo pode ser maior. Esse controle parece pertencer ao homem como parte de sua cultura, e pode ser assim adquirida, assim como evitar qualquer poder de causar dano.

Sexto, onde quer que apareça, em qualquer parte do mundo, possui as mesmas características. Assim, entre os escravos do Sul, aprendi que vem da mesma forma que entre os libertos do Norte²⁵. Foi-me dito por um missionário em San Domingo que também aparecia entre os negros sem instrução de lá. Um cavalheiro francês, que esteve na Argélia, descreveu para mim a mesma coisa entre os árabes. Dois espanhóis, que nunca tinham ouvido falar do fenômeno, descobriram-no obscuro em Cádiz, com as mesmas características. Um cavalheiro inglês veio até minha casa, sem curiosidade, e, ouvindo a descrição, exclamou que era a mesma coisa que havia ocorrido na fazenda de seu pai, anos atrás, mas não sabia do que se tratava.

Essa concordância nas características em toda parte, é um argumento formidável contra a teoria de colusão e ilusão.

Sétimo, embora tenho dito que depende principalmente da organização física, não deve ser entendido que as causas mentais ou morais não a afetam. Não conheço um tipo de mediunidade que seja inteiramente livre de efeitos da mente humana, e conheço muitos

²⁵ N. do T.: esse artigo foi escrito em 1859, dois anos antes da Guerra de Secessão, que foi de 1861 a 1865, então ainda vigorava a escravidão nos Estados do Sul.

casos onde, com o poder sendo abusado, foi interrompido. A mais comum causa de interrupção é a perversão para motivos egoístas. Um médico que conheci se tornou avaro e ganancioso a despeito dos avisos. Seu poder foi suspenso até que se reformasse. Uma jovem, tomada das ruas como uma trapeira, com grandes poderes, era usada por uma velha mulher para lhe dar dinheiro. Não apenas a criança foi tirada dela, como também o poder da criança. Quando é necessário para minha filha descansar de seus labores, o poder é temporariamente suspenso.

Porém, não é sempre que parará ao nosso querer. Quando o desejo de parar é puramente egoísta, eles muitas vezes não darão atenção. Conheço um caso, onde uma mulher, temendo que seu trabalho fosse prejudicado, recusou-se a ser usada. Ela foi seguida pelas manifestações até se render, e então tudo ficou bem. Minha filha e sobrinha resistiram longamente à crença, e por um ano inteiro minha casa foi assombrada por barulhos e outras performances, até que se renderam e então tudo parou. Se elas esquecerem de rezar ao ir para a cama, começam os distúrbios até que elas as façam, aí tudo fica quieto.

Posso enumerar muitos exemplos do tipo, mas devo me contentar em dizer que, como resultado de minhas experiências, onde o poder é cedido com bom senso e puros motivos, raramente machuca, mas geralmente produz o bem, contudo, quando pervertido a motivos egoístas, será, cedo ou tarde, interrompido ou dado punição, ou ambos.

Oitavo, a mediunidade frequentemente muda na mesma pessoa em sua forma de manifestação e não é uma opção do aparelho. Conheço uma que, primeiramente, era médium de batidas, e depois ela escreveu mecanicamente pensamentos que não eram dela e falou em muitas línguas, cantou e tocou músicas desconhecidas, incorporou

falecidos, viu espíritos, falou com eles, virou clarividente, vendo objetos distantes, profetizou e comungou livremente com os mortos, entregando suas mensagens de afeição e instrução aos amigos sobreviventes.

Nove, eu observei que má saúde nem sempre evita, ainda que um bom estado de saúde seja mais favorável às manifestações, e a saúde nunca é maltratada quando o poder é discretamente usado. Abuso, como outras coisas, será injuriante.

E, finalmente, pois o espaço me compele a parar, eu observei que, em cada forma de mediunidade assumida, sempre um objetivo maior está em vista - continuamente visando o todo - e que é abrir canal de comunicação entre os mortais e o mundo invisível; e, para tal fim, a inteligência se mostra e força-se sobre a mente racional essa muito importante pergunta: DE ONDE VEM ESSA INTELIGÊNCIA?

J. W. EDMONDS

Nova Iorque, 2 de abril de 1859

III

AS CORRENTES

Ao editor do *New York Tribune*:

Sr., devoto esta coluna às correntes e as condições melhor adaptadas às devidas manifestações de poder espiritual.

Pode acontecer que alguém já induzido por estas colunas a investigar a matéria, eu devo-lhe dar uma ou duas palavras de precaução.

Em primeiro lugar, observo que a evidência é geralmente tão pessoal em seu caráter, que é quase impraticável para qualquer um transmiti-lo para outro tão vívida e forçosamente como se fez para si, que recebeu diretamente. Quando minha pessoa é tocada, posso saber com certeza, mas nenhuma linguagem que eu possa usar, pode transmitir aos outros o mesmo sentido percebido que eu tive do fato. E então quando meus mais secretos pensamentos são revelados, ou alguma coisa é dita que só é conhecido por mim e quem está morto, é fora de questão que eu possa fazer os outros saberem tão inequivocamente quanto eu. E somos avisados a sermos pacientes com aqueles que são obrigados a receber nossos testemunhos, ao invés de obtê-la por si mesmos; e somos admoestados para não recebermos tão prontamente de outros, especialmente quando a evidência direta é tão alcançável por todos.

Em segundo lugar, tão grande é a variedade de formas na qual as manifestações vêm, que não podemos seguramente chegar a uma

conclusão, até longa e paciente investigação. Passei dois anos investigando, antes de me converter e, mesmo agora, após mais de oito anos de experiência, toda hora aprendo algo novo. Seis, ou duas ou três vezes seis vezes de observações não seriam suficientes. Ilustremos. Uma vez, um Reverendo Bispo foi a minha casa, testemunhou as manifestações por várias horas e aparentemente para sua satisfação, até que lhe perguntei como ele sabia que tudo que havia ouvido não tinha vindo da mente do médium? Médicos de Buffalo, após umas poucas sessões, atribuíram os sons aos artelhos ou dedão do médium, enquanto um pouco mais de paciência ter-se-lhes-ia mostrado o poder badalando um sino. Professores de Harvard, após cinco ou seis entrevistas, pronunciaram que era danoso à virtude, quando não observaram o suficiente para determinar que existia, muito menos para saber o que ensinava. O quanto de meus oito volumes de manuscritos - os relatos de apenas três anos de pesquisa - poderia ser tirado, letra a letra, em meia dúzia de sessões? E o professor Faraday não teria asseverado que o movimento da mesa é o magnetismo da mão descansando sobre ela, se ele tivesse esperado o suficiente para ver se mover sem uma mão a tocando. Tais conclusões apressadas são sempre dolorosas para mim, e nunca são, em minha opinião, seguras.

Mas, vamos às correntes.

Nos primeiros estágios das investigações, a assembléia de umas poucas pessoas, de quatro a doze, é muito vantajoso, e normalmente necessário. É agora como era antes - onde duas ou três pessoas estão juntas é que o poder espiritual pode mais prontamente descender em seu meio. Foi quando quatro estavam juntos que Moisés e Elias apareceram de novo na Terra, e agora é de ocorrência corriqueira que uma "corrente" ou "círculo" de poucas pessoas grandemente ajuda as manifestações.

É, geralmente, melhor ter um número igual de ambos os sexos e o advento do poder é comumente apressado ao segurarem-se as mãos ou colocarem-nas na mesa.²⁶

Ocorre por vezes que a demonstração de poder é interrompida pela retirada ou adição de alguém após o começo da mesma.

Então, não é pouca vantagem que toda a corrente esteja calma, gentil e com sentimento devocional; e por isso, música e oração são sempre benéficas, algumas vezes, indispensáveis.

Agora, por que isso? Quem pode dizer, já que somos tão ignorantes, o que é esse poder que está trabalhando?

Conhecemos pouco - muito pouco - sobre ele, e até a ciência nos ajudar com suas pesquisas, é quase inútil especular sobre. Porém, o que sabemos podemos muito bem afirmar.

Eletricidade é um dos elementos usados. Isto sabemos de vários experimentos, e uma máquina elétrica foi de grande uso.

Magnetismo, tanto animal, quanto mineral, é outro. Às vezes, o uso de um grande imã apressou a demonstração, assim como a presença daquele que possui muito magnetismo animal.

Porém, há algo mais do que esses elementos, e entre outras coisas, é aquilo que o escritor alemão, Reichenbach, chamou de Od, ou Força Ódica. É um fluído extremamente sutil, invisível para a maioria das pessoas - que é emitida por imãs, cristais e pelo corpo humano, sendo o produto, no último, da ação química da respiração, digestão e decomposição.²⁷ E vi eu mesmo ela saindo de ambos os extremos do imã e forçando-se em uma fumaça pálida. Vi saindo de cabeças e dedos humanos. Em uma ocasião, eu vi tão bem que, em uma sala escura, passei minha mão na que saía da cabeça que pessoa que sentava ao meu lado.

²⁶ N. do T.: esse procedimento deixou de ser adotado um tempo depois, apesar de ter sido seguido até um tempo antes da Codificação por Allan Kardec.

²⁷ N. do T.: descoberta tempos depois pela Ciência e rebatizada de ectoplasma.

É isso que os artistas desde muito pintam em volta da cabeça de seus santos e mártires.

É isso sempre que, como entendo, gerado pela forma humana, seu fluxo natural pode ser perturbado ou interrompido por fortes emoções.

Como podemos ver eletricidade e magnetismo apenas pelos seus efeitos, então conhecemos a existência desse elemento apenas pela angústia que sua interrupção causa.

Tentei muito aprender mais sobre tal fluido, mas a resposta as minhas perguntas foram que a Ciência deve descobri-la, e que até lá, serão em vão as tentativas de descrevê-la para mim. Uma coisa, de todo modo, iluminou-me um pouco. Em uma ocasião, através de uma médium passiva, foi mostrada a maneira em que ponderáveis objetos eram movidos. Eu publiquei o relato disso no apêndice do primeiro volume de *Spiritualism*. Em outra ocasião, eu vi o processo de preparação da egrégora para as manifestações. De cada membro, eu vi um fluxo desse fluido sair e lentamente ascender ao teto. Ao mesmo tempo, dos espíritos circundantes, vi similares fluxos, mas em maior quantidade e com mais força. Os fluxos unidos e gradualmente preencheram a sala, do teto ao chão, como uma fumaça faria. Pude traçar sua gradual descida pelas pinturas na minha parede e pelos livros nas estantes, tão logo desceram bem baixo para engolfar as cabeças e pessoas da corrente, o médium foi influenciado e as manifestações começaram.

Isso é o mais longe que meus conhecimentos vão, e como eu sinceramente gostaria que aqueles que, a partir de suas realizações científicas e que são muito melhores equipados do que eu para a investigação, prosseguissem o assunto para uma melhor compreensão desta força poderosa e misteriosa.

Contudo, do que sabemos, é fácil de ver quão importante o tópico das "condições" é, e como facilmente pode-se perturbar, pois até mesmo as emoções podem afetar.

O investigador, para ter sucesso, deve não apenas ele mesmo estar em uma condição própria, mas deve estar em conformidade com aqueles cuja experiência já se mostrou ser necessária. Isto é um obstáculo, mas certamente não deveria ser. Como podemos ver sem estar em uma condição de ter luz, ou ouvir sem uma condição apropriada para a transmissão de som?

E como para suas próprias condições, de uma coisa o investigador deve-se assegurar, o sentimento, pois será mais bem sucedido quando abordar o assunto com um sentimento de reverência piedosa e solene. E por que não? Ele está falando cara a cara com a imortalidade. Ele está, enquanto ainda na carne mortal, comunicando-se com o espírito - santo e divino. E agora, como antigamente, ele não pode fazer muita coisa devido à descrença. E para a questão, "por que não pudemos nós expulsá-los?" a resposta é como antigamente, "Por causa de vossa pouca fé; porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e há de passar; e nada vos será impossível. Mas esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum."²⁸

J. W. EDMONDS.
Nova Iorque, 18 de abril de 1859.

²⁸ N. do T.: Mateus 17:19-21

IV

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

Ao Editor do *New York Tribune*,

Sr., por estes termos, que possuem um significado técnico entre os espiritualistas, quero dizer aquelas coisas conexas com o intercâmbio espiritual que são endereçadas aos nossos sentidos, a despeito do que é endereçado à nossa consciência mental ou moral.

Sei que a todos os sentidos deva ser endereçado, e relatarei em detalhes, nesta singela coluna, incidentes que mostram isso.

1. *Olfato* - uma vez, depois da meia-noite, que eu já estava na cama, enjoado, percebi um odor bem peculiar, um que nunca tinha sentido antes, pungente, mas não repugnante. Não estava difundido pelo cômodo, mas apresentava-se às minhas narinas em intervalos, como se abrissem um vidro de perfume. Pensei que pudesse ser da roupa de cama que estava ao meu lado. Virei para o outro lado e sentei-me na cama, tirando o pijama. Mas, em cada situação, continuava a aparecer o mesmo cheiro e com intervalos similares. Em um curto espaço de tempo, operado tanto emético e catártico, rapidamente aliviou meu enjôo.

Depois, quando de novo enjoado, senti o mesmo odor presente em mim, mas menos pungente e sem o efeito similar.

Nunca mais senti o mesmo perfume.

Certa vez eu estava presente quando um frasco contendo água, que havia sido purificada por destilação, foi passado de mão em mão, em

uma de nossas sessões, até que a água tornou-se medicamentosa e emitia um odor muito perceptível.

Tinha lido sobre um frasco de água preparado e usado como um espelho mágico e estava inclinado a tentar experimentá-lo. Água destilada, em um frasco, ficou algum tempo na mesa, em volta da qual estávamos reunidos, e foi depois posta em um armário. Após alguns dias, foi retirada e emitia um odor muito perceptível e foi-nos dito que estava medicamentosa.

Em ambos os exemplos, foi-nos dito que o medicamento tinha a finalidade curativa, e sei que o conteúdo de um dos frascos foi usado com tal objetivo e aparentemente deu resultados. Não posso falar especificamente quais, porque só sei os meios usados e o resultado. O que produziu tal resultado, não, posso, é claro, saber. Só posso julgar.²⁹

2. *Paladar* - nos primeiros estágios de minha investigação, eu estava em más condições de saúde, que aumentou ao passar dos anos, e creio de bom grado que fui materialmente ajudado por essa fonte invisível em minha recuperação. Disto eu terei a oportunidade de falar mais adiante, agora tenho apenas de lembrar que muitas vezes nas sessões, quando a presença de tal influência era muito palpável - e a experiência dá a ciência de reconhecer sem enganos - eu senti um sabor peculiar, como de medicamento, não como comida ou bebida, mas de gás ou vapor.

Já tinha ouvido de exemplos semelhantes, mas nem nesses casos nem comigo mesmo, posso fazer outra coisa senão falar hesitantemente, pois não posso ter certeza que a influência do espírito tem nada a ver com isso.

A água medicamentosa, da qual falei, tinha um gosto próprio tanto quanto o odor, e muitos exemplos do mesmo quilate têm-me sido

²⁹ N. do T.: claro exemplo de água fluidificada medicamentosa. Vide as obras da série "A Vida no Mundo Espiritual", de André Luiz, por Francisco Cândido Xavier, especialmente o livro "Nosso Lar."

relatados.

3. *Tato* - toques nas pessoas são muito mais comuns do que os outros dois anteriores.

A primeira vez que experimentei isso foi em uma sessão às escuras. Dez ou doze pessoas estavam presentes, sentadas ao redor de uma mesa. Dois presentes foram ditos para passar atrás do resto de nós. Como passaram tão devagar, cada um pareceu ser tocado. Às vezes, só pude julgar por suas exclamações, porém por outras eu podia ouvir o ruído de uma mão batendo muito distintamente. As manifestações eram muito rudes e ofensivas para mim, e eu estava muito apreensivo por uma mostra similar em mim, mas ao contrário, tudo que eu senti foi uma mão gentilmente pousar em minha cabeça, mover-se em círculos por um tempo e então dois ou três toques suaves em meus ombros. A sala estava escura, eu não podia, é claro, saber se havia sido feito pelas duas pessoas que estavam atrás de mim. Mas, não foi nem um pouco notável que fora feito para confirmar um pensamento que eu não havia pensado, tão diferente de todos os outros, antes e depois, durante a noite, e que era um toque com o qual eu era familiar, o gestual com o qual minha esposa passava pela minha cadeira, quando entrava em meu escritório de tarde e me descobria trabalhando em um caso do tribunal. Ninguém dos presentes, creio, poderia saber e era muito particular para ser considerado accidental.

Minhas dúvidas, de todo modo, foram logo removidas, não muito tempo depois, em uma sessão na qual meu braço foi segurado na altura do cotovelo, como se por uma mão de ferro. Senti distintamente a palma, a ponta do polegar e de cada dedo, sendo segurado muito forte com um poder muito superior a qualquer mão mortal. Estava indefeso. Tentei mexer, mas não pude. Tentei mover meu braço, mas em vão. Não havia a suavidade ou elasticidade da

carne humana no toque, mas era duro e inflexível como metal e meu braço estava sendo pressionado até as raias da dor. Ainda assim, não doía, mas simplesmente apertava. Poderia ser uma mão humana, e, porém, eu sabia que não era, pois pus minha outra mão na área afetada e em torno dela, de modo a ter certeza. Fiquei inquieto e querendo que me deixasse, mas continuou tempo suficiente para me mostrar que era independente de minha vontade, só aí que me largou.

Além desses exemplos, minha pessoa tem sido freqüentemente tocada, e por vezes sob circunstâncias que precludem a noção de ter sido por mãos mortais. Estenderia por demais este artigo, entrar em detalhes das circunstâncias, só tenho a dizer que, na época, eu era astuto e cético e trabalhei, como outros de períodos posteriores, sob o manto do medo que minha credulidade poderia impor e fazer-me ridículo por alguém que eu considerava meus inferiores na sociedade, se não intelectualmente. Eu estava, então, em uma constante busca por truques. Por vezes, os eventos ocorriam em tal maneira que poderiam ter sido feitos por mãos mortais, embora a conclusão justa era que não haviam sido, porém, nessas vezes, todas as dúvidas eram jogadas fora. Eu era tocado quando nenhuma pessoa estava perto o suficiente para fazê-lo; na luz, quando meus olhos diziam-me que nenhum dos presentes o fez; no escuro, quando ninguém sabia onde eu estava, ou mesmo que eu estava presente; meus pés eram tocados como se por uma mão, outras minhas roupas eram puxadas como se por uma criança; um empurrão no lado, como se por uma força aborrecida e inelástica, e duas vezes eu senti uma mão humana na minha pele. Em uma dessas ocasiões o toque era frio, mas não pegajoso, e na outra, era suave e mornamente carnal.

Estive presente em numerosas ocasiões quando outros disseram que haviam sido tocados, e agiram como se fossem, e quando era

evidente que não eram invenções, pois estavam realmente muito assustados. Uma vez, levei minha sobrinha, que permaneceu ao meu lado, tendo seu pé puxado tão forte que quase veio a cair; e em outra, um jovem que permanecia de pé ao meu lado foi derrubado em cima de mim. Eu o peguei, mas nossas forças conjuntas foram suplantadas e ele foi gentilmente levantado do chão e tirado de minhas mãos.

Essas coisas ocorreram nos primórdios de minha investigação. O trabalho foi feito em mim, testemunhei pouco ou quase nada deles mais tarde. Porém, eu estava então em um peculiar estado mental. Em um momento, parecia, pela natureza dos incidentes que não era possível ter havido engodos, mas subseqüentes reflexões sugeriam que poderia haver, e eu era, à época, ainda não um crente convicto. Enquanto nesse estado mental, essa inteligência incutia-me para publicar ao mundo o que eu havia testemunhado. Eu recusava e demandava mais provas. Responderam para mim que me dariam, e deram muito mais do que eu esperava.

Tomaria mais do que uma coluna de vosso jornal para relatar os eventos de tal memorável noite. Agora é suficiente para mim dizer que cinco médiuns foram reunidos, sem minha intervenção, e que por três horas e meia eu estava nas mãos dessa inteligência invisível que operava em uma grande variedade de modos.

Não tive medo durante a operação, mas por muitas noites, eu confesso que quando ia para cama eu estava apavorado pelo que fizeram comigo e até hoje, os incidentes estão vividamente gravados em minha memória.

O objetivo pareceu ser me convencer, através de meus sentidos, que havia um poder trabalhando não de mera origem mortal e tal foi atingido.

Talvez, em minha próxima coluna, detalhe os eventos daquela noite, mas agora eu já preenchi demais esta sem ainda aludir as mais

numerosas manifestações que são endereçadas aos sentidos da visão e audição. Eu devo deferir esse tópico para outra ocasião e fechar esta com o seguinte.

Primeiramente, que o que mais me surpreendeu, entre todas as maravilhas que observei, foi a inteligência que se mostrou em todas. Não eram apenas guiadas por ela, mas tinham um objetivo inteligente e mantinham uma conversação inteligente comigo.

Finalmente, outros podem perguntar, como um correspondente ponderável fez em uma carta recente, por que usar tais "modos baixos e vulgares" de comunicação? Eu respondo, eles não são mais inconsideráveis do que abrir a porta de uma prisão, ou dizer a uma mulher onde achar água. Porém, caracterizando-os como fazemos, eles têm um objetivo em mente - e estão atingindo-o com maravilhosa celeridade - convencer o homem de sua imortalidade apelando aos sentidos. O esforço de convencer ao apelar à natureza, à razão e à revelação foi em vão para a maioria da humanidade. O argumento agora vem desta forma - os cubos de letras de uma escola infantil - e vem com tal força que aquele que se colocar em sua trilha não escapará da convicção.

J. W. EDMONDS
Nova Iorque, 7 de maio de 1859.

V

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

Ao editor do New York Tribune.

Sr., agora procedo a considerar as manifestações cujo caráter se endereça aos sentidos da audição e visão, e devo, pela necessidade, ser breve e genérico.

1. Audição - foi por este sentido por qual primeiramente testemunhei as manifestações. Estava então tão situado que os maiores pensamentos em minha mente eram em relação aos mortos, "encontrar-nos-íamos de novo?" Confesso que tudo que ouvi dos ensinos religiosos, por quase cinqüenta anos, engendrou-me dúvidas quanto a existir futuro além do túmulo. Não foi minha culpa tê-las. Não queria ser um infiel, mas foram meus professores teológicos tão cheios de absurdos e contradições que, a despeito de mim mesmo, não podia acreditar neles. O futuro que eles ensinavam era revoltante ao julgamento Divino e aos meus instintos, e, incapaz de conceber outro, eu fui levado a duvidar se havia um, ainda que a noção de separação eterna era extremamente dolorosa para mim.

Esse era meu estado mental, e enquanto estava a procurar pela verdade, numa noite, quando só em minha biblioteca, uma voz falou em tons que temi ter sido silenciada para sempre, e respondeu a pergunta se "encontrar-nos-íamos de novo".

A voz era suave e gentil, mas distintamente audível, e, ó! quão familiar aos meus ouvidos!

Estava impressionado e, é claro, o primeiro pensamento foi que era

uma alucinação. Não podia conceber outra coisa. No entanto, como eu não sabia se eu podia ouvir ou não, eu não conseguia me livrar da idéia de que era uma realidade. Nunca sonhei com tal coisa como espíritos dos mortos sendo capazes de conversar conosco e, por várias semanas, eu debati a matéria em minha mente, tentando me convencer da falsidade do que eu estava obrigado a conhecer como um fato.

Então, foi aí que ouvi as "batidas de Rochester", em uma sessão ou entrevista, que durou apenas dez ou quinze minutos, mas cheio de interesse. No intervalo, pareceu que os sons não eram feitos por mortais, mas por algum poder desconhecido que era inteligente o suficiente para soletrar e escrever, manter conversações, ler pensamentos e responder questões inauditas, saber com minúcias o que eu estava fazendo, mostrar as características da pessoa professada em estar presente e mostrar sentimentos como alegria e afeição.

Havia o suficiente para atiçar minha curiosidade e entrei no curso das investigações. Por vários meses eu ouvi os sons em variegadas formas.

Ouvi-as em um vagão de trem enquanto viajava; no piso de uma lanchonete de estrada; no chão, quando parado do lado de fora do vagão; em uma porta acima além do nosso alcance; em um chão, seguindo um metro e meio ou dois atrás do médium enquanto este caminhava; sozinho em meu quarto de dormir, em diferentes locais; em uma porta aberta, onde ambos os lados podiam ser vistos; em uma janela e em um espelho; na minha pessoa e em outros; nas cordas de um piano; nas cordas de um violino além das muitas vezes repetidas batidas no chão e na mesa. Perfizeram os sons das mãos, escovas de cabelo, arco de violino e uma cadeira, e ouvi imitar o assobio do vento, o estalar de um navio em alto mar, o serrar e o

aplainar tábuas, a queda de terra em um caixão, o som de uma harpa eólica, de suave e distante música e, uma vez, um grito, como se em agonia.

E em todas essas formas transmitiu a inteligência não meramente aquilo que o som peculiar faz, mas soletrou palavras e sentenças, letra a letra.

Tal soletração foi feito por alguém ditando o alfabeto, e o som aparecendo na letra apropriada, com certos sons para designar uma idéia. Para facilitar a tarefa, a inteligência invisível adotou um jogo de sinais, com a ajuda do qual minhas primeiras conversas com ela foram feitas.

Anexo agora o esquema, dizendo que cada ponto é um som, mais ou menos pesado, ou mais ou menos perto de outro, como indicado pelo tamanho ou posição dos pontos.

● - não	●-●-●● - nós
●· - fim de palavra	●-●-●● - vós
·● - dois pontos	●●-●-●● - e
●● - fim de frase	5 - alfabeto
·· - ponto e vírgula	6 - qualificação
●●● - sim	7 - desaprovação
●●●● - ênfase	8 - sente-se perto
·●· - vírgula	sucessão de batidas - vá para trás
●●●● - feito, acabou	

Tem sido suposto por muitos que os sons eram como os que os mortais não poderiam fazer. Conforme minhas experiências avançavam, fui vendo que era um erro, pois eu nunca ouvi um que não pudesse imitar e sei que médiuns, falhando em obter os sons, os perfizeram. Mas o fato foi claramente demonstrado, que mais freqüentemente não eram feitos por mortais, nem meramente fortuitos, mas por uma inteligência que tinha vontade e motivos e

podia expressá-los, e que, quando perguntado, "quem e o que são vocês que fazem isso", podiam responder satisfatoriamente para qualquer mente racional e estabelecer a identidade.

2. Visão - não foi muito depois do modo de comunicação por batidas ter sido descoberto que as mesas girantes viraram moda. Não sei onde ou como se originaram. Parecem ter crescido das circunstâncias. Meia dúzia de pessoas sentadas ao redor de uma mesa com suas mãos sobre ela foi o método mais comumente usado para obter as batidas ou qualquer outra manifestação física. Mover a mesa foi freqüentemente uma delas e foi logo descoberta ser mais fácil do que fazer os sons e os sinais eram dispostos em igual maneira, embora diferentes movimentos da mesa serem usados para explicar noções diferentes. Assim, junto com as batidas, as palavras eram soletradas. Bastava alguém cantar o alfabeto e a mesa daria o sinal acertado para a letra devida.

Na Espanha, um diferente modo de usar a mesa foi desenvolvido. O alfabeto foi reduzido para vinte e quatro letras e cada letra era numerada. Os cantos da mesa eram numerados de um a quatro e os corners se moveriam para indicar a letra, então, se os cantos um e quatro se moviam, era a quinta letra, e por aí vai.

Nesta simples maneira, embora desajeitada e tediosa, o intercâmbio começou com centenas e milhares de pessoas, que então aprenderam as grandes verdades que ensinavam. Foi nosso curso primário e começamos com nosso alfabeto.

Houve embaraços sobre isso. Às vezes, quando o espírito não aprendera a ler, não podia soletrar as palavras. Às vezes, quando sua educação fora pobre, soletrava errado; e às vezes quando desconhecia nossa linguagem, não formulava uma frase em inglês.

Ainda assim, esse modo de comunicação foi usado e tornou-se o mais comum de todos.

O sentido da visão apelava a maioria pelos movimentos de matéria inerte, e nem sempre com objetivo de soletrar palavras. Ocasionalmente era para mostrar a presença da força.

Eu vi uma cadeira correr por uma sala, para frente e para trás, com nenhuma mão mortal a tocando. Vi mesas elevarem-se do chão e ficarem suspensas no ar. Eu as vi movendo quando ninguém as tocava. Vi um pequeno sino sobrevoando o cômodo sobre nossas camas. Observei uma mesa, na qual eu estava sentado, virar de ponta-cabeça, planar sobre minha cabeça, colocar-se atrás de um sofá e voltar ao lugar. Vi uma mesa ser elevado do solo, quando quatro homens fortes tentavam em vão segurá-la ao chão. Ouvi, de boas fontes, um jovem rapaz ser carregado pelo ar a metros do chão, dentro de uma sala de estar. Tenho visto pequenos artigos na sala voarem pelos ares e caírem no local designado para eles, às vezes, tão rapidamente que o movimento era invisível e tudo o que podíamos ver era que o objeto tinha mudado de lugar.

Isso é apenas um mísero resumo do que eu tenho testemunhado, fora os incontáveis incidentes testemunhados por outros em diferentes partes do mundo. Porém, é bastante mostrar que essas manifestações não são feitas por mortais, mas por um poder que tem todos os atributos dos mente e coração humanos. Para repetir uma observação que eu já fiz mais de uma vez, havia uma inteligência que podia, ler, escrever e decifrar, adivinhar nossos mais secretos pensamentos e falar em muitas línguas. De onde veio? Não da eletricidade ou magnetismo, como dito por muito, pois inteligência não é atributo deles. Não de ação mortal, pois havia matéria inanimada movendo-se sem contato mortal e sons feitos sem intervenção humana. De onde, então, além daquela fonte da qual apareceu a Agar, abriu a porta da prisão de Pedro e que pegou Filipe,

de modo que o eunuco não mais o viu?

Porém, seja o que for - uma ilusão, enganação ou satanismo - esta tão condenada fonte, as manifestações físicas vêm a provar o intercâmbio com os espíritos - a resposta para a questão "encontrar-nos-íamos de novo?" e a demonstração da imortalidade do homem.

Este é só o início. Há maiores e mais sacras verdades do que estas que são reveladas a nós e outros significados além dos que são usados, muito mais importantes e efetivos e para eles eu devo me encaminhar.

J. W. EDMONDS.
Nova Iorque, 23 de maio de 1859.

VI

TESTE DE MEDIUNIDADE

Ao editor do *New York Tribune*.

Sr., Lorde Bacon, acerca de Jesus de Nazaré, falou: "Todos seus milagres foram confinada ao corpo humano, toda sua doutrina dava-se respeito à alma humana." "Nenhum milagre seu se encontrou eivado de julgamento e vingança, mas, sim, em toda bondade, misericórdia e respeito no corpo humano."

Essas observações são igualmente verdade nas manifestações de hoje. Nenhum mal é feito, embora o poder para fazê-lo é apresentado, pois é restrito por uma inteligência anuladora e direcionada para nossa segurança e que se assegura da elevação de nossa natureza moral.

Nossa porção, de todo modo, das observações de Bacon não é estritamente verdade do que está ante nós. As maravilhas do dia presente não são "confinadas ao corpo humano." Almejando ainda sua elevação moral, vão além do que apelar aos sentidos. Eles dirigem suas emoções e razões como meios de sua regeneração, e isso pode propriamente ser denominado como prova mental da relação espiritual.

Com lugar nesta classe é o teste de mediunidade, mostrando de uma vez a presença de poder e a identidade da inteligência comunicante.

Não deve, de todo modo, ser entendido que esse processo de teste

é confinado às manifestações mentais, pois é aparente em todos os tipos de mediunidade. E aí surgiu entre nós uma classe conhecida como médiuns de teste - uma classe *sui generis* (uma classe por si só) - e tenho freqüentemente ouvido ser dito "não podemos responder esta questão através deste aparelho, deveis ir a um médium de teste."

Não entendo e não posso explicar o motivo disso. Apenas sei do fato que, através de alguns médiuns, os testes são facilmente dados, enquanto por outros são dados apenas incidentalmente.

É através desse processo de teste que os objetivos da realidade do intercâmbio entre nós e os espíritos dos falecidos aparecem. E vêm a nós com uma variedade de formas que será difícil enumerá-las. O máximo do meu esforço deve ser para dar uma idéia geral.

Primeiro, mesmo os sons e as mesas batedoras, independente das palavras soletradas, será sempre observado as características do indivíduo. Assim, um homem forte será pesado e veemente; uma criança, suave e leve - um homem calmo será brilhante e deliberado; um impaciente, rápido e rasteiro. Por vezes, as manifestações serão ousadas e arrojadas, por outras tristes ou alegres de acordo com as emoções do momento.

O sentimento contra essa matéria é tão forte em algumas mentes, que eu não posso dar nomes sem infligir dor. Se fosse de outro modo, eu poderia mencionar muitas pessoas, bem conhecidas nestas cercanias, cujas manifestações seriam reconhecidas de inopino como característico. Dois eu posso mencionar sem perigo de melindrar qualquer um e que ilustrarão meu ponto. Minha esposa vem gentil e alegre e Isaac T. Hopper, firme, claro e decidido.

Segundo, nomes, idades, datas e lugares são dados, por vezes ao escrever muitas palavras em folhas de papel, e então dobrando e embaralhando-as, tendo aquele correto sendo escolhido; por vezes

ao apontar uma sucessão de nomes e recebendo a manifestação na palavra certa; por vezes ao falar ou escrever a palavra, mesmo que simbolicamente.

Ocasionalmente, de todo modo, erros são feitos, e podem ser apenas um mero reflexo da mente, ou produto de clarividência. Porém é mais freqüentemente correto e a palavra dada é desconhecida do médium e não reconhecida pelo inquiridor. Um exemplo disto é quando, no momento, se insiste que a palavra está errada, porém depois se descobre acertada. Outra é quando a palavra dada é desconhecida a qualquer um presente.

Terceiro, cartas, cuidadosamente dobradas e seladas em envelopes, são retornadas lacradas e corretamente respondidas. Um médium em Boston, pelo nome de Mansfield, respondeu centenas de tais cartas, mostrando que há um poder que pode ler o que está dentro de um envelope selado e, pelo caráter da resposta, que deve ser o espírito que professa ser. Às vezes isso é testado pelas respostas contendo também uma cópia da carta então escondida.

Quarto, outra fase é exemplificada no *Banner of Light*, um periódico de Boston. Por muitos meses lá apareceu em suas colunas comunicações de espíritos, cuja existência e nomes eram totalmente desconhecidos do médium, só que foram reconhecidos não meramente pelos nomes, mas pelos incidentes contados e tratos de caráter demonstrados.

Quinto, médiuns videntes têm descrito os espíritos presentes que são então reconhecidos. Isso tem sido comum em minha casa há já alguns anos e centenas já testemunharam. Eu tenho ocasionalmente tal poder e menciono, como uma ilustração, que um jovem, desconhecido por mim, esteve uma vez em minha casa, eu vi os espíritos presentes e das minhas descrições ele reconheceu um quem eu nunca havia visto ou ouvido antes.

Sexto, através de médiuns psicofônicos e psicográficos, as características dos espíritos são mostradas inequivocamente. Por vezes, é a linguagem usada, pelo dialeto ou sotaque ou algum idioma em particular; por outras pela particularidade de pensamento e de outras mais pelo tom do sentimento.

Sétimo, incidentes são relatados ou aludidos que são conhecidos apenas pelo inquiridor e alguém que já faleceu. Por exemplo, não faz muito que recebi uma carta do Maine, propondo-se ser uma comunicação com o professor Hare. Ela referia a conversas nossas, apenas conhecidas por nós.

Oitavo, outro exemplo, que é um teste melhor da presença do poder do que a individualidade, é onde pensamentos de cada um são abertamente revelados. Já observei isso e vi o quanto o inquiridor ficou aturdido ao perceber a verdade - muitas vezes proclamada, mas raramente crida - que cada pensamento é decerto conhecido à inteligência que está ao nosso redor.

Eu não tenho espaço para entrar em detalhes. Eles preencheriam muitas páginas de vosso jornal. Devo me contentar com apelos para a experiência dos muitos que aproveitados por si próprios, como eu, das oportunidades apresentadas e com a adição para que todos possam testemunhá-los se quiserem. Mas eles terão de procurar e fatalmente encontrarão.

Se eles então procurarem, uma coisa os atingirá, como me atinge, e que é aquela que toda história, sacra e profana, está cheia de provas do relacionamento espiritual em todas as eras e condições da humanidade, não só até agora como veio em sua forma definida de identificação dos espíritos.

Há superior sabedoria nisto, venha de que fonte ela seja.

Se o espírito que aparece é alguém que eu nunca conheci, como posso ter certeza de que ele é ele? Contudo, se ele aparece como

alguém íntimo quando na Terra, cujas formas e características aparecem para mim como antes ou são minuciosamente descritas para mim, que fala de incidentes conhecidos apenas por nós, que mostra suas peculiaridades de caráter, que dá corretamente nomes, datas, eras e lugares conexos com sua vida terrícola, que evidencia as emoções naturais para comigo e tudo isso desconhecido pelo aparelho pelo qual ele veio, como pode a mente sã resistir à conclusão de que é o amigo falecido que veio se comunicar? E a maior conclusão de todas, se ele vive além do túmulo, eu viverei também?

Muitos descrentes inveterados em uma vida futura foram convencidos por estes argumentos. E ainda nos dizem que é tudo coisa do Diabo!

Será pensamento estranho que este recurso deva agora ser primeiro conhecido? Tais não são ocorrências incomuns na História humana. Temos o hábito de falar da arte da impressão como tendo sido descoberta nos últimos séculos. Ainda assim lemos que entre os antigos gregos e romanos, eles conheciam a arte de estampar letras em suas moedas e vasos e que em outros períodos os antigos praticavam tal arte. Mas eles não eram suficientemente avançados para apreciar o valor de sua descoberta e isso sucumbiu pelas eras. Assim como o princípio do sistema planetário de Copérnico anunciado dois mil anos antes de ter sido finalmente demonstrado por Galileu e Tycho Brahe e recebido pela humanidade.

E agora, com esta apresentação do relacionamento espiritual é nada além do legítimo resultado do progresso humano. Ao invés de adorar os espíritos como faziam os pagãos da antiguidade ao chamá-los de deuses, ao invés de dizer como os fariseus, isso é de Belzebu, ao invés de estar assustado com ele, como o mundo esteve nos dias da bruxaria, nós, nestes dias, temos o bom senso de perguntar o que

é; e nós aprendemos que, como tudo conectado com a humanidade, é capaz de desenvolvimento por estudo e de contribuição para nosso avanço.

E então, fora os aparentemente incongruentes elementos, floresceu um sistema de teste de mediunidade, pelo qual a longamente discutida questão acerca de nossa imortalidade é liquidada e é demonstrada tanto às mais simples quanto às mais brilhantes mentes, por um irresistível apelo aos sentidos, às emoções e à razão. Apesar de que para muitos seja verdade agora, como era antigamente, muitos outros não acreditarão, embora se alevante do túmulo.

J. W. EDMONDS.

Nova Iorque, 13 de junho de 1859.

VII

MÉDIUNS CURADORES

Ao editor do *New York Tribune*.

Sr., "E João, ouvindo no cárcere falar dos feitos de Cristo, enviou dois dos seus discípulos, a dizer-lhe: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide, e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes: Os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho." ³⁰

Mas não sozinho essas coisas foram feitas. "Chamou a si os doze, e começou a enviá-los a dois e dois, e deu-lhes poder sobre os espíritos imundos" ³¹. Ele escolheu setenta e os enviou dizendo "Curai os enfermos que nela houver, e dizer-lhes: É chegado a vós o reino de Deus." ³²

E quando lhe foi reportado que outros, não seus seguidores, estavam expulsando demônios em seu nome, ele disse: "Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo falar mal de mim." ³³

Agora, façamos o paralelo.

1. *Expulsar os demônios* - tirei essa frase das Escrituras, como indicativo de que o sujeito é possuído por uma influência que produz traquejos violentos, ou como diz as Escrituras: "Este caiu no chão e

³⁰ N. do T.: Mateus 11:2-5

³¹ N. do T.: Marcos 6:7

³² N. do T.: Lucas 10:9

³³ N. do T.: Marcos 9:39

começou a rolar, espumando pela boca." ³⁴

Tenho testemunhado muitos exemplos como este, quando o sujeito é aliviado simplesmente impondo-se as mãos e, às vezes, ao mero comando para que o espírito saia.

Eu estava em uma sessão em Troy, umas vinte pessoas presentes, quando um homem forte veio inconsciente e convulsionando violentamente. Ele batia na mesa com grande força e com ambos os punhos. Pus minha mão em sua cabeça, contra veementes esforços de sua parte em evitá-lo e em poucos momentos ele estava quieto e consciente. Uma vez um homem similarmente afetado em minha própria sala, que batia sua cabeça violentamente em uma mesa de mármore e caiu no chão em convulsões. Ele foi tratado pelos mesmos meios, embora mais lentamente. Um homem de Chicago esperou por mim, aflito com contínuas convulsões de seus braços e pernas e foi tratado pelo mero exercício da vontade. Ano passado, em minha casa, achei um homem caído no chão, torcido e convulsionando. Eu o levantei, compeli-o a sentar em uma cadeira, e então, com poucas palavras endereçadas não a ele, mas ao espírito que o influenciava, foi-lhe restaurada a compostura.

Estes exemplos bastam para ilustrar. Eles podem assustar alguém que não esteja familiarizado com o assunto, mas é apenas ignorância. Não é difícil entender e é fácil de aprender como controlar. Bom senso, firmeza e altruísmo permitem sempre um recurso adequado, para aquilo que muitas vezes, pela ignorância dos amigos, consigna o sujeito a um asilo de loucos, ou condena a um curso de tratamento médico prejudicial.

2. *Insanidade* - é uma acusação freqüente contra o Espiritualismo, e não vai muito que um jornal nesta cidade, em apoio à acusação, citou casos de vários asilos, provando que um dos cinqüenta casos fora

³⁴ N. do T.: Marcos 9:20

produzido por esta causa. Mas não teve a candura de dizer que três ou quatro vezes mais são produzidos por excitação religiosa e uma grande proporção por desapontamentos amorosos e dificuldades pecuniárias e, enquanto era honesto em insistir que o Espiritualismo devesse ser abandonado, não conseguiu tirar a conclusão ainda mais forte contra a queda no amor, busca de riqueza ou da religião.

É verdade que o Espiritualismo, como qualquer outra causa excitante, tem por vezes destrambelhado uma mente fraca, mas é também verdade que mais freqüentemente descobre a causa da insanidade e então indica o remédio. Mencionarei um exemplo.

Uma vez recebemos uma carta, contando acerca de uma mulher que ocasionalmente tinha ataques de manias. Médicos tentaram curá-la em vão, e seus amigos estavam a ponto de mandá-la para um asilo. Respondemos que ela estava nessas horas influenciada por um espírito de um parente que morrera insano e apontamos um método a ser executado. As partes eram todas estranhas a nós e muito depois descobrimos que seu pai, em um momento de insanidade, cometera suicídio e que com o método que aconselhamos, ela foi curada.

E o que as Escrituras querem dizer quando fala: "aproximou-se-lhe um homem, pondo-se de joelhos diante dele, e dizendo: Senhor, tem misericórdia de meu filho, que é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo, e muitas vezes na água." ³⁵ "E, repreendeu Jesus o demônio, que saiu dele, e desde aquela hora o menino sarou."? ³⁶

Eu conheço os sintomas da insanidade. Como minha vida profissional e judicial compeliu-me a estudá-la e a conversar com vários que morreram insanos, estou convencido que não há meios conhecidos entre os homens que possa fazer mais para curar e erradicar tal doença como o intercâmbio espiritual, bem entendido e sabiamente guiado. Quanto tempo passará antes que aqueles que se

³⁵ N. do T.: Mateus 17:14-15

³⁶ N. do T.: Mateus 17:18

especializam em tal doença obterão o bom senso de procurar nele ao invés de condenar sem julgamento e sem conhecimento?

3. *Curando os doentes* - este é um capítulo bem interessante, ainda assim eu devo necessariamente ser tão breve que eu sei que não posso dar algo além de uma pequena idéia do vasto amontoado de bem para a humanidade que tem fluído desta fonte.³⁷

Há dois modos pelo qual esse trabalho é feito. Um é descobrir qual é a doença e prescrever o remédio apropriado. Meu próprio caso ilustra bem isso. Por mais de trinta anos eu fiquei inválido, variando apenas por ocasionais ataques de longa e severa doença. Durante esse tempo, eu fui tratado de várias doenças. Minha última mais grave foi em 1854, quando caí de cama por quatro meses. Uma parte do tempo eu estava tão doente que a morte era esperada a qualquer momento. Então foi aí que os espíritos vieram em meu socorro. Eles descobriram que minha doença era algo que nenhum médico havia suspeitado, mas, através dos médiuns que então me cercavam não puderam me prescrever o remédio. Percorri mais de mil e novecentos quilômetros atrás de um pelo qual eles poderiam e a quem me indicaram. Sigo seu receituário desde aquele dia e agora estou na posse de melhor saúde do que eu tive por quarenta anos ou que eu esperava ter.

Há muitos médiuns neste país através de quem doenças são descobertas e curadas. Mas há uma mais incrível, embora de modo menos freqüente, e que é a simples imposição de mãos.

A seguir um breve resumo de alguns exemplos.

J. Loewendahl, do número 201 da Atlantic Street, no Brooklin, foi curado em poucos minutos de "uma violenta dor no lado" e "debilidade geral, acompanhado de uma enxaqueca constante," e em poucas sessões foi curado da neuralgia de quatro meses de duração,

³⁷ N. do T.: são os chamados "Healers", médiuns profissionais conceituados tanto nos EUA quanto na Inglaterra que muitas vezes trabalham conjuntamente com os médicos tradicionais. São tão organizados que possuem diversas associações e sindicatos.

de bronquite e de uma infecção nos rins.

William O. Page, do número 47 da West Twentys-seventh Street, de Nova Iorque, curou em poucos minutos uma mulher que tinha dispepsia e diarreia crônica de anos, e que estava, à época, desenganada pelo seu médico, pois também tinha inflamação no útero e trompas. Ele curou um reumático de uma vez ao impor sua mão e uma criança severamente atingida por febre reumática.

Dr. C. D. Griswold, de Buffalo, curou um caso de paralisia de que o paciente sofria há algumas semanas.

Rufus B. Newton, de Saratoga Springs, curou "doenças de coluna de oito anos", "doença coronária e paralisia do lado esquerdo", "dispepsia, fraqueza feminina e dor de coluna", "abscesso na mandíbula inferior, dor nos quadris e febre", "mal do coração, pressão na cabeça e desarranjo nervoso e dispnéia", "câncer", "cegueira de um olho e parcial em outro", "bronquite e catarro."

C. C. York, de Boston, curou reumatismo de quatro anos, surdez, dor de cabeça e vômitos, uma pessoa que por dois anos perdera a fala, um tumor externo, que estava crescendo há dois anos, febre reumática, dor de dente, um tumor escrofuloso e câncer.

John Scott, do número 36 da Bond Street, Nova Iorque, foi originalmente um maquinista de um vapor do Mississipi, mas há cinco anos tem sido médium curador em St. Louis, Louisville, Cincinnati, Columbus e Cleveland e nesta cidade desde fevereiro de 1858. Ele agora atende em sua casa de quarenta a cem pacientes, principalmente impondo suas mãos.

Deste modo ele curou um braço de um médico, envenenado no mortuário; reumatismo, inflamação crônica, mesmo onde os membros estavam distorcidos; cegueira total; um pé torto de nascença; febres, particularmente escarlatina e amarela; varíola, mesmo depois de estourada; cólera, da qual ele curou centenas e

nunca falhou; paralisia, onde, devido a idade, a cura é lenta e gradual; neuralgia; ossos fraturados e quebrados; insanidade; idiotia infantil de nascença; epilepsia; perda de sangue pelo nariz, boca e útero; edemas; falência de útero; hemorróidas; dispepsia; escrófula; cânceres, às vezes por absorção, às vezes por remoção do corpo; e restauração de membros deformados.

E tudo isso, repito, pela simples imposição de mãos.

Estes são uns poucos dos muitos casos de cura por imposição de mãos que são conhecidos entre nós. Detalhar mais, ou espalhar a prova que eu tenho posse, excederia meus limites. Mas isso basta para mostrar a existência do fenômeno hoje quanto antigamente.

Agora, qual conclusão pode ser tirada dessas coisas?

Prefiro responder a questão na língua dos antigos, também dos Pais da Igreja Cristã.

Tertuliano apelou para o poder dos cristãos sobre os possuídos por demônios, como um fato e uma prova da verdade da Cristandade.

Orígenes clamou que os sinais, maravilhas e vários poderes miraculosos que seguiam o Cristo eram todos "confirmações de Sua dignidade." E ele disse: "ninguém pode duvidar que os apóstolos perfizeram milagres e que Deus deu testemunha de seus discursos por sinais, maravilhas e vastos poderes. Nosso abençoado Salvador abundantemente descobriu que Seu poder era nada inferior a Deus, pelos freqüentes e incontestáveis milagres que forjou, mesmo na presença dos judeus, mas dos quais eles tentaram se esquivar com o pretexto de que foram feitos com a ajuda do Diabo." Disse ainda, "Cristandade não é endividada, seja por sua origem ou progresso, para com a influência humana, mas para com Deus, que Se manifestou pelos meios de vários milagres, fundando Sua religião a partir deles."

Arnóbio perguntou, "era Ele um mortal, e um de nós, a cuja voz

doença e enfermidade desapareciam? Cujas presença a raça dos demônios, escondida nos corpos dos homens, não podiam lidar? Que os afugentava? Cujos leve toque curou o sangue, restaurou a mão atrofiada, e deu olhos mesmo para aqueles cegos de nascença? Quem curou centenas acometidos de diversas doenças?"

Eusébio disse "Observem seu conhecimento, sua sabedoria, seu trabalho miraculoso! Certamente a matéria é divina e como tal excede todo empreendimento humano." Crisóstomo disse "Os apóstolos não introduziram ou espalharam a Boa Nova pela força das armas ou riqueza, mas pelas suas palavras simples em si mesmas, que eram sustentadas pelos milagres. Ao proclamar um Redentor crucificado, eles produziram trabalhos miraculosos, e então subjugarão toda a Terra." E Augustino aduziu os milagres de Jesus como sendo mais do que eventos incomuns, enumerando entre eles, o doente que foi curado, a força restaurada ao paralisado, visão ao cego, cura do surdo, etc.

Paley, em seu *Evidences of Christianity*³⁸ apelou aos milagres para fundar sua prova, e Bolton, em seu trabalho sobre o mesmo assunto disse, "todos concordam em permitir que um milagre, se puder ser provado autêntico, é uma das mais fortes provas que qualquer causa pode possuir." ³⁹

Agora, quando refletimos que a cura de doentes é um dos milagres referidos por todos esses baluartes da Cristandade, podemos nós não perguntar o porquê da mudança de caráter da prova quando aplicada ao Espiritualismo?

J. W. EDMONDS.
Nova Iorque, 27 de junho de 1859.

³⁸ N. do T.: William Paley (1743-1805) foi um teólogo e filósofo britânico, a obra citada não tem tradução em português.

³⁹ N. do T.: William Jay Bolton, em *The Evidences of Christianity as Exhibited in the Writings of its Apologists Down to Augustine.*, também sem tradução em português.

VIII

FALA EM VÁRIAS LÍNGUAS

Ao editor do *New York Tribune*.

Sr., há algum tempo um publiquei um folheto, no qual mencionei diversos exemplos de falas em outras línguas⁴⁰, alguns dos quais dentro de meu próprio conhecimento. E quando aceitei o convite de escrever estas colunas, eu inseri um pedido no *Banner of Light* por casos similares em qualquer lugar e em resposta recebi um enorme número de cartas. Destas duas fontes eu compilei uma definição genérica. Não posso fazer mais por hora, mas em algum dia no futuro darei ao mundo em detalhes. Basta agora dizer que aquelas cartas dão nomes, datas e lugares que podem ser verificados, e algumas delas são atestadas por várias assinaturas; e, em alguns exemplos, relatam a fala no que parece ser uma linguagem bem organizada, mas desconhecida dos ouvintes, e que pode ser meramente algaravia sem sentido, cujos alguns exemplos eu já ouvi. Excluo daqui todos os casos onde os médiuns falavam as línguas as quais já tinham conhecimento ulterior. Menciono nomes onde quer que me foi permitido, e mantenho as provas comigo para inspeção de quem desejar.

Minha filha, que sabe apenas inglês e francês, falou em francês, grego, latim, italiano, português, polonês, húngaro e vários dialetos indígenas, e por vezes não entendia o que ela mesma falava, embora

⁴⁰ N. do T.: republicado neste mesmo opúsculo como Falas em Muitas Línguas, folheto número cinco.

era entendido pelo ouvindo que era endereçada a conversa.

Minha sobrinha cantou em italiano e falou em espanhol.

Sr. Finney, de Cleveland, Ohio, falou em grego e interpretou-o.

Sra. H. Leed, de Boston, falou em chinês.

Sra. Shephard, de Albany, N.I., falou em italiano, espanhol e português.

Sra. Dra. Metler, de Hartford, Connecticut, alemão e hindu.

Sra. Gilbert Sweet, de Nova Iorque, francês, italiano e hebraico.

A filha do Gov. Tallmadge, em almeão.

Dr. John F. Gray, de Nova Iorque, testemunhou, através de batidas e tapas na mesa, em malaio, hebraico e espanhol.

Srta. Inman, de Nova Iorque, em espanhol.

Sra. Tucker, de Nova Iorque, em dinamarquês.

E Srta. French, de Nova Iorque, em nove diferentes línguas.

Aqui termina o extrato de meu folheto. A seguir é uma compilação das cartas.

B. S. Hoxie, de Cooksville, Rock Co., Wisconsin, relata vários exemplos de dois jovens falando chinês.

Wm. R. Prince, de Flushing, Nova Iorque, relata exemplos, um da Srta. Susan Hoyt, e de um Sr. Smith, perto de Newtown que falou italiano.

Seth Whitmore, de Lockport, Nova Iorque, constata que seu filho, de quase dezessete anos, falou hindu e, em uma de suas sessões, muitos dos presentes falaram naquela língua e em italiano, sendo os médiuns Dr. G. C. Eton, Sra. Heath e Sra. Scott, mãe de Cora L. V. Hatch.

Sra. Mary H. Underhill, de South Malden, Massachussets, relata o exemplo de um médium falando chinês.

Através de A.D.Ruggles, de Nova Iorque, francês foi escrito e que em resposta a uma carta selada em francês, o francês e a tradução foram

dadas em resposta; houve escritos também em alemão, armênio, grego e latim.

Robert Wilson, de Keene, N.H., relata o exemplo de um médium falando italiano.

De Braintree, Vermont, fui informado de um médium que conversa em francês, e de um médium em Barnard, Vermont, com o nome de Frederick Davis, que fala "quase (e eu não sei como, contudo) todas as línguas que são faladas nesta era do mundo."

Jon Ally, de Lynn, Massachussets, certifica que Sra. John Hardy falou em hindu e francês.

Através de J. B. Mansfield, de Boston, comunicações foram dadas em chinês, grego, latim, italiano, alemão, gaélico, hebraico, francês e espanhol.

Benjamim Dean, de Lee, Massachussets, diz que sua filha de onze anos fala e canta em italiano.

E. Warner, de Milan, Ohio, diz que Sra. Warner fala alemão e hindu.

Dr. James Cooper, de Belfontaine, Ohio, relata que sua enteada, de quatorze anos, fala ou canta em gaélico, alemão, galês, grego, hebraico, seminolês e outras, no total de nove.

Sra. J.G. Stearns, escreveu-me de Battle Creek, Michigan, que ele fala em hindu, japonês e francês.

John B. Young, de Chicago, relata que sua esposa fala italiano. Ela e outros dois, um deles um rapaz, fala fluentemente em espanhol um com outro, e ela e uma moça falam e cantam e alemão.

Sra. Sarah M. Thompson, de Toledo, Ohio, fala a língua indígena pawnee.

Aqui, então, são dezenas de casos, ocorrendo na presença de centenas de testemunhas, testadas sob circunstâncias que precludem toda idéia de conluio e estabelece o fato tão conclusivamente quanto o testemunho humano pode fazer. O que vamos fazer com isso?

Este é o relato das Escrituras quando os apóstolos estavam reunidos no dia de Pentecostes, que "começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem." ⁴¹; que havia então em Jerusalém "homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu" ⁴², "cada um os ouvia falar na sua própria língua"⁴³ e "todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? e outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto." ⁴⁴

Paulo, em sua epístola aos Coríntios, reconheceu entre os dons espirituais dos quais ele não teria ignorância da "variedade de línguas" e da "interpretação das línguas."⁴⁵ E o paralelo entre o passado e o presente estará completo quando eu somar um fato mencionado em algumas daquelas cartas que não tem sido incomum que línguas desconhecidas, faladas por um médium, houve interpretado por outro, ou pelo mesmo médium, pois a inteligência que perfez essa maravilha percebeu a dificuldade experimentada por Paulo, "Por isso, o que fala em língua desconhecida, ore para que a possa interpretar. Porque, se eu orar em língua desconhecida, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto." ⁴⁶

Repito, o que faremos com isso? Não podemos negar o fato, pois o testemunho humano não pode ser desperdiçado, e a pergunta será refeita, onde a natureza humana mudou desde os antigos dias que o que ele já foi capaz de fazer e que não possa fazer de novo? Considerá-lo como uma decepção exigiria ter um grau de credulidade superando de longe o que exigimos para o testemunho. Para repetir que essas pessoas estão "cheias de mosto", seria

⁴¹ N. do T.: Atos 2:4

⁴² N. do T.: Atos 2:5

⁴³ N. do T.: Atos 2:6

⁴⁴ N. do T.: Atos 2:12-13

⁴⁵ N. do T.: 1 Coríntios 12:10

⁴⁶ N. do T.: 1 Coríntios 14:13-14

zombaria tanto quanto foi por toda a cristandade por quase dois mil anos.

Foi considerado então, e tem sido desde lá, que esta manifestação de "dom espiritual" era prova da divina natureza da missão com a qual os apóstolos foram encarregados. E por que, eu perguntaria, não é o argumento tão bom agora quanto era na época, e por que não é tão aplicável aos novos fatos quanto aos antigos?

Por minha parte, quando eu contemplo executadas no dia de hoje, em nosso próprio meio, quase todas as maravilhas relatadas no Novo Testamento, nas quais a religião cristã justamente repousou seu clamor por uma divina origem; quando eu vejo mesmo "coisas poderosíssimas" feitas agora, como foi prometido; e quando eu contemplo as sublimes e belas verdades das quais essas maravilhas são os instrumentos do trazimento à atenção do homem - eu paro sem fôlego e reverentemente tomo conhecimento que "a mão que as fez é divino."

Destas verdades, eu ainda terei ocasião para falar neste jornal. Agora, termino este artigo ao noticiar manifestações em algum grau conexo com o assunto, do qual eu freqüentemente ouço, embora nunca tenha pessoalmente testemunhado.

Sr. A. O. Millington, de Springfield, Illinois, escreve que "A Corrente da Esperança havia tomado seus lugares à mesa, havendo visitantes presentes, de acordo com o costume, a médium requisitou a todos que examinassem seus braços e todos disseram que estavam livres de qualquer tipo de marca. Então, em poucos momentos, seus braços começaram a ficar frios como se mortos, e o nome da minha primeira esposa veio em letras flutuantes de mais ou menos cinco centímetros, tanto de altura quanto de largura (todos viram claramente, pois uma lamparina de dois acendedores queimava a mesa), e então, desapareceu. E, por pedidos, as iniciais A. M.

apareceram em seu braço e também desapareceram em poucos minutos. O nome escrito era A. Millington, perfazendo onze letras, A. de Almirah, Millington sendo meu próprio sobrenome. Agora por testemunhas, nove adultos estavam presentes: A. H. Worthen, geólogo da Illinois State; Sarah B. Worthem, esposa do citado anterior, de Springfield, Ill.; George Bond, comerciante, de Quincy, Ill.(não é espiritualista e permitiu usar seu nome); B. A. Richards, editor, Springfield, Ill. e Matilda Richards, sua esposa; Thomas Worthen; Molly Booth, a médium; Harriet Millington; A. O. Millington."

J. W. EDMONDS.
Lake George, 1º de julho de 1859

IX

MÉDIUNS PSICOFÔNICOS E PSICÓGRAFOS

Ao editor do *New York Tribune*.

Sr., todos os tipos de mediunidade, exceto a psicofonia e a psicografia, são necessariamente lentos no processo de comunicar pensamentos, pela razão que necessitam de símbolos ou soletração de palavras e frases, letra a letra. Por isso que, tão logo o fato do intercâmbio espiritual foi estabelecido, médiuns escreventes e falantes começaram a ser desenvolvidos com os quais o pensamento é muito mais rapidamente proferido.

Estes tipos de mediunidade, como todos os outros, são marcados pela grande variedade de formas, e como os outros, são capazes de desenvolvimento pelo estudo apropriado. Sobre eles só posso falar das características gerais e principalmente da mediunidade após ter vindo através de algum processo de estudo.

As características gerais são que as palavras e frases são escritas ou faladas e pensamentos proferidos que não são produtos ou da mente ou da vontade do médium.

Não é sempre fácil asseverar isso. Um médium está em sua presença escrevendo com facilidade, ou falando com fluência, a natural conclusão é que é sua própria mente quem perfaz e a prova deve, por necessidade, ser forte para estabelecer que é de outro modo. Essa prova, de todo modo, será encontrada por qualquer um

que pacientemente investigar até o fim. Tenho-me esforçado a assim proceder e mencionarei algumas provas proeminentes a fim de mostrar que é alguma outra mente além da do médium que está agindo.

1. Uma é aquela na qual o médium fala em uma língua desconhecida por ele, a qual, de todo modo, ele transmite distintamente pensamentos e profere sentenças completas que são inteligíveis por aqueles que falam a língua.

2. Outra é que, às vezes, o médium conhece e, em outras, ele não conhece, o pensamento que está então proferindo em uma língua estranha e que não é sua opção ou está sob seu controle.

3. O médium freqüentemente refere-se a eventos e relata incidentes desconhecidos por ele, mas reconhecidos por outros presentes na hora como verdadeiros.

4. Ele freqüentemente refere-se a eventos e incidentes desconhecido tanto a ele quanto aos presentes, mas que são posteriormente verificados como verdadeiros.

5. Profetiza eventos que vão acontecer e que acontecem, sobre assuntos que não tinham conexões e dos quais não tinha conhecimento.

6. Várias vezes descreve pessoas, dá nomes e delinea características, que são reconhecidos por outros como corretos, porém ele ignora completamente.

7. Profere pensamentos em conflito com seus sentimentos, que ele não recebe e repudia.

8. Escreve e emana coisas das quais é ignorante na hora da emanção. Tal é o caso com os médiuns mecânicos ou de transe. Eles não sabem o que escrevem ou dizem; e uma vez eu tive o serviço de um psicógrafo que não estava em transe, mas freqüentemente escrevia assuntos os quais ele sabia, mesmo na hora, que ignorava.

9. Mostra conhecimentos de ciências e artes, que são bem conhecidos que ele não os possui, e usa palavras e termos técnicos, cujos significados ele também desconhece.

10. Perfaz discursos, marcado por sérios argumentos e profundos pensamentos, muito além de sua capacidade. Por exemplo, testemunhei uma jovem, de uns dez anos, uma criança abandonada, mal tendo conhecimento do alfabeto, debater com cavalheiros de avançada idade e de excelente educação sobre assuntos e de uma maneira que os desconcertava, parecendo Jesus com doze anos, "no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os. E todos os que o ouviam se admiravam da sua inteligência e das suas respostas."⁴⁷

11. E, para somar a tudo isso, o médium é incapaz de fazer isso a seu bel-prazer, mas apenas quando sob influência de alguma inteligência invisível. Tenho visto freqüentemente médiuns tentarem em vão chamar o poder sob circunstâncias quando tudo induziria ao sucesso, e sei de exhibições detidas no meio do caminho, quando o médium foi profundamente abalado pelo fracasso.

Estas e diversas outras evidências que não tenho o espaço para enumerar, mas que o cândido investigador pode prontamente observar por si mesmo, darão a ele a certeza de que há horas e ocasiões quando o médium está escrevendo ou falando pensamentos que não são próprios, mas fluem de uma mente e vontade fora e além de si mesmo.

Isto não é impossibilidade, embora assim possa parecer. O poder é reconhecido pelo aprendizado, independente do Espiritualismo. Wilkinson, em seu tratado *The Human Body, and its Connection with Man* (O Corpo Humano e sua Conexão com o Homem), assim falou: "E também, se a alma ou espírito, ou qualquer outro espírito ou

⁴⁷ N. do T.: Lucas 2:46-47

influência, pode fazer a imaginação ou os movimentos de pensamento na substância cerebral, estes parecem tanto nossos próprios pensamentos como se nenhuma influência houvesse sido exercida. Mas em ambos os casos, que seja lembrado, há um objeto fora da faculdade excitada; embora, em um caso, o objeto está fora do organismo, externamente; em outro caso, fora, internamente.

Há, de todo modo, algumas considerações acerca de cada um desses tipos de mediunidade.

1. *Como psicógrafo*: às vezes a escrita é meramente mecânica, o braço do médium se move por outra força além da própria, estando ele inconsciente do que esteja escrevendo ou mesmo que esteja escrevendo. Outras vezes ele é cômico de tudo que faz, mas está indefeso pelo impulso externo; escreve por impressão, os pensamentos sendo dados a ele, mas a linguagem usada é a sua própria; outras, está cômico de cada palavra que escreve, mas inconsciente do que é a sentença que ele forma, pode até estar consciente da sentença, mas não sabe sua conexão com o que foi escrito antes ou que virá a seguir; pode escrever em sua língua materna ou em uma estrangeira desconhecida por ele; pode escrever em caracteres aparentemente sem sentido parecendo meramente garatujas, como uma criança aprendendo a escrever ou em bem-formados hieróglifos, que são interpretados e entendidos; às vezes a distinta caligrafia do médium é preservada, em outras, através do mesmo médium, uma diferente caligrafia é cuidadosamente preservado para cada espírito comunicante, e pode ser imitada até a do próprio espírito comunicante, que o distinguia em vida.

2. *Como psicofônico*: aqui, também há uma grande variedade nas manifestações, e é apenas das formas gerais que posso falar - a principal diferença nos tipos acontece quando o médium fica ou em transe ou em uma condição normal. Entre esses dois extremos, há

todas as sombras concebíveis de condições.

Sei de médiuns que quando falam têm toda a consciência suspensa, como se não vissem qualquer objeto, ouvisse qualquer som ou sentissem qualquer ferida na carne. Tenho visto-os quando apenas um dos sentidos é suspenso, como, por exemplo, incapacidade de ver, embora ouvir e sentir se apuram. Já os vi quando totalmente cômnicos de tudo o que estava ocorrendo e, ainda assim, sem o poder de exercitar qualquer controle sobre seus próprios órgãos, e já presenciei quando o médium estava em total posse de consciente e volição, e ainda assim proferia pensamentos de uma inteligência que não era a sua.

Considero o último a mais perfeita espécie de mediunidade - pois a supremacia da própria individualidade é deixada intocada, O transe e o semitranse são realizados apenas por causa da indisciplina do médium pois a menos que sua consciência e volição sejam suspensas, seus próprios pensamentos e vontade coloririam, interfeririam e, às vezes, interromperiam a manifestação. E eu tenho observado que médiuns, originalmente usados apenas em estado de transe, gradualmente, como se permitissem a si mesmos evoluírem, têm ficado cada vez mais em sua condição normal enquanto aparelhos.

Isto, de todo modo, é comparativamente raro e requer um incomum grau de cultura mental e autodisciplina. Eu não sei se eu já vi um médium melhorar a condição do estado que, ao que me parece, serem capazes de alcançar.

Sob tal estado de coisas, há uma séria dificuldade, também muito negligenciada, aquela na qual a mente do médium afeta a comunicação.

Tal tem sido o caso com as revelações em todas as eras do mundo. Não é, nem pode ser, perfeito, até que o próprio homem - o canal através do qual é necessariamente dado - seja perfeito.

Entremetentes, de todo modo, entre todos esses desencorajamentos, há horas que vem puro e imaculado, e aí aparecem a nós, como antigamente, revelações dos maiores momentos para os homens.

O que eles são, eu terei ocasião de brevemente relatar em minha próxima e última coluna desta série.

J. W. EDMONDS.
Lake George, 5 de agosto de 1859.

X

O FIM E ALVO DO INTERCÂMBIO ESPIRITUAL

Ao editor do *New York Tribune*.

Sr., não existe nenhum tópico conexo com o assunto em tela menos bem entendido do que este, mesmo pelos firmes crentes no intercâmbio, e mesmo minhas concepções disto, imperfeitas como elas devem necessariamente ser, mal puderam ser detalhada dentro dos limites de minha última coluna. Posso tentar apenas referir-me brevemente as mais importantes considerações.

1. Nenhum homem ou mulher que provavelmente já viveu em algum momento não sentiu um desejo de ainda mais uma vez manter a comunhão com algum ente querido que a morte removeu de vistas, e esta prece, tão instrutiva e tão universal com toda a família do homem, é agora, na beneficência de uma Providência Divina, respondida mais especial e mais geralmente do que jamais fora. E a primeira coisa demonstrada a nós é que podemos nos comunicar com os espíritos dos falecidos; que tal comunicação é através da instrumentalidade de pessoas ainda vivas; que o fato da mediunidade é afetado por causas morais e que o poder, como todas as nossas outras faculdades, possuem diferentes graus e é capaz de ser desenvolvido pelo estudo.

2. É também demonstrado que o que tem sido acreditado em todas as eras do mundo e em todas as religiões, tais como, relacionamento

entre o homem na vida mortal e uma inteligência no mundo invisível do além-túmulo - após ter passado pelas fases de revelação, inspiração, oráculo, magia, encantamento, bruxaria, clarividência e magnetismo animal - há, nesta era, culminado em uma manifestação que pode ser provada e entendida e, como qualquer outro dom outorgado ao homem, é capaz de ser mantido por ele no bem ou pervertido ao mal.

3. O que tem, assim, negociado com o homem em todos os tempos não é, como alguns supõem, a voz direta do Criador, nem do Diabo, como um ser cuja existência é independente e tem certa soberania no universo de Deus, nem de anjos, como uma classe de seres com criação distinta da família humana, mas dos espíritos daqueles que, como nós, viveram na Terra em forma mortal.

4. Tais coisas sendo estabelecidas, pelos meios que mostram propósito e desenho inteligentes, elas demonstram a imortalidade do homem, e que em um modo simplíssimo, ao apelar tanto a sua razão, afeição e sentidos. Então mostram que aqueles que uma vez viveram na Terra ainda vivem depois de terem atravessado os portões da morte e deixam em nossas mentes a irresistível conclusão de que, se eles vivem, nós também viveremos. Essa tarefa ao Espiritualismo já realizou mais em suas milhares apresentações, decerto, nos últimos dez anos do que todos os púlpitos desta terra - e o trabalho ainda continua. Boa sorte a ele! Pois está fazendo o que a razão sozinha do homem tem por eras em vão tentado fazer e o que, nesta época de infidelidade, parecia impossível de realizar.

5. Então, também, está confirmada para nós a religião cristã, que tem sido tantas vezes questionada ou negada. Não, decerto, aquela que o sectarismo nos dá, nem aquela que descende a nós das eras sombrias, depravada pelo egoísmo ou distorcida pela ignorância, mas aquela que foi proclamada através do Espiritualismo de Jesus de

Nazaré, na simples injunção do "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas."⁴⁸

6. Como pela inspiração de uma criança abandonada no Nilo, houve revelado ao homem a existência de um Deus acima de todos, ao invés das muitas deidades que então eram adoradas; e como pela inspiração daquele que nasceu em uma manjedoura, houve a seguir revelado a existência imortal do homem além do túmulo, do qual até mesmo o mais iluminado tinha então uma mísera noção, agora, através dos humildes da Terra, vem uma nova revelação, confirmadora daquelas, e somando a poderosa verdade que é a existência na qual aquela imortalidade é passada.

Através de todas as manifestações - em cada forma e em cada linguagem - qualquer que sejam as discrepâncias, incertezas e contradições em outros assuntos, neste da natureza da futura existência humana, todos coincidem e harmonizam-se. Vem em fragmentos de revelações dispersas, aqui um pouco, ali, um pouco mais, parte através de um e parte através de outro, mas formando, quando ajuntados, um todo sublime, do qual nós podemos certamente aprender a natureza e condição da vida na qual havemos de entrar após esta haver de terminar.

Isto, como entendo, são o grande fim e alvo do movimento, tudo mais sendo meramente incidental a ele. Mas isso é apenas o começo, e o progresso é lento, não por falta do poder de comunicação, mas por falta da capacidade de compreender. Muito do que já havia sido revelado, por esta causa não foram recebidos, até mesmo pelos espiritualistas mais avançados, e, é claro, não foi dado para o mundo.

⁴⁸ N. do T.: Mateus 22:37-40

Mas o trabalho está avançando. Mais é somado dia a dia. E não demorará muito será recebida por todos abertos a sua concepção de um conhecimento de nossa futura existência, cujos valores nenhum homem pode calcular - cujos efeitos nenhum homem pode imaginar.

7. Bastante, de todo modo, já foi dado para mostrar que o destino do homem é o PROGRESSO, para o alto e avante, de seu nascimento para a eternidade. Circunstâncias podem retardar, mas não podem interromper seu destino e a liberdade do homem é que ele pode acelerar ou frear, mas nunca retrogradar. Ele pode acelerar, assim como aquele cuja vida na Terra tinha sido dedicada a fazer o bem a seus semelhantes, e que me disse que ele havia falecido na plena consciência da mudança, se encontrado cercado e bem-vindo por todos aqueles que tinha ajudado enquanto na Terra e não parou nem um momento na esfera do remorso; ou ele, por uma vida de pecado e egoísmo, pode retardar por um período longo o suficiente para satisfazer a vingança de uma deidade furiosa - se tal coisa possa existir.

8. Nosso progresso tem de ser em conhecimento, em amor e em pureza. Em tudo deve ser. E qualquer circunstância que nos faz em qualquer um destes elementos a ficar para trás no avanço dos outros, é certo que traga conseqüências infelizes em sua trilha, embora nem sempre seja a infelicidade. Tão claro, tão universal é essa conclusão para progredir em todos os três elementos, que as heresias que pululam entre nós de nossos conhecimentos imperfeitos deles, não precisam nos dar alarme.

Mesmo a doutrina do Amor Livre, revoltante como é, mas que alguns equivocados têm tentado impingir a nossa linda fé, precisa causar nenhuma ansiedade, pois prodigalidade no amor é incompatível com o progresso na pureza. E enquanto o mandamento é "ame ao teu próximo", assim sempre atendente sobre ele é que

outras: "Sede puros, assim como vosso Pai do céu é puro." ⁴⁹

Muitas considerações menores são incidentais àqueles pontos mais importantes, as quais não posso agora lidar. Por uma cuidadosa atenção, elas serão todas encontradas consistentes com essas matérias maiores. Distorcidas às vezes por uma imperfeição dos médiuns através dos quais o intercâmbio é feito, e às vezes pervertido pela paixão daqueles que a receberam, ainda assim, cuidadosamente considerada e pacientemente estudadas até o entendimento, posso seguramente asseverar, após quase nove anos de honesta atenção ao assunto, de que há nada nisto que não diretamente tenda ao valor das mais elevadas virtudes privadas e públicas.

Verdade, para alguns é uma mera matéria de curiosidade, e para outros uma filosofia, mas para muitos é agora, e que para todos no fim será, uma religião; porque toda religião é a ciência da vida futura, e porque nunca falha em acordar no coração aquela devoção que é de uma só vez um emblema e um atributo de nossa imortalidade.

J. W. Edmonds,
Lake George, fins de 1859.

⁴⁹ N. do T.: A tradução mais utilizada em português, a do Padre Almeida, deste versículo de Mateus 5:48 é "Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito.", pois a palavra em grego original também significa pureza, santificado, completo.

